

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Maria Alice Andrade

**“A RECUSA DA REALIDADE NA CONCEPÇÃO
FREUDIANA SOBRE AS PERVERSÕES.”**

Maringá
2009

Maria Alice Andrade

**“A RECUSA DA REALIDADE NA CONCEPÇÃO
FREUDIANA SOBRE AS PERVERSÕES.”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá, como parte dos requisitos para a obtenção do título de mestre em Psicanálise e Civilização. Área de concentração: Constituição do sujeito e historicidade.

Orientador: Prof. Dr. Hélio Honda.

Maringá

2009

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá – PR., Brasil)

A553r Andrade, Maria Alice
A recusa da realidade na concepção freudiana sobre
as perversões / Maria Alice Andrade. -- Maringá, 2009.
139 f.

Orientador : Prof. Dr. Hélio Honda.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de
Maringá. Programa de Pós-Graduação em Psicologia,
2009.

1. Freud, Sigmund, 1856-1939 - Crítica e
interpretação. 2. Perversão - Concepção freudiana. 3.
Metapsicologia. 4. Sexualidade - Concepção freudiana.
5. Recusa da realidade - Concepção freudiana. I.
Honda, Hélio, orient. II. Universidade Estadual de
Maringá. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III.
Título.

CDD 21.ed. 150.1952

Resumo

Este estudo visa esclarecer o conceito de perversão na obra de Sigmund Freud e a forma pela qual a perversão surgiu e se constituiu ao longo de sua investigação. Buscou-se examinar a evolução do conceito de perversão na obra de Freud, de 1894 à 1938. Por meio de textos escolhidos segundo uma ordem cronológica, pretendeu-se a reconstrução do caminho feito por Freud, visando elucidar como o conceito de perversão se desenvolveu e proporcionou condição para o esclarecimento acerca das peculiaridades da natureza humana. Discute a hipótese de Freud sobre a natureza pulsional e as manifestações perverso-polimorfas da sexualidade, presentes desde a infância, que contribuiriam para a proposição de uma teoria sobre a estruturação da sexualidade humana e a constituição e funcionamento do psiquismo. Finalmente, procura-se esclarecer como se dá o mecanismo que possibilita a relação do sujeito com a realidade, a saber, o mecanismo denominado por Freud como recusa da realidade (Verleugnung). Em decorrência de tal mecanismo, uma percepção seria ao mesmo tempo aceita e recusada. Em termos mais específicos, o que seria aceito e recusado seria a percepção da castração e todas as conseqüências psíquicas que dela derivam. A recusa será o mecanismo psíquico mediante o qual o funcionamento perverso se constitui e trama sua teia, para manter vigente às concepções que o sujeito elabora na infância acerca da sexualidade, das diferenças sexuais e da possibilidade de uma vivência onipotente.

PALAVRAS-CHAVE:

Perversão – Sexualidade – Recusa da Realidade – Metapsicologia – Freud.

Abstract

This study aims to clarify the concept of perversion in the work of Sigmund Freud and how the perversion appeared and was represented throughout its investigation. This research pursued to analyze the evolution of the concept of perversion in the works of Freud, from 1894 to 1938, through texts chosen according to a chronological order, with the purpose to reconstruct the path made by Freud, objectifying to elucidate how the concept of perversion has developed and provided itself conditions to clarify the peculiarities of human nature. This work discusses Freud's hypothesis about pulsional nature and polymorphic-perverse sexual manifestations, present since childhood, which would help to propose a theory about the structure of human sexuality and the constitution and functioning of psyche. In conclusion, this study tries to explain how works the mechanism that makes possible the relationship between the subject and reality, named by Freud as the refusal of reality (*Verleugnung*). Due to this mechanism, a perception would be, at the same time, accepted and refused. In specific terms, what would be accepted and refused could be the perception of castration and all psychic consequences that derives from it. The refusal will be the psychological mechanism by which the perverse operation is constituted and machinates its web in order to maintain the conceptions about sexuality elaborated by the subject during its childhood, about sexual differences and the possibility of an omnipotent experience.

KEYWORDS:

Perversion; Sexuality; Refusal of Reality; Metapsychology; Freud.

Agradecimentos

Ao Prof. Dr . Hélio Honda, como orientador, pelo acolhimento, paciência, dedicação e respeito à liberdade para realização desta pesquisa. Sou grata a ele que como professor ensinou-me postura e compromisso com o conhecimento e a ler Freud com a acuidade semelhante à da escuta clínica;

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Psicanálise e Civilização da Universidade Estadual de Maringá;

Aos Profs. Drs Gustavo Adolfo Ramos de Melo Neto e Olímpia do Carmo Ferreira que ensinaram as primeiras letras e tantas outras no conhecimento em Psicanálise;

À Mayra pela cooperação e dedicação e por ter dividido comigo sua energia e o inconformismo da juventude;

Aos colegas do Programa de Pós-graduação e Psicanálise e Civilização com quem partilhei angustias e alegrias neste percurso;

À Fundação Araucária pelo financiamento de parte desta pesquisa;

À psicanalista Cleide Monteiro por ter partilhado conosco seu saber e pelo incentivo neste empreendimento;

Aos colegas do grupo de estudo em psicanálise pela confiança;

À Yvone, amiga de jornada, presente e acolhedora de tudo aquilo que me é humano;

À valente Marfísia, amiga de longa data, grande responsável pelas minhas inquietações acerca das dores da alma, que me ensinou e ainda ensina, e entre faltas e recusas, luta para construir possibilidades para existir;

Ao meu irmão Antônio A. Filho que possibilitou meus primeiros passos na psicologia e consequentemente na psicanálise.

Para

Antônio, Aclice, Mayra, Lucas, *m.a.*

Epígrafe

Uma parte de mim é todo mundo:
Outra parte é ninguém, fundo sem fundo

Uma parte de mim é multidão:
Outra parte estranheza e solidão

Uma parte de mim pesa, pondera:
Outra parte delira

Uma parte de mim almoça e janta:
Outra parte se espanta

Uma parte de mim é permanente:
Outra parte linguagem

Traduzir uma parte na outra parte
- Que é questão de vida ou morte -
Será arte?

(Traduzir-se/Ferreira Goulart)

Sumário

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I	7
SEXUALIDADE E PERVERSÕES ANTES DE FREUD	7
1.1. Krafft-Ebing e as Psicopatias Sexuais.....	11
1.2. Havelock Ellis e a relatividade das práticas sexuais.....	17
1.3. Sexualidade e Perversão em fim de século.....	22
CAPÍTULO II	30
PULSÃO E SEXUALIDADE EM FREUD	30
2.1. As pulsões.....	31
2.2. A sexualidade infantil e o complexo de Édipo.....	35
CAPÍTULO III	45
EXAME DA EVOLUÇÃO DAS IDÉIAS SOBRE AS PERVERSÕES NOS TEXTOS DE FREUD	45
3.1. A pré-história das perversões no pensamento freudiano (1894 – 1904).....	46
3.2. A evolução do conceito de perversão na obra freudiana, a partir de 1905.....	55
3.2.1. As Perversões na Origem da Sexualidade Humana	56
3.2.2. A fantasia de espancamento e suas implicações na origem da perversão	72
CAPÍTULO IV	82
ESBOÇO DE UMA METAPSICOLOGIA DAS PERVERSÕES	82
4.1. Fetichismo: o horror da castração travestido	82
4.2. Os mecanismos constitutivos do psiquismo: recalque (<i>Verdrängung</i>) e recusa da realidade (<i>Verleugnung</i>)	89
4.3. A recusa da realidade nas origens do Aparelho Psíquico	101
4.3.1. Percepção e realidade no “Projeto de uma psicologia científica”	103
4.3.2. Sobre a Recusa da realidade e a Constituição do psiquismo: contribuições da carta 52 (1896) e do modelo do bloco mágico (1925) para esclarecimento sobre a origem.....	114
CONCLUSÃO	126
REFERÊNCIAS	134

INTRODUÇÃO

A perversão tem se apresentado como um tema de grande interesse na literatura psicanalítica, e também na prática clínica exigindo um trabalho exaustivo da parte do clínico, impondo a necessidade de melhores esclarecimentos teórico e metodológico. Por essa razão, ela tem surgido como tema em muitos trabalhos, cujo interesse tem sido a clínica, e também no sentido de fazer uma análise crítica da organização social. Dentre os trabalhos relacionados à crítica da organização social, temos, por exemplo, o livro “A Mínima Diferença”(1996) de Maria Rita Kehl, em especial na seção ‘Nunca Fomos Tão Fetichistas’, do capítulo IV, que discute o cinema, onde a autora aponta traços fetichistas nas relações interpessoais difundidas nos filmes. Ou ainda o livro de Luís Alberto Helsinger “O Tempo do Ser-vil-O Mercado Perverso da Servidão”(2004), que assinala a presença da perversão nas relações sociais, em especial características presentes na história sócio-cultural do Brasil.

A apropriação da teoria e da metodologia, segundo a lente freudiana, permite a observação de traços perversos nas diversas formas de constituição psíquica e o reconhecimento do primado da constituição perversa. Isto porque ao inventar uma nova maneira de compreender a sexualidade humana, Freud colocou a questão da perversão na origem da sexualidade. E, mais que isso, a compreensão da evolução das idéias freudianas sobre a perversão parece-nos o passo imprescindível para compreendermos o posicionamento teórico de autores contemporâneos que analisam a questão da perversão, bem como utilizá-los de forma crítica tanto na organização de um pensamento teórico que esclareça os processos psíquicos, como na orientação da prática clínica.

Do ponto de vista da prática psicanalítica, temos notado, já há algum tempo, que pacientes cuja estrutura aponta para uma constituição psíquica perversa têm buscado o acolhimento de nossa clínica para o seu sofrimento psíquico. Notamos, igualmente, que tal busca tem acontecido no momento em que a trama perversa é rompida, trama esta que mantém um dado funcionamento psíquico paralisado junto ao desejo infantil. Daí a necessidade de buscar uma compreensão dessa forma de funcionamento e dos elementos que se encontram no jogo perverso, a fim de se tentar construir outra possibilidade de articulação, que permita sustentar uma intervenção clínica mais apropriada em casos dessa natureza.

A concepção das perversões nem sempre foi à mesma na literatura e nas ciências. Na própria literatura médica o conceito apareceu tarde na Idade Média, e teria surgido de forma pejorativa, como modificações de funções fisiológicas. Mais tarde foi relacionada à sexualidade, como anomalia das funções sexuais. Fenômenos considerados perversos também se fizeram presentes na sociedade moderna, embora nem sempre de forma direta. Esta presença teria se manifestado na intimidade dos jogos perversos ou diluída nas relações sociais. Entretanto, foi no pensamento freudiano que a concepção de perversão passou a ser examinada com o objetivo de construir uma teoria nova que pudesse esclarecer o fenômeno presente no comportamento humano. Para Freud, as perversões apresentadas até então na literatura médica como uma disfunção, anomalia ou como quadro patológico, vieram fazer parte da composição natural do psiquismo humano, não apenas como modo de satisfação sexual de um determinado período da infância, mas como a forma essencial da sexualidade humana, manifesta, em maior ou menor grau, na vida adulta. Isso levou Freud a considerar a existência de perversões que poderiam assumir caráter patológico ou não, de acordo com o mecanismo que se tornasse predominante no processo de constituição do psiquismo.

Assim, o objetivo deste trabalho é apresentar uma reconstituição do caminho traçado por Freud na construção da concepção sobre as perversões, e tentar elucidar o mecanismo básico da perversão, sua origem no indivíduo, modo de funcionamento e conseqüências ao governar o funcionamento do aparelho psíquico.

A metodologia desta pesquisa consistiu de uma revisão bibliográfica centrada na obra de Freud. Para tal, foram utilizados como literatura primária os textos de Freud, constantes de suas obras completas, além de textos de outros autores psicanalíticos que se interessaram pelo assunto e auxiliaram na construção de uma discussão sobre o tema em questão.

Organizamos nossa discussão em quatro capítulos. O primeiro busca contextualizar o momento histórico, social e científico com o qual Freud se deparou ao iniciar seus estudos. A intenção é situar o pensamento freudiano no contexto das idéias então dominantes sobre o assunto para evidenciar melhor a novidade introduzida pela psicanálise. A sexualidade era até então vista como tendo a finalidade única de reprodução. Nesse contexto, a perversão era compreendida como anti-natureza, que, ao desvincular-se da finalidade da reprodução, designava-se como modo degenerado de manifestação sexual. Procuramos, portanto, caracterizar as perversões antes de Freud para, a partir desse contexto de idéias, evidenciar as transformações introduzidas pelo pensamento psicanalítico. Este capítulo foi dividido em três seções: a primeira seção apresenta as psicopatias sexuais pontuadas por Krafft-Ebing, importante médico legista do século XIX, citado por Freud em “Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade” (1905); a segunda seção discute as idéias de outro autor citado por Freud no referido texto, Havelock Ellis. E, finalmente, na terceira seção discutimos a concepção de sexualidade e perversão no final do século XIX.

No segundo capítulo procuramos caracterizar a sexualidade e o caráter pulsional desta, conforme presente no pensamento freudiano. Julgamos ser necessário, antes de entrarmos na discussão propriamente dita sobre as perversões em Freud, introduzir sua concepção sobre a sexualidade e as pulsões, já que a novidade da concepção freudiana sobre as perversões insere-se numa concepção igualmente nova sobre a sexualidade humana introduzida por Freud. O capítulo foi dividido em duas seções que visam apresentar as transformações propostas por Freud acerca da sexualidade humana. A primeira seção trata das pulsões, conceito forjado por Freud para explicar os caminhos que a sexualidade humana percorre, e, com isso, atuando como elemento fundamental na constituição do psiquismo. A segunda seção trata do desenrolar da sexualidade humana até a vivência do complexo de Édipo, núcleo das neuroses e perversões, de acordo com Freud.

O terceiro capítulo entra na discussão do conceito de perversão propriamente dito, como aparece na obra de Freud, e das fundamentações utilizadas para legitimar suas afirmações. Este capítulo divide-se em duas seções. A primeira seção procura elucidar os primeiros vestígios que permitiram a elaboração futura do conceito de perversão. A segunda seção trata das perversões propriamente na obra de Freud, e inicia-se com uma análise do texto “Três Estudos Sobre a Teoria da Sexualidade” (1905). Ela está organizada em duas sub-seções. A primeira apresenta as perversões como condição para

a sexualidade humana. Na segunda analisamos o núcleo gerador do conflito que daria origem às diferentes constituições psíquicas, em especial a constituição perversa.

O quarto capítulo visa apresentar um esboço de uma metapsicologia das perversões em Freud e, mais especificamente, busca esclarecer o mecanismo psíquico básico da perversão, a recusa da realidade (*Verleugnung*); para tanto, analisa seu funcionamento e as possíveis conseqüências no aparelho psíquico em que predomina tal mecanismo. Está dividido em quatro seções. A primeira seção trata do fetichismo, modelo que teria possibilitado a Freud a apresentação e elucidação do mecanismo da recusa como mecanismo psíquico próprio das perversões. Na segunda seção são examinados os diferentes mecanismos constitutivos do psiquismo, dentre eles a recusa da realidade. A terceira seção trata da construção do aparelho psíquico; e, finalmente, na quarta seção esboçamos uma análise da instalação e funcionamento do mecanismo da recusa da realidade, mecanismo psíquico básico na explicação freudiana das perversões.

Por fim, na conclusão, retomamos alguns pontos do estudo realizado, buscando incorporar em uma discussão os elementos levantados na obra freudiana acerca da perversão. Nesse balanço, levantamos a possibilidade de que uma discussão teórica como a desenvolvida possa contribuir para a elaboração de um pensamento que se aproxime do trabalho na clínica, possibilitando um pensar mais crítico sobre esta, bem como uma intervenção melhor fundamentada e, se possível, mais eficaz. Levantamos também a possibilidade de que trabalhos, que, como o nosso, ao tomar a metapsicologia como fundamento da psicanálise freudiana, possa oferecer subsídios que permitam compreender as diferenças e proximidades entre o pensamento de Freud e os diferentes autores e correntes psicanalíticas pós-freudianas sobre o tema em questão.

Os textos de Freud apresentados nas citações deste trabalho foram extraídos da Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. No entanto, devido ao fato de algumas expressões dessa edição apresentam problemas de tradução, em nossas discussões adotamos algumas variantes (como recalque no lugar de repressão, pulsão no lugar de instinto, p. ex.). Por essa razão, faz-se necessário alguns esclarecimentos:

Para *Es*, *Ich*, e *Über-Ich*, Id, Ego e Superego, respectivamente, seguindo a tradução da Standard Brasileira. Porém, na nova tradução das obras de Freud do alemão

para o português, coordenada por Luis Alberto Hanns, esses termos aparecem como: Id, Eu e Supra-Eu. Em outras traduções, ainda, os mesmos termos aparecem como Isso, Eu e Supereu.

Para *Trieb*, utilizamo-nos de [(instinct),] pulsão, seguindo a tradução francesa. De acordo com o verbete do “Vocabulário da Psicanálise” de Laplanche e Pontalis, os termos *Instinkt* e *Trieb* existem na língua alemã. *Trieb* apareceu nas traduções francesas como *pulsion*, buscando evitar confusões do uso termos como *instinct* ou *tendance* (tendência). Laplanche e Pontalis apontam para o fato de que *trieb* teria raiz germânica e uso antigo e corresponderia ao termo impulsão, sugerindo, portanto, a importância da pressão mais do que fixidez da meta e de objeto. Já *instinkt* teria uma finalidade, objetos e alvo fixos. Assim, pulsão corresponderia a algo exclusivamente humano, do qual deveria ser evidenciado o sentido de impulsão. Entretanto, Souza (1998/1999) afirmou que, o conceito de instinto vigente na época de Freud, não restringir-se ia ao comportamento herdado biologicamente, tal qual propõe Laplanche e Pontalis. A palavra *Trieb* foi traduzido para Standard Edition inglesa como *instinct*, tal qual aconteceu com a tradução da Edição Standard brasileira que aparece como instinto.

Para *Verdrängung* utilizamos (repressão segundo tradutores ingleses) recalque, seguindo a tradução de Laplanche e Pontalis. Segundo Souza (1998/1999) *repression* (repressão) corresponderia a empurrar para trás ou para baixo, já em *Verdrängung* a direção não seria indicada, apenas iria rechaçar e manter fora da consciência, como teria afirmado Freud.. Citando Bettelheim, Souza (1998/1999) esclarece que Freud preferiu usar *unterdrücken* como equivalente de *repression*. Entretanto, alguns psicanalistas e estudiosos brasileiros, como os franceses, utilizariam *repressão*, para *unterdrücken* quando acontecendo a nível consciente, e recalque (recalcamento) para *verdrängung* corresponderia a um processo inconsciente. Para Souza a distinção entre *repressão* e recalque na obra de Freud não seria tão coerente quanto o desejado. E mais esses termos se tocam ou se sobrepõem em alguns momentos; o verbo *verdrängen*, cuja base *drängen* teria derivado de *dringen* que significa empurrar, como *drücken* que significa imprimir, *unterdrücken* significaria oprimir, reprimir, suprimir, subjugar.

Besetzung, foi traduzido como *cathexis* por Jones, embora o significado original se aproxime de investimento ou carga, segundo Souza (1998/1999). A Edição Standard Brasileira seguiu a tradução inglesa e utiliza *cathexis*. *Cathexis* foi cunhado do grego “*catéchein*” – ocupar, por isso será utilizado ocupação, também em função da tradução

de Gabbi Jr. (1995) do “Projeto de uma psicologia”, adotada para discussão acerca do aparelho psíquico.

Finalmente, para *Verleugnung*, adotamos recusa da realidade. O conceito de recusa da realidade aparece com diferentes denominações. Na versão brasileira do “Vocabulário da psicanálise”, de Laplanche e Pontalis, a *Verleugnung* aparece como recusa da realidade (da realidade da castração em função do horror causado pela visão da ausência do pênis feminino, da mãe), mas na tradução brasileira dos livros de André Bourguignon (1991) e Hugo Bleichmar (1984) aparecem como renegação. Ainda em textos de autores lacanianos, como desmentido. Laplanche e Pontalis, e Bourguignon se utilizam da mesma palavra francesa déni que traduziria o termo alemão verleugnung. Déni ou recusa para Laplanche e Pontalis, e déni ou renegação para Buorguignon (1991), teria apontado em notas déni como renegação, recusa.

CAPÍTULO I

SEXUALIDADE E PERVERSÕES ANTES DE FREUD

Para compreender a ruptura teórica e metodológica feita por Freud com relação às concepções de sexualidade e perversão ainda no século XIX faz-se necessário buscar o contexto histórico vivido por ele. “As Perversões Antes de Freud” tem como objetivo examinar algumas idéias sobre a sexualidade e as perversões vigentes no final do século XIX, a fim de oferecer uma contextualização mínima que possibilite situar as idéias de Freud. Este estudo baseou-se na leitura de alguns autores citados por Freud em “Os Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade” (1905/1996), e procura elucidar a concepção de perversão na época.

Antes de tudo, porém, vejamos qual seria a origem e o significado do termo perversão. De acordo com Lanteri-Laura (1994), a palavra perversão apareceu tarde na linguagem médica.

Em francês, o significante *perversion* aparece registrada desde 1444; trata-se de um empréstimo do latim clássico *perversio*, criado a partir de *perversum*, supino do verbo *pervertere*, cujo sentido primário era ‘revirar’, ‘inverter’, mas que assumiu muito depressa a acepção de ‘virada inoportuna’; aliás, desde as primeiras vezes em que foi empregado, o termo *perversão* comportou uma significação pejorativa, e a metáfora subjacente era de uma reviravolta ruim (Lanteri-Laura, 1979/1994, p. 24).

A palavra perversão passou a fazer parte da linguagem médica em meio ao século XIX, e designava-se de forma pejorativa a uma modificação na função fisiológica tanto do apetite, quanto da visão. Fisiologicamente na perversão do apetite e na perversão da visão na diplopia (na fisiologia normal da visão os dois olhos vêm

apenas um objeto, no mau funcionamento da convergência dois objetos são vistos), estariam com a função nestes dois casos alterada. Quando apareceu na linguagem médica tinha o sentido de transformação do bem em mal. A palavra perversão surgiu também, no contexto médico, associada à perversão moral dos instintos, enquanto degeneração mental.

...perversão moral é calcada em loucura moral, que, na linguagem psiquiátrica de meados do século XIX, traduzia em francês a locução inglesa moral insanity [insanidade moral]... (Lanteri-Laura, 1979/1994, p. 25).

Segundo Lanteri-Laura, foi Magnan que trouxe a utilização do termo para as perversões sexuais em um título com três sinônimos, ‘anomalias, aberrações e perversões sexuais’. Com Magnan a expressão perversões sexuais prevaleceu em francês, e desde o início do século XX, o emprego da palavra perversão passou a ser associada às peculiaridades da sexualidade (1994).

Discutir a idéia de perversão antes de Freud remete, assim, à necessidade de abordar a sexualidade segundo uma sociedade que teria cultuado a masculinidade, e estabeleceu um modelo a ser seguido pelo homem que permitisse sua diferenciação em relação à mulher e ao homossexual, como nos mostrou Peter Gay em seu livro “A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud: O cultivo do ódio”. Mais que isso, ainda, compreender a concepção de sexualidade da sociedade da época – nos referimos à denominada sociedade vitoriana -, bem como apreender o modo pelo qual a sexualidade foi sendo experimentada e construída, possibilita a compreensão dos caminhos adotados pela ciência para elaborar suas discussões e premissas teóricas sobre o tema.

Vale esclarecer, portanto, que por sociedade vitoriana entende-se, de acordo com Gilbert Tordjman (1972), a sociedade européia que se caracterizou pelo pudor, normatização da sexualidade e repressão sexual generalizada, que teve como representante a rainha Vitória, daí a expressão “era vitoriana” ou sociedade vitoriana. Com a ascensão da rainha Vitória ao trono da Inglaterra os valores morais da sociedade levaram a mudanças de hábitos, não apenas nas relações sociais, mas também na medicina e na ciência. A forma como a sexualidade passou a ser abordada também sofreu alteração. A sexualidade passou a ser normatizada e regulada por padrões impostos. A reprodução deveria ser o único objetivo da prática sexual. Tudo aquilo que

fugisse do padrão passou a ser compreendido como ilegal ou patológico. A moral da sociedade vitoriana caracterizou-se pela sua forma rígida.

Foucault (1976/1984) esclarece-nos, porém, que o termo sexualidade ainda não existia no início do século XIX, e teria sido criado para favorecer a distinção entre certos fenômenos humanos como, p.ex., os desenvolvimentos de campos de conhecimento (mecanismos biológicos da reprodução as variantes individuais e sociais do comportamento); a instauração de regras e normas, tradicionais e novas, com apoio de instituições religiosas, judiciárias, pedagógicas, médicas; a mudança no sentido e no valor da conduta, envolvendo deveres, prazeres, sentimentos, sensações e sonhos.

O próprio termo “sexualidade” surgiu tardiamente, no início do Século XIX. É um fato que não deve ser subestimado nem superinterpretado. Ele assinala algo diferente de um remanejamento de vocabulário; mas não marca, evidentemente, a brusca emergência daquilo a que se refere. O uso da palavra foi estabelecido em relação a outros fenômenos (Foucault, 1976/1984, p. 9).

Entretanto, o trato com a sexualidade não foi sempre o mesmo observado na sociedade da era vitoriana. No início do século XVII a prática da sexualidade era compreendida e vivida de forma mais cristalina e franca. Não somente as práticas, mas também os discursos e palavras eram colocados de forma direta, sem hesitação ou preâmbulos. Os códigos de moralidade eram ditos e experimentados de forma grosseira e obscena se cotejados à moralidade vigente no século XIX. A sexualidade era experimentada por meio de gestos e discursos diretos e sem pudor, crianças se misturavam às práticas dos adultos, os corpos eram expostos sem constrangimento e exibidos com vaidade (Foucault, 1976/1988).

É neste contexto, interpretando como transgressões visíveis o que seria natural, que se instala a sombra da moralidade vitoriana, cerceando a sexualidade, restringindo-a ao lar, sob o poder e controle das famílias, com objetivo único de reprodução. A sexualidade que escapava ao controle familiar passava a ser considerada ilegítima, sendo expulsa do meio social, passando a ser tolerada somente em casas de prostituição ou em hospitais (Foucault, 1976/1988). Limitados a este contexto estariam “a prostituta, o cliente, o rufião, o psiquiatra e a histérica”, que uma vez escapando da forma de

prazer ditada pelo discurso vitoriano, aquele que de fato contava, podiam ter sua existência manifesta nestes lugares de tolerância mediante pagamento em dinheiro.

Somente aí o sexo selvagem teria direito a algumas das formas do real, mas bem insularizados, e a tipos de discurso clandestino, circunscrito, codificado. Fora desses lugares, o puritanismo moderno teria imposto seu tríplice decreto de interdição, inexistência e mutismo (Foucault, 1976/1988, p. 10).

As conversas na corte, as artes, a moda, passam a funcionar como instrumento de contenção e normatização da conduta frente à sexualidade promíscua do início do século XVII. O corpo passa então a ser severamente vigiado e escondido. Até mesmo a higiene dos corpos foi retirada das famílias de respeito. Toda proximidade do corpo foi banida das relações, até mesmo da prática médica.

O médico não podia examinar uma paciente a não ser na presença da mãe ou do marido. Na maioria dos casos, recorria, de resto, ao uso das bonecas chinesas que permitiam a localização do mal sem lesar o pudor! A higiene dos órgãos genitais foi banida dos lares bem-pensantes: os bidês que o exemplo de Pompadour, tinham ajudado a espalhar na França, ainda hoje são desconhecidos em muitos condados do Reino Unido! Infelizmente, a Inglaterra, então a maior potência do mundo, exortava o seu modo de vida para o exterior de suas fronteiras (Tordjman, 1972, p. 134).

O século XIX caracterizou-se como uma era de pudor, entendido este como o sentimento de vergonha e recato frente às manifestações de sexualidade.

Um rápido crepúsculo se teria seguido à luz meridiana, até as noites monótonas da burguesia vitoriana. A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro da casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala. O casal, legítimo, e, procriador, dita a lei (Foucault, 1976/198, p. 9).

A história da sexualidade passa então, a ser inscrita como narrativa de uma repressão cronologicamente estabelecida, para a qual seria necessário mais do que uma prática médica e científica para promover a sua superação; necessário seria a transgressão das leis, a suspensão de interdições, o surgimento da palavra, restituição do prazer sexual, mais que isso, uma mudança nos mecanismos do poder. A repressão foi o

ponto de ligação entre poder, saber e sexualidade (Foucault, 1976/1988). Neste período, entretanto, foram realizados importantes pesquisas com relação às patologias relacionadas à sexualidade, que ainda servem como referência nas práticas clínicas.

A secularização da ciência, especialmente das proposições fundamentais e controvertidas de Darwin, trouxeram a sexualidade para o campo do que se podia discutir: tanto a conduta sexual normal, quanto a anormal, faziam parte da luta evolucionária por meio da qual a natureza selecionava os mais aptos e descartava os inaptos (Gay, 1988/1990, p. 198).

Assim, a sexualidade embora regulamentada e normatizada pela sociedade do século XIX, também adquiriu “status” de objeto de estudo e passou a ser compreendida como importante elemento na constituição do psiquismo humano, daí a necessidade de se esclarecer às patologias sexuais e os “desvios” desta natureza.

1.1. Krafft-Ebing e as Psicopatias Sexuais

O contexto no qual surgiu Krafft-Ebing com sua obra “Psychopathia Sexualis” de 1886, teria sido de contenção e proibição, e obteve sucesso desde sua publicação junto a especialistas e curiosos sobre a temática. Krafft-Ebing, psiquiatra e médico legista que registrou e desenvolveu uma obra, cujo estudo detalhado, teria tratado das perversões sexuais.

Richard von Krafft-Ebing, renomado psiquiatra austríaco que popularizou o “sadismo” e cunhou o “masoquismo”, estava, claro. Eram bem escolhidos; o marquês de Sade realmente era um sádico e Leopold von Sacher-Masoch era masoquista. Ambos ensaiaram na vida real o que mais tarde fixaram no papel, praticando antes de pregar (Gay, 1988/1995, p. 200, grifos do autor).

Como os autores da época, o Dr. Krafft-Ebing atribuiu à masturbação a semente do mal, gênese de todas as perversões sexuais (Tordjman, 1972 p. 135), tendo ainda a hereditariedade como sua causa. Moralista rígido, Krafft-Ebing também não condenava os métodos utilizados pelos censores da época com vistas a impedir o hábito da masturbação.

Muitos dos censores aconselhavam, então, a sério, como prevenção, o ferro quente, em brasa, sobre o clitóris, o encerramento dos órgãos sexuais dos rapazes num estojo protegido com pontas aguçadas ou mecanismos ligados a

uma campanha que daria o alarme aos pais, em caso de ereção! (Tordjman, 1972, p. 135).

Para Krafft-Ebing, as anomalias nas funções sexuais encontram-se particularmente nas raças civilizadas. E isso pode ser observado no uso excessivo dos órgãos genitais, cuja funcionalidade teria caracterizado sinais de uma condição de hereditariedade doentia do sistema nervoso central, sinais funcionais de degeneração. Segundo este autor,

...os órgãos genitais têm uma importante relação com suas funções psíquicas e somáticas, é fácil compreender a freqüente ocorrência de neuroses e psicoses gerais em distúrbios sexuais (funcionais ou orgânicos) (Krafft-Ebing, 1886/ 2001, p. 3).

Para este autor as neuroses são classificadas em neuroses sexuais, neuroses espinhais e neuroses cerebrais. As neuroses sexuais se dividiriam em sensoriais, secretórias e motoras, que conseqüentemente referem-se às sensações, secreção e movimento. Já as neuroses espinhais dividem-se em afecções do centro de ereção e afecções do centro de ejaculação e, como as próprias denominações sugerem, referem-se às possibilidades ou não de ejaculação e ereção, e como acontecem. Estes dois tipos de neuroses estariam relacionadas a uma questão orgânica e ao seu funcionamento.

Como terceiro grande grupo Krafft-Ebing apresenta as neuroses cerebrais que, na forma como o autor pontua, remetem ao comportamento manifesto da sexualidade humana. Seriam elas:- 1. paradoxia, 2. anestesia, 3. hiperestesia e 4. parestesia.

A paradoxia corresponderia à excitação sexual que se dá livre de processos fisiológicos dos órgãos reprodutores. Ex. Caso 1 Delírio erótico:

J.René, desde sempre entregue à prática dos prazeres sensuais e sexuais, mas sempre atento ao decoro, revelou, a partir dos seus 76 anos, uma perda progressiva da inteligência e uma perversão crescente de seu senso moral. Outrora brilhante e extremamente virtuoso, dilapidava agora suas propriedades na companhia de prostitutas, freqüentava apenas bordéis, pedia em casamento ou propunha o coito a todas as mulheres que encontrava na rua, tornando-se assim publicamente tão detestável que foi necessário interná-lo num manicômio. Ali, a excitação acentuou-se até a satiríase que durou até sua morte. Masturbava-se sem cessar, mesmo diante dos outros; obtinha prazer apenas de idéias obscenas; pensava que os homens à sua volta fossem mulheres e perseguia-os com propostas indecentes. (Krafft-Ebing, 1886/ 2001, p. 11).

A anestesia ou ausência do instinto sexual caracterizar-se-ia pelo fato de que os impulsos advindos dos órgãos sexuais e também dos sentidos, como visão olfato e audição, não excitam sexualmente o indivíduo. Condição esta observada na infância e na velhice. Ex. Caso 8. Anestesia:

Sra.O. de desenvolvimento normal, saudável, menstruava regularmente; 35 anos, casada há quinze. Nunca experimentou libido, e nunca teve qualquer excitação erótica durante as relações sexuais com seu marido. Não tinha aversão ao coito e às vezes parecia experimentar prazer nele, mas nunca desejou repetir o ato (Krafft-Ebing, 1886/ 2001, p.15).

A hiperestesia caracterizar-se-ia pelo impulso sexual anormalmente acentuado frente a estímulos orgânicos, psíquicos e sensoriais (instinto sexual intenso). Podendo o estímulo ser central ou periférico, funcional ou orgânico. Por estímulo central tem-se a ninfomania e satiríase. Ninfomania refere-se à excessiva excitação sexual na mulher, o desejo sexual feminino; satiríase compreende a excessiva excitação sexual no homem. Ex. Caso 12:

Z., 36 anos, pai de sete filhos, diretor de escola, confessou ter se masturbado na escola estando sentado à sua mesa, que por ser fechada dos lados impediu, contudo, que ato fosse visto pelos alunos. Bebera mais que de costume na noite anterior, tivera um contratempo antes de ir para a escola e se excitara ao ver algumas meninas muito bonitas que escutavam sua aula. ... Aos 16 anos, despertar de impulsos sexuais com vigor anormal e emoções sexuais pronunciadas. Literatura lasciva e fotografias de mulheres produziam uma ejaculação satisfatória. A partir dos 18 anos, praticava o coito esporadicamente. Em geral, porém, o simples toque do braço de uma mulher era suficiente para levá-lo ao orgasmo e à ejaculação. Casou-se aos 24 anos e copulava de três a quatro vezes por dia, além de masturbar-se e ter ejaculações provocadas pela simples evocação de encontros sexuais imaginados. ... Com o nascimento de seu filho, Z. viu-se forçado, por razões econômicas, a limitar seus intercursos sexuais, já que desprezava os métodos contraceptivos. Tocar as mulheres, o que produzia poluição diurna, revelou-se insatisfatório, assim como a masturbação. Sofria muito por causa de sua incessante excitação sexual, que, depois de seis semanas, tornou-se tão intensa que passou a afetar sua razão e sua vontade. Apenas a masturbação impedia-o de praticar violência sexual contra mulheres. Tornou-se muito irritadiço e se encolerizava facilmente, gritando e enfurecendo-se pela casa, chegando até a bater na esposa e nos filhos...(Krafft-Ebing, 1886/2001 p. 20).

Por parestesia compreende-se a perversão do instinto sexual, a excitação das funções sexuais através de estímulos inadequados. Krafft-Ebing subdivide a parestesia em:- sadismo, masoquismo, fetichismo e sexualidade antipática.

O sadismo consiste na associação de erotismo e crueldade, na qual a consciência fisiológica registra-se por uma intensa base psíquica degenerada, cujo impulso erótico associado a representações de crueldade intensifica-se até se transformar em afetos. Isso geraria uma força que visa objetivar estas representações de fantasia e se realizam, à medida que a hiperestesia se sobrepõe como complicação, ou à medida que as contra-representações morais deixam de exercer censura.

Os atos sádicos se definem pela potência proporcional do indivíduo pervertido, se for potente seu impulso é conduzido para o coito com preliminares determinadas por maus-tratos simultâneos, podendo chegar ao homicídio do parceiro quando a libido não se satisfaz mediante a realização do coito.

Caso haja impotência psíquica ou espinhal, o sádico poderá, como ato equivalente ao coito, provocar estrangulamento, perfuração, flagelação da parceira, ou ainda valer-se do sadismo simbólico, e também agir contra qualquer objeto vivo e sensível (ato cruel contra animais, crianças etc.). Ex. Caso 26. Sadismo:

Z., médico; constituição neuropática, muito sensível ao álcool. Em circunstâncias comuns, capaz de coito normal, mas, assim que acabava de beber vinho, sentia que sua libido aumentada não mais se satisfazia com o simples coito... Nessas condições, sentia-se compelido a furar as nádegas das mulheres, ou aplicar-lhes golpes de lanceta, para ver sangue e sentir a lâmina entrando no corpo vivo, a fim de ter uma ejaculação e experimentar a saciedade completa de sua voluptuosidade (Krafft-Ebing, 1886/2001 p. 35).

O masoquismo se caracterizaria pela contraposição ao sadismo, pois aqui o prazer seria obtido através da dor, atos de violência sofridos sob o jugo do parceiro. O masoquista provoca uma situação na qual a força física externa, segundo o estágio de potência espinhal ou psíquica do indivíduo, como meio de início e durante a sensação erótica do coito, acentuando ou convivendo com tal sensação. A submissão à forma de sofrimento estará relacionada à intensidade do instinto perverso, indo dos atos mais detestáveis e horrorosos, até os visíveis e absurdos, como castigo corporal, humilhação física e moral, flagelação passiva entre outras. Ex. Caso 54 Masoquismo:

Durante seus ataques, um paciente mandava uma pessoa de sua confiança alugar uma casa e instruir os empregados (três prostitutas) sobre o que deveria ser feito com ele. Sempre que chegava lá tiravam-lhe a roupa, masturbavam-no e flagelavam-no conforme ordenado. Ele fingia oferecer resistência e implorava piedade; depois, também de acordo com o que era estipulado, permitiam que comesse e dormisse. Apesar de seus protestos, porém, era mantido ali e espancado se não se submetesse. Isso durava alguns dias. Quando o ataque passava mandavam-no embora, e ele voltava para sua mulher e filhos, que não suspeitavam de sua doença. Os ataques ocorriam uma ou duas vezes por ano (Krafft-Ebing, 1886/2001 p. 56).

O fetichismo compreende a erotização de partes isoladas do corpo ou peças do vestuário do sexo oposto, pedaços de pano. No fetichismo as partes do corpo não se relacionam diretamente com o sexo, mas condensa o interesse sexual na parte separada do corpo.

Caso o fetiche esteja ausente, o coito poderá tornar-se impossível ou somente realizado na presença de uma representação imaginária, e mesmo assim não satisfazer. O quadro patológico se acentuaria, à medida que o fetichista não encontra satisfação no próprio coito, mas na manipulação da parte do corpo eleita ou do objeto que constitui o fetiche. O fetiche varia entre os indivíduos e é determinado por uma impressão única e a sensação de prazer. Ex. Caso 99. Fetichismo:

X., 20 anos, homossexual. Só gostava de homens com bigode farto. Certo dia conheceu um homem que correspondeu ao seu ideal. Convidou-o à sua casa, mas ficou indescritivelmente decepcionado quando o visitante removeu seu bigode artificial. Somente quando colocou de novo o ornamento sobre o lábio superior, voltou a exercer atração sobre X., devolvendo-lhe a plena posse de sua virilidade. (Krafft-Ebing, 1886/2001, p.105).

E, finalmente, a sexualidade antipática, que se constituiria da total ausência de sentimento sexual em relação ao sexo oposto. A sexualidade do indivíduo concentra-se no seu próprio sexo, ou seja, somente nas características físicas e psíquicas das pessoas do mesmo sexo, somente estas despertam o desejo da união sexual. Caracteriza-se como uma anomalia psíquica, uma vez que o instinto sexual não corresponde aos aspectos físicos primários e secundários. O homem sente-se atraído sexualmente por outro homem, como se tivesse um instinto feminino em relação a ele ou o inverso, podendo ser consciente ou não. Ex. Caso 126. Sexualidade antipática:

Ilma S., 29 anos, solteira, filha de um negociante; família com péssimas taras nervosas. O pai era alcoólico e se suicidou, como também ocorreu com o irmão e a irmã da paciente. Uma das irmãs sofria de histeria convulsiva. O pai de sua mãe matou-se com um tiro quando estava insano. A mãe era doentia e ficou paralítica depois de uma apoplexia. A paciente nunca teve nenhuma doença grave. Era inteligente, entusiástica e sonhadora. Menstruação aos 18 anos sem problemas, mas posteriormente muito irregular. Aos 14 anos, clorose e catalepsia por susto. Mais tarde, severa histeria e um ataque de insanidade histérica. Aos 18 anos, relacionamento com um homem jovem que não foi platônico. O amor deste homem foi apaixonadamente correspondido. Segundo as declarações da paciente, ela era muito sensual e após a separação do amante passou a praticar masturbação. Depois disso levou uma vida romântica. Para ganhar a vida, vestiu roupas masculinas e tornou-se preceptor; abandonou o emprego porque sua patroa, desconhecendo seu verdadeiro sexo, apaixonou-se por ela e a cortejou (Krafft-Ebing, 1886/2001,p.126).

Para Krafft-Ebing, as anomalias espinhais e periféricas poderiam combinar com as anomalias cerebrais e afetar pessoas livres de doença mental. Das várias combinações destas anomalias podem decorrer crimes sexuais. Mas, são as anomalias cerebrais que exigiam maiores cuidados por tornar possível, atos perversos e criminosos. E mais, considerava que nos antecedentes de perversos ou criminosos (sádicos, assassinos cruéis, homossexuais), observava-se registros de masturbação, hábito solitário adquirido na infância; teria considerado os comportamentos sexuais em sua totalidade, como manifestações perversas, do beijo ao abraço amoroso. Considerava as manifestações sexuais hereditárias monstruosas, para ele o ato sexual justificava-se somente pela reprodução (Tordjaman, 1972).

Conforme indicamos antes, foi Krafft-Ebing quem definiu o masoquismo e batizou-o com o nome do escritor vienense Sacher Masoch:

Por masoquismo, entendo uma perversão particular de *vita sexualis* que coloca o indivíduo sob o domínio sexual e afetivo absoluto de alguém, na esperança de ser reduzido à mercê, de modo incondicionado, por esse companheiro do sexo oposto, sendo tratado como escravo, humilhado e enganado. Tudo isso é nitidamente, sexualizado (Tordjman, 1972, p.137).

Embora o romantismo da época valorizasse o sofrimento, e o masoquismo correspondesse a este estilo, foi Krafft-Ebing, quem reconheceu que o prazer no sofrimento caracterizava um desvio sexual e o descreveu como a parte contrária do sadismo, tal qual apresentou em seu livro clássico, “*Psychopathia Sexualis*”, de 1886.

A essa época, a obra tinha uma posição sólida de autoridade a respeito das perversões sexuais. Havelock Ellis se apoiava nela, e também Freud. O que Freud fez em seu marcante *Three essays on the theory of sexuality*, de 1905, foi complicar a questão. Insistiu em tratar sádicos e masoquistas como seres humanos sofredores; longe de formar uma espécie distinta, eram neuróticos que exibiam, em seu aparatoso comportamento, os conflitos sexuais que todos seres humanos “normais” ocultavam no inconsciente (Gay, 1988/1995, p.205, grifo do autor).

Assim, o trabalho de Krafft-Ebing, pôde orientar o trabalho de médicos e estudiosos da época, como será apresentado na seção que se segue e nos capítulos posteriores deste trabalho. Entretanto, teria reforçado a visão e atitude vitoriana quanto à sexualidade.

1.2. Havelock Ellis e a relatividade das práticas sexuais.

Surge neste contexto repressor e normativo frente à sexualidade humana, Havelock Ellis, cujo trabalho visa desmistificar a sexualidade, tirando-a das sombras e da morbidez decretada pela era vitoriana.

Ellis queria que a vida fosse informada pelo conhecimento e governada pelo amor; sua fértil produção ao longo das décadas serve de testemunho de sua obstinação. Ellis tinha uma missão, concebida havia a muito e nunca abandonada. Na juventude, conta no prefácio de *Sexual inversion*, decidira que “uma parte fundamental de meu trabalho na vida será esclarecer os problemas do sexo”. Reconheceu que escrevia “não sem algum fervor moral”, mas definia que seu ardor era, por assim dizer, objetivo: o sexo era simplesmente “o problema central da vida” (Gay, 1988/1995, p. 202-203).

De acordo com Tordjman (1972), a força motriz de seu trabalho surgiu de suas próprias dificuldades, pois durante a infância Havelock Ellis sofria de poluções noturnas, o que o marcou intimamente frente às proibições da era vitoriana.

O doente acorda em sobressalto, exatamente no início da emissão, que procura, em vão, interromper...pouco a pouco, encontra-se esmagado pelo desespero quando sua mão alcança o escoamento e quando pensa nos tristes amanhã (Tordjman, 1972, p. 139).

A preocupação com o futuro estaria relacionada com as angústias despertadas no jovem Ellis pelas afirmações de Drysdale, segundo as quais ele estaria destinado a loucura, já que as poluções noturnas levariam a um enfraquecimento do cérebro.

Ellis decide, em uma viagem para Austrália na companhia do pai, tornar-se sexólogo; e para realizar tal intento iniciou seus estudos em psico-fisiologia, antropologia, sociologia, expandindo seu interesse pelas artes, literatura e filosofia, tornando-se doutor em medicina. Foi nesta mesma viagem que observou em alguns povos primitivos a relatividade quanto à prática sexual, sobretudo, no que se refere aos costumes e tabus da sociedade em questão. Esta relativização da prática sexual esteve presente em seu trabalho (Tordjman,1972).

Em oposição ao método psicanalítico de Freud, construiu o método psico-sintético, que consistia em demonstrar através da historicidade e das diferenças entre as sociedades, os aspectos que demarcavam o modo pelo qual se experimentava a sexualidade; eram eles o pudor, a religião e a masturbação (Tordjman,1972).

Segundo Ellis, o pudor nem sempre se fez presente na história do homem, e nem tão pouco foi o mesmo em todas as sociedades. Na França medieval observou-se uma relativização dos costumes.

Em 1461, quando da entrada de Luis XI em Paris, três belas jovens nuas representando sereias declamaram poemas e foram admiradas pelo público. Em outros lugares, os usos e costumes variam. Enquanto na Inglaterra vitoriana, a decência impõe a mulher jamais descobrir as pernas ou os tornozelos, em São Petesburgo, em 1774, Sir Nicolas Wraxal observou a promiscuidade num banho público de mais de duzentas pessoas de ambos os sexos...banhando-se uns ao lado dos outros, por vezes também sentando-se lado a lado, na mais completa nudez (Tordjman, 1972, p. 142).

O comportamento pudico era determinado pela cultura e a classe social, e também caracterizava a forma de sedução feminina, um recato que tem como referência o ciclo sexual, mas que constitui a essência do jogo amoroso:

(1) a primitiva atitude de recusa sexual por parte da fêmea, quando ela não está naquele momento de sua atividade geradora no qual ela deseja a aproximação do macho; (2) o medo de despertar repugnância, medo devido, originariamente, à estreita proximidade entre o centro sexual e os pontos de saída das excreções inúteis e desagradáveis até, em muitos casos, para animais; (3) o medo da influência dos fenômenos sexuais, e os cerimoniais e práticas rituais baseados originariamente nesse medo e ultimamente

transformados em simples normas de decoro, que são indícios e sentinelas do recato; (4) o desenvolvimento dos ornamentos e do vestuário que simultaneamente estimulam ou reprimem o desejo sexual masculino e o coquetismo que procura atrair esse desejo; (5) a concepção das mulheres como propriedade tem sido às vezes acrescentada, o que traz confirmação a uma emoção já baseada em fatos mais naturais (Ellis, 1933, p.45-46).

Este pudor, constituído de reticências e recato, foi observado independente da cultura, seria ele, segundo Ellis, que permite o despertar da sexualidade. Isso oportuniza a fêmea a verificar, a seu favor os atributos dos candidatos, e assim fazer a escolha do parceiro (Ellis, 1933).

Ellis destacou também a religião como um dos pilares que sustentavam a moral vitoriana, cujo sentimento alimentou-se da neurose sexual; reconheceu a relação entre as emoções religiosas e as emoções sexuais. A omissão de emoções sexuais tornar-se-ia fonte de energia para as emoções religiosas.

Outro pilar do preconceito em relação à sexualidade foi à idéia de que a masturbação constituía em “... uma das maiores calamidades de todos os tempos”. (Tordjman, 1972, p.144). Para Ellis a masturbação é freqüente entre várias espécies de animais, e também na espécie humana, presente em várias culturas e várias formas de civilização. Segundo ele, masturbação,

...significa, no sentido estrito, a utilização da mão para obter excitação sexual no próprio indivíduo. Em um sentido amplo aplica-se a todas as formas de auto-excitação adotadas com este fim, e é mesmo possível falar illogicamente de “masturbação psíquica” na qual a excitação se produz pelo pensamento, sem auxílio de qualquer ato físico... No sentido mais amplo, a masturbação é um fenômeno difundido entre os animais e no homem, em todas as partes do mundo. É tão difundida que não podemos, rigorosamente, falar dela como “anormal”. É um fenômeno que se situa na fronteira entre o normal e o anormal, e sujeito a ocorrer sempre que é oposto um obstáculo ao exercício natural da função sexual (Ellis, 1933, p.122).

Auto-erotismo foi, assim, um termo criado por Ellis em 1898 e, segundo ele, consistia na emoção sexual espontânea sem mediação de estímulo externo que se originaria direta ou indiretamente de outra pessoa (Ellis, 1933). Este autor caracterizou um repertório de auto-erotismo tais como: o balanço, o recurso à máquina de costurar, a bicicleta, o cavalo, o espartilho, o esfregar das coxas, o gancho que provoca o orgasmo uretral na mulher, bem como o prazer solitário povoado por fantasmas eróticos e

fantasias, sendo estas últimas baseadas na experiência real do sonhador, podendo ser agradável ou conter traços de perversão, sem que necessariamente tenha que se manifestar no real. Ao contrário de Krafft-Ebing, Ellis retirou da masturbação o peso de ser a causa das perversões (Tordjman, 1972). A masturbação passa então a ser reconhecida como forma de retardamento do instinto sexual, faz parte do processo onde repousa a vida animal. Seguindo Rousseau, Ellis reconheceu a importância da infância na orientação sexual da vida adulta.

Em seu livro “A Inversão Sexual” (1933) assinala vários estudos no final do século XIX que apontavam ser também o homossexualismo uma forma de perversão sexual, dentre eles os de Richard von Krafft-Ebing, iniciado em 1877. De acordo com Ellis, Krafft-Ebing

...classificou a homossexualidade em quatro categorias: 1 Simples perversão do instinto sexual; 2 eviratio e defeminatio, onde toda a sexualidade do indivíduo experimenta uma disposição em harmonia com a modificação do instinto sexual paranóica, em que a mudança é tão completa que o indivíduo, no momento, acredita ter havido uma mudança física do sexo; 4 metamorfose sexual paranóica, compreendendo as ilusões sistemáticas de mudança de sexo (Ellis, 1897/ 1933, p.39).

Em continuidade a esta listagem de autores, Ellis aponta aos trabalhos do Dr. Chavelier, em 1893, com a *Inversion sexuelle*; Dr. Laupts em 1896 com *Perversion et Perversité sexuallis*; na França com Ch. Fere, o *Instinct sexuel, evolution et dissolution* em 1899. Antes dos estudos de Krafft-Ebing, na América, Hammond, Kiernan e Lydston teriam se interessado pela a questão da inversão sexual. Cita a conferência do Dr. G. Frank Lydston, de Chicago, acerca da inversão sexual, que apresenta a seguinte classificação:

I perversão sexual congênita e talvez hereditária:

- a- Perversão sexual sem defeito de estrutura dos órgãos sexuais.
- b- Perversão sexual com defeito de estrutura dos órgãos genitais, por exemplo hermafroditismo.
- c- Perversão sexual com defeito manifesto de desenvolvimento cerebral, por exemplo idiotismo.

II Perversão Sexual Adquirida :

- a- Perversão sexual devida à gravidez, à menopausa, a uma moléstia dos ovários, à histeria, etc.
- b- Perversão sexual consecutiva a uma moléstia cerebral adquirida, com ou sem loucura caracterizada.
- c-Perversão sexual (?) em consequência de vício.

d- Perversão sexual em consequência de cansaço do sistema nervoso sexual periférico ou central, consecutivo a excessos sexuais e à masturbação (Ellis, 1897/1933, p.41-42).

Portanto, a perversão sexual estaria relacionada como algo estranho ao indivíduo, e designada a quadros patológicos.

No mesmo livro, Ellis citou ainda o Dr. Magnus Hirschfeld, de Berlin, que teria estudado o homossexualismo com simpatia e atitude científica, e em 1899 fundou o periódico *Jahrbuch für sexuelle Zwischenstufen* com estudos acerca do homossexualismo, mediante o qual teria promovido progressos com relação a discussão sobre a inversão sexual. Esta até então, era tida como vício vergonhoso e desagradável (Ellis, 1933). No mesmo livro, Ellis aponta os estudos de Moreau, que acreditava ser a masturbação a causa da inversão sexual; os estudos de Krafft-Ebing que acreditava que a masturbação levava a toda sorte de perversões; e Moll, se contrapondo a esta idéia de Krafft-Ebing, colocando a masturbação como agente reforçador apenas. Ao final desta listagem de autores, Ellis apresenta suas próprias conclusões sobre o fenômeno:

Eu mesmo fiz pesquisas especiais sobre este ponto e sou da mesma opinião; que a masturbação, sobretudo durante a juventude, possa enfraquecer as atividades sexuais e predispor assim para as práticas homossexuais, é fato em que acredito firmemente. Mas fora disso, há poucas passagens, em minhas observações referentes a homens, que possam levar-me a dar grande importância à masturbação como causa de inversão (Ellis, 1897/1933, p.167).

De acordo com Tordjman (1972), distintamente de Krafft-Ebing, que considerou todos os comportamentos sexuais como perversos, considerando a procriação como única justificativa para o ato sexual, Ellis contribuiu para revolução sexual posteriormente conduzida por Freud. Com Krafft-Ebing o discurso médico e científico situava a sexualidade sob a perspectiva da doença, da crueldade e do medo, reforçando, portanto, a moral vitoriana. Com seu trabalho, Havelock Ellis retirou a sexualidade do silêncio e dos tabus que a continha até então. Embora tenha sido de grande importância para as mudanças na concepção de sexualidade, Havelock Ellis não se aprofundou, porém, na importância da infância para a origem das perversões e da sexualidade adulta, nem tampouco relacionou os fatos por ele descritos à noção de inconsciente. (Tordjman, 1972).

...Três décadas depois, ao ler uma biografia de Havelock Ellis, Freud confessou-lhe que “não teve como evitar a procura de semelhanças”, e que ficara feliz ao encontrá-las. Elas existiam...Como Ellis, também Freud tratava a pulsão sexual como um elemento criticamente importante na economia da vida mental, havia muito flagrantemente negligenciando devido à timidez, ao preconceito e à ignorância dos investigadores. E, ainda como Ellis, Freud era um estudioso atento da literatura técnica, sempre disposto a dar crédito a seus precursores quando achava que o crédito era cabível. No entanto, sabemos que Ellis era um colecionador e um *connoisseur*; apesar de suas aspirações, faltava-lhe o dom de cientista para a síntese, na qual Freud demonstrava sua maestria (Gay,1990, p.218,grifos do autor)

E foi pelo trabalho de crítica, integração e esclarecimento sobre o funcionamento de diversos fenômenos psicológicos que Freud foi capaz de construir uma teoria que pudesse tratar a peculiaridade da condição humana, segundo os parâmetros da cientificidade do então século XIX.

As idéias discutidas, sustentadas ou refutadas eram de caráter muito diverso, mas tinham um denominador comum: a sexualidade era vista como uma força natural primitiva difícil de controlar, que se manifesta de formas fundamentalmente diferentes em homens e mulheres. A sexualidade masculina era ativa; a sexualidade feminina passiva. Essas noções estavam cercadas de pretensões científicas, embora baseadas em fantasias, tais como a que imputava passividade ao óvulo e atividade ao esperma (Jusek,1995, p.152).

Embora marcado pelo interesse quanto a sexualidade, os autores e estudiosos do século XIX não ultrapassaram as formalidades dos autores antigos. Para Tordjman (1972), na literatura os autores que se destacavam eram: Balzac com a “Fisiologia do Casamento”, que consistia em um breviário da vida conjugal; Stendhal em seu ensaio sobre o amor demonstrou o mecanismo das afinidades amorosas; e George Sand, cuja contribuição voltou-se para desvelar o desconhecido universo da sexualidade feminina, diferenciando o prazer feminino do masculino, considerando este último como limitado a um fim próprio, enquanto o orgasmo feminino permanecia em crescente desejo de difícil satisfação.

1.3. Sexualidade e Perversão em fim de século

Como se pôde observar, as perversões no final do século XIX eram compreendidas como algo diferente das neuroses, que apesar das detalhadas descrições clínicas expostas pelos autores antes citados, aquelas eram excluídas dos quadros psicopatológicos da época. As perversões eram relacionadas mais ao trabalho da medicina legal do que ao trabalho da psicanálise (Kury, 1988).

Esta diferenciação foi minimizada à medida que se desvendava a importância da sexualidade como agente no mecanismo da neurose.

Foi à descoberta da importância da sexualidade na patogenia das neuroses, juntamente com o reconhecimento da sexualidade infantil, o que debilitou enormemente essa solução de continuidade. A seqüência foi a seguinte: os neuróticos tinham conflitos sexuais, o que chamava a atenção do médico sobre sua sexualidade; ao estudá-la, via-se que esta possuía características infantis, porém, a sexualidade infantil, pelo predomínio das zonas erógenas e os fins parciais sobre a genitalidade, tinham bastante semelhança com as perversões (Kury, 1988, p.142).

Como vimos, no final do século XIX, a Europa ainda respirava os valores morais impostos pela sociedade vitoriana, convalidados pelo pensamento científico da época, que colocam como sexualidade “legal” àquela que tinha como objetivo a procriação, sendo qualquer outra manifestação que não buscasse este fim considerada perversão.

Assim, a moral vitoriana permeou a ciência da época, mediante a qual teria tentado padronizar e normatizar a prática sexual na sociedade. A moral vitoriana teria se contraposto à moral do século XVII, na qual a sexualidade era tratada de forma explícita e livre; crianças e adultos participavam dos mesmos ambientes e práticas sociais, como nos mostrou Foucault (1976/1988). Com a ascensão da Rainha Vitória ao trono da Inglaterra, o véu sombrio do pudor extremado mergulhou a sociedade em um oceano de culpa, medo e vergonha frente às manifestações da sexualidade. A vida sexual passou a ser controlada, normatizada e sua prática posta sob o domínio da família. Sexo legítimo era aquele cujo objetivo era a procriação, o que fugia a esta norma era considerado patológico, portanto, deveria ser medicado. Assim, a medicina passava a fazer parte dos meios de controle dos corpos e das mentes, constituindo uma psiquiatria a serviço do biopoder, ou seja, do controle e do poder exercidos a partir da medicalização, tornando os corpos submissos à ordem vigente, como aponta Foucault em a “História da Sexualidade I” (1976/1988). Toda forma de satisfação sexual era entendida no âmbito

do patológico ou passível de intervenção judicial, como mostrou um dos representantes da ciência a serviço do biopoder, Krafft-Ebing.

Até meados do século XIX a patologia sexual se resumia em distúrbios de comportamento que se faziam importantes o bastante para sofrer a intervenção do alienista (psiquiatra) com fim médico-legal. Todos os distúrbios do comportamento como ninfomania e satiríase, passaram a ser agrupados junto à necrofilia, à pedofilia e foram conceituados por Esquirol e Morel como “monomanias instintuais” e perversões de instintos genéricos, respectivamente, portanto, como loucuras hereditárias.

Ainda no final do século XIX e início do século seguinte, as perversões teriam sido circunstanciadas a margem das discussões psiquiátricas, e seriam ligadas também a síndromes impulsivas e obsessivas. Nesse sentido, além de Krafft-Ebing, Valas (1990) cita outros autores que neste período considerado sombrio em relação à sexualidade na sociedade, também procuraram discutir a sexualidade, viabilizando uma origem para os desvios manifestos. Veiculava-se, portanto, a tese hereditário-degenerativa como vimos em Krafft-Ebing, e também defendida por A. Binet em seu trabalho de 1887, cujo título é *Fétichisme dans l'amour*, mas procura agregar a esta hereditariedade acontecimentos da infância que tenham deixado um traço que possibilite uma associação mental que justifique a perversão, em especial o fetichismo. E, finalmente, em 1889 A. von Scherenck-Notzing publica trabalhos que propõem processo de reversibilidade através da sugestão hipnótica; o que gera debate sobre esta questão, uma vez que fragiliza a teoria da degenerescência, pois aponta como único elemento degenerativo uma anomalia associativa sem tara na origem.

Ainda no século XIX, baseadas na teoria de Darwin, fizeram-se presentes novas abordagens acerca da sexualidade que rediscutiram a normalidade e a patologia, o que possibilitou uma nova discussão e redefinição sobre as perversões. Entretanto, os primeiros defensores da teoria evolucionista da sexualidade foram os autores americanos. Dentre eles destacam-se S. Clevenger, J. Kiernan e G. Lyngston, dos quais Krafft-Ebing adota o essencial de suas teses: “se o desenvolvimento individual recapitula as etapas da filogênese, as aberrações sexuais surgem como distúrbio do comportamento ontogenético” (Valas, 1990, p. 14).

Com a superação da tese de Krafft-Ebing (tese associacionista e degenerativa) pela tese evolucionista, foi possível compreender a relação entre o canibalismo primitivo e o sadismo e masoquismo presentes no mesmo indivíduo. A origem do homossexualismo estaria na bissexualidade originária do embrião, da qual decorreria

naturalmente a heterossexualidade em virtude do recalque e involução da tendência alternativa (Valas, 1990).

Valas (1990) apontou para o fato de que o interlocutor de Freud, Wilhelm Fliess, acrescentou à teoria dos darwinianos (teoria da sexualidade e bissexualidade enquanto evolução biogenética) um modelo organológico que não se afasta do modelo biológico, no qual o instinto sexual seria encontrado presente na vida psíquica e biológica, havendo uma relação entre o nariz e os órgãos genitais. As especulações filogenéticas são agregadas às pesquisas e teorias sobre a influência da ontogenia no desenvolvimento sexual, daí que as manifestações da sexualidade na infância de forma indiferenciada (bissexual), sem que isso caracterize um estado patológico, corresponderia a uma antecipação da sexualidade adulta. Mesmo acentuando os estudos psicosexuais na hipótese degenerativa, a idéia de um fator constitucional é mantida.

Por outro lado, ao retomar as teses de Moll, Havelock Ellis também aderiu à teoria de interrupção do desenvolvimento como fator originário das perversões, salientando a importância do meio ambiente e da sedução de crianças por adultos. Mais tarde, reforçando as colocações dos seus primeiros trabalhos, Ellis coloca que “a constituição sexual do homem é avassaladora, profundamente enraizada, permanente, e em grande escala congênita” (1933, p.15).

O trabalho de Ellis contribuiu para retirar a sexualidade do silêncio e dos tabus impostos pela era vitoriana, e mediante o método psico-sintético pontua o pudor, a religião e a masturbação como aspectos mistificadores da sexualidade humana. Ellis relatou o caso do Dr. Willoughby que em 1658 teria entrado no quarto de uma mulher que dava à luz arrastando-se para não ser visto por ela, ou ainda na França de Luiz XIV o encarregado dos partos das amantes do rei era conduzido até elas com os olhos vendados. O pudor não esteve, contudo, sempre presente na sociedade, isso pode ser constatado na história, quando se relata os usos e costumes dos povos ao longo do tempo; ou quando se afirma haver uma profunda relação entre as emoções religiosas e as emoções sexuais; finalmente quando se verifica que a masturbação, que até então era rigorosamente condenada, passa a ser colocada como válvula de segurança do instinto sexual, masturbação esta que pode ser observada em todas as civilizações e até mesmo entre os animais (Tordjman,1972).

Ellis também reconheceu a influência da infância na orientação da sexualidade, mas permaneceu com uma discussão superficial dos fatos, em função da influência positivista de sua época.

Compilou observações, confidências, críticas, integrando-as numa vasta síntese, mas faltaram-lhe duas coisas para ser tão grande quanto Freud: conceder primazia à sexualidade infantil, o que permitiu ao ilustre vienense uma incomparável psicogênese das perversões e da sexualidade adulta; e principalmente, ligar os fatos sexuais, que descreveu com tanta eloquência e coragem, à noção de inconsciente (Tordjman, 1972, p.48).

Segundo Albano (2006), observou-se que a psicanálise surge de algo que escapa ao biopoder, através dos sintomas forjados pela histeria e que é negado à consciência, caracterizando a força de processos submersos na intimidade do sujeito.

...O biopoder procurava disciplinar o “corpo” pelos mesmos preceptos e procedimentos pelos quais se disciplinaria o “corpo social”. O “sexo” passou a ser uma questão do estado, uma questão administrativa, e invocando razões que justificassem e autorizassem em seu nome a intervenção nos corpos, nos sujeitos, nos discursos. Não obstante, a anatomia política produzia como resto segregado por seus próprios dispositivos uma anatomia simbólica na qual se escreviam os “sintomas” como as estratégias usadas pelos sujeitos para explicar seu influxo (Albano, 2006, p.43, grifo do autor).

Compreende-se assim que o biopoder consistia no controle exercido sobre o corpo, através do qual se ditaria norma de conduta, padronizando as relações entre as pessoas e o modo pelo qual devem lidar com o próprio corpo. Contudo, o século XIX foi marcado não somente pelo rigor e normatização no trato a sexualidade, conduzido pelo biopoder, mas foi marcado também pelo liberalismo que vê o homem como um ser eminentemente livre, existente em si mesmo, isento da influência moral, cultural, econômica e política da sociedade em que se encontra.

E, no entanto, muito embora seja uma planta frágil, o temperamento liberal lançou fortes raízes na cultura burguesa do século XIX. Nem todas as batalhas contra os impulsos imperiosos foram perdidas. O domínio da agressão sem negá-la, traduzindo desejos destrutivos em ocupações produtivas, cuidando dos clamores do desejo com toda a graça e racionalidade dentro do poder de cada um – os melhores burgueses eram liberais desse tipo (Gay, 1988/1995, p. 527).

Este século foi marcado, ainda, pela aclamação da cientificidade que veio contrapor-se ao racionalismo europeu. Marcado, então, pela valorização do pensamento

científico e este último centrado no empirismo, ou seja, por conhecimentos práticos obtidos a partir da experiência, caracterizando influência do positivismo. Como método de análise, compreensão da vida e das relações, o positivismo basear-se-ia na experiência rigorosa dos fatos para elaboração teórica; enquanto doutrina, como princípios a serem seguidos, e também como agente regulador da produção da existência humana. O método positivista parte da observação de fatos e através da indução estabelece leis que possibilitam a existência e a sucessão dos fatos.

De acordo com Comte, em seu livro “Curso de Filosofia Positiva”, o espírito humano é regido por uma lei fundamental, ele a denomina de lei dos três estados, e em cada um destes estados o homem compreende a vida e os fenômenos que o cercam de uma forma peculiar, são eles:- o estado teológico, no qual o homem explica os fenômenos por meio da ação direta e contínua de agentes sobrenaturais que, devido à intervenção arbitrária, são responsáveis por todas as anomalias no universo; o estado metafísico, que explica os fenômenos através de forças ou entidades abstratas intrínseca a cada ser no mundo; e, finalmente, o estado positivo, que compreende os fenômenos a partir da aplicação de leis verificáveis pela experiência. O pensamento científico somente torna-se possível no estado positivo (Comte, 1826/1996). As ciências teriam passado pelos dois estágios, mas se construíram enquanto tal à medida que atingiram o terceiro estágio. Para que o método pudesse ser compreendido e os resultados de aplicação observados haveria a necessidade de uma educação positivista.

Já os bons espíritos reconhecem unanimemente a necessidade de substituir nossa educação européia, ainda essencialmente teológica, metafísica e literária, por uma educação positiva, conforme ao espírito de nossa época e adaptada as necessidades da civilização moderna (Comte, 1826/1996, p. 37).

Assim, seria através da lente positivista que a teoria da sexualidade passa a ser explicada ou reforçada no final do século XIX. A atração entre os sexos, natural e recíproca, tem como causa os órgãos genitais; o que antes era tido como secundário na determinação social, passa, a partir de meados do século XIX, a ser compreendido como aspecto importante na determinação das relações interpessoais. O sexo como fator determinante na reprodução da espécie, passa então a ser compreendido como vetor na expressão psicológica, passível de ser observado nas relações interpessoais. Valas(1990) observou que graças a Cabanis, a partir de meados do século XIX a sexualidade passou a ser compreendida como determinante das relações sociais.

A partir da oposição que faz entre instinto de reprodução e instinto de conservação, Cabanis fala de “hábitos instintivos”. Essas idéias, melhor demarcadas, serão difundidas por Schopenhauer, e se tornarão correntes no final do século XIX. O instinto sexual em seu desenvolvimento influencia os mais elevados sentimentos sociais, morais e religiosos da humanidade (Valas, 1990, p.10).

Tal afirmação caracterizaria a família e os laços parentais como vetores importantes nas relações a ser estabelecidas socialmente. Em contrapartida, estudiosos inspirados em Darwin teriam colocado o grupo social com necessidades peculiares, distintas do grupo familiar, com origem psicológica própria. Mesmo com o surgimento de discussão e estudos acerca dos vínculos sociais, as discussões sociais, as discussões sobre o instinto sexual não sofrem conflitos. A norma social deposita em toda forma de manifestação da sexualidade a sua finalidade principal, a reprodução da espécie, razão pela qual qualquer desvio desta finalidade é considerado como aberração, decorrente de uma degenerescência do instinto sexual natural, monstruosidades, portanto. (Valas, 1990).

Assim, a liberdade sexual do século XVII, anunciada por Foucault em seu livro “História da Sexualidade I”, se vê no século XIX sucumbida à finalidade da reprodução da espécie. À medida que a sexualidade passou a ocupar um lugar no interesse e discurso científicos, e até mesmo constituiu-se como conceito, seria normatizada segundo os valores morais, religiosos e sociais da época. Portanto, o discurso médico-psiquiátrico do século XIX pautava-se por uma sexologia normativa e moralista que propunha um determinismo com relação à sexualidade, sendo esta considerada como essencialmente heterossexual, cujo objetivo seria a reprodução, propagação da espécie.

A rainha Vitória ainda vivia quando Freud iniciou seus estudos; morreu em 1901, quando Freud já havia marcado o retorno do inconsciente na vida psíquica do indivíduo. Diferentemente de Ellis, Freud procurou trazer à luz da consciência as manifestações do inconsciente, encontrando em fatos observáveis razões para a sexualidade e para as perversões (Tordjman, 1972). A escuta clínica permitiu a Freud uma revolução na concepção da sexualidade humana, bem como da sua essência, do seu desenvolvimento, e da importância desta no desenrolar da construção histórica e cultural da civilização. Ao dar voz à histórica, Freud pôde trazer uma nova concepção sobre o

psiquismo e a sexualidade que denuncia e possibilita a libertação da sociedade do biopoder.

Vemos no final do século XIX, uma sexualidade controlada pelo discurso médico-científico e pela moral da sociedade da época, que privilegiava o sexo somente para reprodução. Vemos também o interesse voltado para a explicação das perversões em sua pluralidade. Frente a esta atitude reguladora e controladora ergueu-se um importante universo conceitual e rol de conhecimentos obtido de observações clínicas acerca da sexualidade humana. Estes conhecimentos influenciaram o pensamento freudiano na elaboração de sua teoria da libido, reforçando ou inspirando suas posições sobre a condição da intrigante sexualidade humana e de tudo que dela decorre. A seguir passaremos a examinar, portanto, as inovações propostas por Freud acerca da sexualidade humana.

CAPÍTULO II

PULSÃO E SEXUALIDADE EM FREUD

Vimos no capítulo anterior que a sexualidade humana era tida como uma função específica, voltada para a reprodução, na qual toda conduta desviante era considerada uma forma pervertida do exercício sexual. Ou seja, as perversões eram consideradas como formas patológicas da conduta sexual. Contra essa concepção, emerge com Freud uma nova idéia sobre a sexualidade humana, da qual decorrerá também uma forma igualmente nova de se compreender o fenômeno da perversão. Se antes as perversões eram consideradas formas patológicas do exercício sexual, com a concepção de sexualidade introduzida por Freud as perversões passarão a ser consideradas como formas constitutivas da sexualidade e psiquismo humanos.

Assim, tendo em vista que o objetivo deste trabalho é explicitar a concepção freudiana das perversões, consideramos necessário para um melhor esclarecimento do assunto – que terá lugar nos capítulos seguintes – analisar em suas linhas gerais a concepção freudiana da sexualidade. Para tanto, abordaremos neste capítulo dois aspectos básicos da concepção freudiana, a saber, o papel das pulsões sexuais e do complexo de Édipo.

Freud esforçou-se em demonstrar que os comportamentos considerados perversos e monstruosos pelos estudiosos do século XIX, derivavam de comportamentos normais e que a sexualidade estava para além do objetivo de procriação, para a busca da satisfação decorrente do desejo que surge ao longo do desenvolvimento humano, a partir da relação que se estabelece entre a criança e o outro.

Diante de uma sociedade científica e uma medicina pautada no organicismo, na biologia e na experimentação, Freud construiu um método de trabalho e pesquisa que pudesse dar suporte à sua teoria. Método este que tornou possível tratar

terapeuticamente a alma humana por meio de um elemento que distingue o homem dos demais animais, a palavra. A palavra possibilitou o acesso ao inconsciente humano, até então abordado pela filosofia e mesmo pela medicina, mas ainda carente de uma sistematização como a elaborada por Freud. Esta objetivação do inconsciente deu-se a partir da livre associação, dos atos falhos, sonhos, lapso de língua, nomes esquecidos e sintomas neuróticos. Tais elementos permitiram Freud concluir a existência de duas forças antagônicas no ser humano, uma consciente e outra inconsciente, cuja consequência é o conflito. A investigação freudiana esclareceu a importância da sexualidade para constituição psíquica. Mais do que isso, no entanto, distinguiu a sexualidade perverso-polimorfa da perversão propriamente dita, desfazendo tabus e mitos acerca da sexualidade humana, retirando-a do domínio puramente biológico e mergulhando-a de forma incisiva no campo das pulsões. A seguir, trataremos das pulsões, processo que impulsiona o trabalho do psiquismo, do papel da sexualidade infantil e do complexo de Édipo.

2.1. As pulsões

A expressão pulsão teria aparecido na obra de Freud em 1905 no texto “Os Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade”, e corresponderia a um processo dinâmico que estimularia o organismo a entrar em ação em direção a um alvo ou finalidade. A pulsão se caracterizaria como um conceito metapsicológico e referir-se-ia à energia psíquica constante. A origem da pulsão seria somática e a forma de satisfação se daria por meio de um objeto, da ligação de uma pulsão a outra, de descarga de energia pulsional, e também ao ligar-se a uma representação. Segundo Freud a pulsão seria um conceito fronteiro que visa recobrir as relações entre o somático e o psíquico, sendo, nesse sentido, compreendido também “como o representante psíquico dos estímulos de dentro do organismo e que alcançam à mente, como uma medida da exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo” (Freud,1915/1996, p.127).

De acordo com Freud, o psiquismo receberia estímulos provenientes do mundo externo e do interior do próprio organismo do sujeito, quantidades de energia de forma desordenada. Em função disto o aparelho iria buscar equilibrar a tensão interna, causada pelo aumento de excitação, através do controle ou da ordenação destas energias. Esta

tendência em buscar o alívio de tensão pela via da eliminação motora da tensão interna caracterizaria a forma de satisfação psíquica.

Freud (1915) iniciou a discussão sobre as pulsões a partir de uma distinção entre as necessidades internas e básicas do organismo (fome e sede) de outras forças que também agem de forma constante no organismo. Estas necessidades internas do organismo foram designadas como estímulos fisiológicos e se apresentam periodicamente segundo a necessidade do organismo para manter-se vivo. Freud diferenciou ainda os estímulos externos, os quais o organismo pode ser capaz de fugir, dos estímulos internos, contra os quais a fuga se mostra ineficiente, pois exigem satisfação. Os estímulos internos não permitem a fuga e se caracterizariam como as pulsões; estas, por sua vez, requerem uma forma peculiar de satisfação, aquela capaz de levar a eliminação da necessidade. Freud considerou função do sistema nervoso e do aparelho psíquico a responsabilidade de atender aos estímulos internos, aliviando o aparelho, de modo a satisfazer as exigências do organismo.

Por ser um conceito fronteiro entre o somático e o psíquico, a pulsão foi concebida por Freud como um conceito complexo, implicando em quatro componentes.

Como elementos da pulsão, Freud apresentou: a pressão (Drang), a finalidade (Ziel), o objeto (Objekt) e a fonte (Quelle). Segundo ele, a pressão constitui uma força constante e ativa, com relação à finalidade destacou a imutável finalidade última da pulsão. Existem finalidades próximas que corresponderiam a satisfações parciais. Para Freud o objeto seria a coisa, veículo por meio do qual a pulsão pode atingir sua finalidade. A característica relevante consistiria no fato de que, o objeto varia em uma pulsão e não estaria ligado a ela em sua origem. De acordo com Freud uma ligação muito próxima entre objeto e pulsão configuraria uma fixação. Finalmente, com relação à fonte da pulsão, Freud considerou-a com origem no somático, o corpo, como algo físico ou químico.

Com relação às modalidades das pulsões, Freud estabeleceu duas categorias agrupadoras: as pulsões de autoconservação ou do ego e as pulsões sexuais. Aqui, neste momento da teoria psicanalítica (1915), as pulsões sexuais estariam ligadas às pulsões de autoconservação, estariam associadas à preservação da espécie, seguindo uma determinação biológica. A concepção freudiana teria defendido um dualismo pulsional, de acordo com o qual a pulsão sexual emerge apoiada sobre a pulsão de autoconservação, esta última corresponde às principais funções para manutenção da

vida, tal qual a fome e a função de alimentação. Em outras palavras, a pulsão sexual surgiria apoiada nas funções de autoconservação, assim o indivíduo faria sua escolha de objeto apoiado nas funções vitais (Laplanche e Pontalis, 1982/1998).

Para Freud somente a psicanálise poderia explicar toda a complexidade da pulsão. Assim, as qualidades da pulsão como a pressão, a finalidade, o objeto e a fonte estimulam o movimento no psiquismo, daí a qualidade dinâmica do psiquismo que é atribuída pela pulsão.

Quanto aos destinos da pulsão Freud considerou: a) reversão ao seu oposto; b) retorno ao eu; c) recalque e d) sublimação.

Freud dividiu a reversão em seu oposto sob duas formas: reversão do conteúdo, que corresponderia à reversão de amor em ódio e a reversão ativo-passivo, que corresponderia ao sadismo-masoquismo. Entretanto, o retorno ao ego seria encontrado também no sadismo-masoquismo, pois o masoquismo corresponderia ao retorno do sadismo em direção ao próprio ego, como também no caso da homossexualidade. Para Freud, estes destinos não poderiam satisfazer a pulsão plenamente, já que os dois, o retorno ao ego e a reversão ao seu oposto podem caminhar paralelamente, uma vez que são mecanismos para satisfação da pulsão. Mais a frente no mesmo texto, Freud (1915) aponta para o fato de que a pulsão tem momentos cujas características podem apresentar-se como atividade, passividade e reflexividade. Citou como exemplo o sadismo-masoquismo e o voyeurismo-exibicionismo. Para ele a atividade ocorreria primeiramente (sadismo: provocar dor), seguida da passividade (masoquismo: sentir dor). A fase reflexiva da pulsão se caracterizaria pelo fato do indivíduo tornar-se objeto do outro.

As pulsões masoquistas e exibicionistas teriam sido vinculadas por Freud à organização narcisista do ego. Esta organização narcisista corresponderia à constituição do ego, ou seja, a uma forma de funcionamento do psiquismo no qual o objeto para investimento amoroso se constituiria no próprio ego, o sujeito é arrebatado pela própria imagem. Enfatiza o fato de que o objeto da pulsão não é específico, mesmo que a fonte seja uma parte do corpo. Freud retomou neste texto o conceito de narcisismo e de auto-erotismo para explicar o mecanismo das pulsões. O auto-erotismo seria baseado na definição proposta por Havelock Ellis, e compreenderia o comportamento sexual por meio do qual o indivíduo busca satisfação no próprio corpo sem recorrer a qualquer

objeto na realidade, sendo comum na infância. No narcisismo o indivíduo tomaria a si próprio como objeto de amor.

Outro destino da pulsão de acordo com Freud seria o recalque. Este caracterizaria um tipo de operação em que o indivíduo procuraria expulsar ou manter no inconsciente um desejo ou uma lembrança traumática. Finalmente a sublimação corresponderia ao processo pelo qual o indivíduo realiza atividades que seriam socialmente aceitas, que não apresentam uma relação direta com objetivos sexuais, mas que teria como determinante a pulsão sexual.

Com relação ao amor, Freud citou seus opostos: indiferença, ódio e ser amado. Para ele o ódio surgiria primeiro no sujeito, ou seja, o organismo ainda primitivo, auto-erótico e narcísico, reagiria ao mundo externo ou a partes deste mundo, responsáveis pela sensação de desprazer. O ódio caracterizaria como uma das primeiras defesas que surgem no decorrer do desenvolvimento sexual, no relacionamento do ego com os objetos do mundo externo. Entretanto, com o desenrolar do desenvolvimento e com a integração da vida sexual, emerge o amor pelos objetos, tornando-o o oposto ao ódio.

A história das origens e relações do amor nos permite compreender como é que o amor com tanta frequência se manifesta como 'ambivalente' – isto é, acompanhado de impulsos de ódio contra o mesmo objeto. O ódio que se mescla ao amor provém em parte das fases preliminares do amar, não inteiramente superadas; baseia-se também em partes nas reações de repúdio às pulsões do ego, os quais, em vista dos freqüentes conflitos entre os interesses do ego e os do amor, podem encontrar fundamentalmente em motivos contemporâneos (Freud, 1915/1996, p.144, grifo do autor).

Vimos, portanto, que o amor teria em sua origem, o ódio, uma vez que este último caracterizar-se-ia a partir das primeiras defesas do processo de construção da psicosexualidade humana. Daí a ambivalência, que poderá fazer-se presente nas relações atuais do indivíduo, cuja origem encontra-se no início da vida e das primeiras relações.

Freud finalizou este texto com a idéia de que as pulsões estariam submetidas à influência de três polaridades que dominariam a vida mental: a) atividade-passividade ou polaridade biológica; b) ego-mundo externo ou polaridade real; e c) do prazer-desprazer ou polaridade econômica. Isto é, as mudanças que acontecem com as pulsões estariam submetidas a influências de aspectos biológicos, do meio externo e de fatores

do mundo interno do indivíduo, que contribuem para desencadear novas vivências, que por sua vez permite a constituição da psicosexualidade humana e de um aparelho psíquico que a organize.

2.2. A sexualidade infantil e o complexo de Édipo.

Ainda como uma etapa preliminar para basear nossa discussão sobre as perversões em Freud, será apresentada nesta seção a concepção de sexualidade segundo o pensamento freudiano. Será examinada a sua importância na constituição do psiquismo humano, a importância do complexo de Édipo na organização deste psiquismo e seu posicionamento frente à realidade. O psiquismo humano seria constituído por instâncias: o ego, id e superego. O ego seria responsável pela consciência, porém possui uma grande parte inconsciente, o ego seria responsável pela defesa ou adaptação à realidade, atende as reivindicações do id, comandos do superego e exigências da realidade. O id seria compreendido como conjunto de conteúdos cuja natureza é pulsional e inconsciente, e seria o reservatório da libido. Já o superego corresponderia à instância crítica do psiquismo, que exerce censura sobre o ego, sua origem estaria na interiorização das exigências e proibições parentais. O superego seria responsável pela consciência moral e formação dos ideais.

De acordo com a teoria freudiana o complexo de Édipo, teria como herdeiro o superego e constitui o núcleo das neuroses e perversões.

Se, no entanto, a derivação das perversões a partir do complexo de Édipo pode ser estabelecida de modo geral, a nossa estimativa quanto à sua importância terá adquirido força adicional. Porque, na nossa opinião, o complexo de Édipo é o verdadeiro núcleo das neuroses e a sexualidade infantil que culmina nesse complexo é que determina realmente as neuroses...Dessa forma, a fantasia de espancamento e outras fixações perversas análogas também seriam apenas resíduos do complexo de Édipo, cicatrizes, por assim dizer, deixadas pelo processo que terminou, tal como o notório 'sentimento de inferioridade' corresponde a cicatriz narcísica do mesmo tipo (Freud, 1915/1996, p.208, grifo do autor).

Portanto, para compreender o modo com que este conflito se estabelece seria necessário o acesso à compreensão da constituição do psiquismo, bem como do estabelecimento de um funcionamento onde as manifestações perversas predominam.

Entretanto, como este complexo faz parte de uma fase do desenvolvimento infantil, faz-se necessário, antes, recorrer às observações freudianas acerca da infância e das forças que impulsionariam o seu desenvolvimento, a fim de elucidar o surgimento do “complexo Édipo” na infância, sua importância no desenvolvimento psicosssexual e na constituição do psiquismo. Nesta seção discutiremos, portanto, a sexualidade infantil e suas implicações, sobretudo, em decorrência do complexo de Édipo.

Em “A organização Genital Infantil” (1923), Freud assinalou que a escolha de um objeto que aparece na puberdade, já teria sido feita na infância. Toda energia sexual já teria sido direcionada para uma única pessoa, e é nesta pessoa que a criança buscaria alcançar seus objetivos. Isso justificaria a Freud aproximar a infância da vida adulta. Contudo, a distinção entre a sexualidade na infância e a sexualidade na vida adulta, consiste no fato de que na criança ainda não há completa primazia dos genitais, ou nem há ainda a valorização dos genitais, há somente a valorização do pênis como algo universal, como sendo possuído por homens e mulheres. A primazia dos genitais e o objetivo de reprodução, constituiria a última fase da organização sexual no ser humano.

Mas já em 1905, em “Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade” (1905), ao falar sobre a sexualidade, Freud comparou a amnésia infantil à amnésia da histeria, sendo que esta última teria ocorrido via recalque. Esta amnésia estaria relacionada a alguma atividade sexual infantil, isto porque a atividade sexual infantil é esquecida. Para Freud a sexualidade infantil se manifestaria entre os três ou quatro anos de vida, pouco depois viria o período de latência. No período de latência surgiriam forças psíquicas que se contrapõem, dificultam e inibem o livre fluxo da pulsão sexual. Estas barreiras ou diques como teria designado Freud, seriam o asco, sentimento de vergonha, os ideais estéticos e morais, mobilizados pelo efeito do processo educacional a que são submetidas às crianças.

Segundo Freud, as manifestações da sexualidade infantil são: o chuchar (sugar o seio, os dedos), e o auto-erotismo no qual a pulsão se satisfaz com o próprio corpo. O alvo na sexualidade infantil seriam as zonas erógenas, mais especificamente por provocar satisfação por meio de estimulação de uma zona erógena, que poderia ser “uma parte da pele ou mucosa em que certos tipos de estimulação provocam uma sensação prazerosa de determinada qualidade” (Freud, 1905/1996, p. 172). Como no auto-erotismo a pulsão encontraria satisfação no próprio corpo, à zona erógena seria o

objeto ou órgão, mediante o qual a pulsão encontraria satisfação, isto é, alcançaria seu alvo (ou finalidade).

Dentre as zonas erógenas estariam: boca, ânus, os genitais, e a pele. Na infância, os genitais não teriam papel principal, pois este estaria relacionado com as limitações biológicas e maturacionais, porém na vida adulta sim. E, em função dessas zonas erógenas a masturbação aparece na infância, por volta dos quatro anos, como forma de satisfação que é obtida por meio de um contato manual ou numa pressão feita com a mão ou na união das coxas. As zonas erógenas revelariam na criança uma disposição perversa polimorfa, ou seja, disposição em obter satisfação sexual via estimulação das zonas erógenas sem a estimulação dos genitais para uma possível reprodução. Essa disposição seria inibida por meio dos diques (vergonha, o asco e a moral), cujo efeito resultaria na vivência da genialidade na vida adulta. Caso o impedimento não ocorra, resultariam as perversões, nas quais a atividade sexual poderia estar pautada em modelos infantis de satisfação. Embora as zonas erógenas tenham uma grande importância na vida sexual infantil, a pessoa que cuida como objeto sexual, também se faz presente desde o início, o que resulta no prazer de olhar, de exhibir e também na crueldade. Mais tarde estas características podem entrar na composição da forma de satisfação na perversão.

Entretanto, a primazia dos genitais vai acontecendo gradativamente, mesmo ausente nos primeiros anos de vida. O interesse pelos genitais vai surgindo, ocupando um lugar significativo na vida da criança, porém com sentido diferente dos genitais para o adulto. A criança não se interessa pelos dois tipos de genitais, o do homem e o da mulher, mas sim pelo órgão sexual masculino, o pênis.

A princípio o menino não percebe a diferença sexual entre homem e mulher, sem se vincular a esta diferença. Daí a crença na universalidade do pênis. O menino parte do pressuposto de que todos possuem um órgão parecido com o seu. Este órgão se excita, produz sensações e muda com facilidade, e tudo isso desperta o interesse do menino. O menino passa a querer constatar a existência deste órgão em outras pessoas. Esta investigação levará o menino pequeno a descobrir que nem todos têm pênis.

Esta descoberta em um primeiro momento leva a criança a negar, a recusar a percepção desta ausência. Tal recusa faz com que a criança crie justificativas para a ausência:- ainda é pequeno, mas crescerá; esteve ali um dia, etc. A percepção e aceitação colocariam a criança frente à castração propriamente dita, ou seja, a crença

que um dia havia um pênis e que foi retirado. Isto leva a criança a deparar-se com a castração propriamente dita, desenvolvendo o complexo de castração. Da constatação da perda do pênis resultaria a desvalorização da mulher, o homossexualismo, conforme o caso de Leonardo da Vinci (Freud, 1910). A constatação da ausência do pênis feminino, pela criança, seria dificultada pelas crenças infantis, dentre elas, a de que a falta do pênis teria acontecido via castração e punição, o que torna as mulheres desprezíveis. Esta crença infantil na universalidade do pênis poderia exercer influência em alguns casos de perversões, como no caso do fetichismo, como veremos no capítulo IV seção 4.1.

Seriam várias as transformações sofridas durante o desenvolvimento sexual infantil, e cada fase do desenvolvimento pré-genital traz o seu conflito. As organizações pré-genitais correspondem ao período anterior à primazia dos genitais. Segundo Freud (1905), a primeira dessas fases caracterizar-se-ia pelo predomínio da boca como zona, daí ser chamada de fase oral ou canibalesca, na qual a atividade sexual estaria ligada à nutrição, e o alvo ou finalidade sexual seria a incorporação do objeto. A segunda fase pré-genital seria a sádico-anal, na qual a concepção dominante giraria em torno dos pólos ativo e passivo, e a zona erógena correspondente seria o ânus. Finalmente, posterior à fase sádico-anal, ter-se-ia a fase fálica, na qual o que de fato importa é possuir um pênis ou ser castrado. Para Freud (1923), somente na puberdade o sujeito iria constatar a oposição entre masculino e feminino. O masculino se relacionaria a atividade e posse do pênis e a feminilidade corresponderia a ser objeto e à passividade. A vagina estaria para abrigar o pênis.

...possuir um órgão genital masculino e ser castrado. A antítese masculino e feminino somente se estabelecerá na puberdade. Assim, a masculinidade irá traduzir a existência de um sujeito ativo que possui um pênis que se contrapõe ao feminino que é objeto e passivo. A masculinidade combina [os fatores de] sujeito, atividade e posse do pênis; a feminilidade encampa [os de] objeto e passividade. A vagina é agora valorizada como lugar de abrigo para o pênis; ingressa na herança do útero (Freud, 1923/1996, p.161).

Em 1909 nas análises dos casos do “Pequeno Hans” e do “Homem dos Ratos” Freud reforçou a idéia de que a atividade auto-erótica e as relações objetais vinculam-se ao complexo nuclear das neuroses. Este complexo nuclear seria nomeado mais tarde

como complexo de Édipo, que teria como tarefa explicar os sentimentos de ternura e hostilidade com relação à figura dos pais.

Em 1910, ao proferir a quarta lição de psicanálise na Clark University, Freud utilizou o mito de Édipo para esclarecer o aspecto incestuoso que acontece no complexo nuclear da neurose.

O mito do rei Édipo que tendo matado o pai, tomou a mãe por mulher, é a manifestação pouco modificada do desejo infantil, contra o qual se levantaram mais tarde, como repulsa, *as barreiras do incesto*. *O Hamlet* de Shakespeare assenta sobre a mesma base, embora mais velada, do complexo do incesto (Freud, 1910/1996, p.58, grifo do autor).

De acordo com Laplanche e Pontalis, designa-se complexo de Édipo o,

Conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais. Sob a sua forma dita positiva, o complexo apresenta-se como na história de Édipo-Rei: desejo da morte do rival que é a personagem do mesmo sexo e desejo sexual pela personagem do sexo oposto. Sob a sua forma negativa, apresenta-se de modo inverso: amor pelo progenitor do mesmo sexo e ódio ciumento ao progenitor do sexo oposto (Laplanche e Pontalis, 1982/1998, p.77).

Neste período da infância, em função da ausência de recalque aconteceria uma associação da atividade intelectual à curiosidade sexual, o que permite à criança a construção de suas teorias sexuais, com características tipicamente infantis. Dentre elas a universalidade do pênis que permite a hipótese da mãe/mulher fálica.

Para Freud durante a fase fálica (por volta dos três e cinco anos), a criança viveria um conflito entre desejos amorosos e hostis em relação aos pais. Em 1910, no texto sobre “Contribuições à psicologia do amor I”, aponta para o complexo de Édipo, ao falar sobre as fantasias edípicas, e estas aconteceriam devido ao fato de que a mãe é tida como objeto sexual e o pai passa a ser rival a ser excluído da relação. Também em “Contribuições para a psicologia do amor II” (1912), Freud aponta para a universalidade de uma fixação na figura materna como objeto de amor infantil. Assim, a primeira escolha de amor da criança estaria ligada a objetos ou fantasias incestuosas.

A escolha da mãe como objeto de amor pelo menino ocorreria em função de que os cuidados dispensados à criança desde a fase de recém-nascida relacionam-se à figura materna.

Trata-se de conservar a noção de apoio, que faz da mãe desde muito cedo o objeto de um investimento libidinal do menino, o qual incide inicialmente sobre o objeto privilegiado da pulsão oral, representado pelo seio materno (Simanke, 1994, p.191).

Com o surgimento das primeiras proibições a criança perceberia não mais ser o centro da vida que gira em seu entorno. Dentre estas proibições encontrar-se-ia a proibição da manipulação dos genitais, descoberta pela criança nesta fase. Assim, aos poucos a criança defronta-se com imperativos que a levam a renunciar a um mundo no qual ela tinha todo amor e proteção. O complexo de Édipo traz para a criança a possibilidade de diferenciar-se de seus pais, por meio da identificação com uma das figuras parentais (pais).

Abandonando o complexo de Édipo, uma criança deve, conforme podemos ver, renunciar às intensas catexias objetais que depositou em seus pais, e é como compensação por essa perda de objetos que existe uma intensificação tão grande das identificações com seus pais, as quais provavelmente há muito estiveram presentes em seu ego. Identificações desse tipo, cristalização de catexias objetais a que se renunciou, repetir-se-ão muitas vezes, posteriormente, na vida da criança; contudo, está interiramente de acordo com a importância afetiva desse primeiro caso de uma tal transformação o fato de que se deve encontrar no ego um lugar especial para seu resultado (Freud, 1933/1996, p.69).

A menina se identificaria com a mãe e o menino com o pai. Os pais passariam a ser vistos a partir de então como pertencentes a uma realidade independente dela, que não podem viver somente em função dela, a criança. A identificação refere-se à assimilação, por parte do indivíduo, de um ou mais atributo do outro com quem se relaciona. A experiência do complexo de Édipo viabilizaria o surgimento de valores culturais. O pai desempenha papel importante nesta fase, pois é ele, o pai é o outro que traz a cultura, a ordem cultural, impede o incesto, e promove a inserção da criança nesta cultura. Tal inserção seria possível via identificação com o pai, via constituição de um ideal. Antes da inserção paterna não haveria castração, e, portanto, diferenciação sexual.

O superego é para nós o representante de todas as restrições morais, o advogado de um esforço tendente à perfeição – é, em resumo, tudo o que pudemos captar psicologicamente daquilo que é catalogado como o aspecto mais elevado da vida do homem...o superego de uma criança é, com efeito, construído segundo o modelo não de seus pais, mas do superego de seus pais; os conteúdos que ele encerra são os mesmos, e torna-se veículo da tradição e de todos os duradouros julgamentos de valores que dessa forma se transmitem de geração a geração...O passado, a tradição da raça e do povo, vive nas ideologias do superego e só lentamente cede às influências do presente, no sentido de mudanças novas; e, enquanto opera através do superego, desempenha um poderoso papel na vida do homem, independentemente de condições econômicas (Freud, 1933/1996, p.72-73).

O complexo de Édipo inicia-se com um apego por parte da criança em relação aos pais. A mãe é tida como objeto de amor e o pai um modelo a ser copiado pelo menino, um ideal a ser perseguido, no qual a criança deveria tornar-se. Em relação à figura materna há um grande desejo e em relação ao pai surgiria um sentimento de amor, que levaria a uma identificação com o ideal. Seguir-se-ia, entretanto, uma sensação de incomodo frente e presença do pai, que se transformaria neste momento como obstáculo do menino para obtenção do amor materno. O menino percebe que quem tem a mãe é o pai. O conflito edípico é que introduz o pai na vida do menino. Frente a esta percepção, o menino almeja ocupar o lugar do pai ao lado da mãe, e com isso passa a viver uma ambivalência, ora ama o pai como modelo ideal, ora odeia o pai como rival.

A descoberta das diferenças sexuais por parte da criança traz a ameaça da castração outrora adiada, a ameaça da perda do próprio pênis. Assim, a criança renuncia ao seu amor para evitar o horror causado pela punição de desejar algo que lhe é proibido, a castração.

Se a satisfação do amor no campo do complexo de Édipo vê custar à criança o pênis, está fadado a surgir um conflito entre seu interesse narcísico nessa parte de seu corpo e a catexia libidinal de seus objetos parentais. Neste conflito, triunfa normalmente a primeira dessas forças: o ego da criança volta às costas ao Complexo de Édipo. (Freud, 1924/1996, p.196)

Segundo Freud a resolução edípica dar-se-ia à medida que a ocupação (energia psíquica ligada a um objeto ou representação) direcionada ao objeto amado seria substituída pelas identificações, em função do medo da castração anunciada pelo Complexo de Édipo. Desta identificação decorreria a introjeção da autoridade do pai no ego. Com isso surgiria o núcleo do superego, que atuará na manutenção da proibição ao incesto, impedindo que o investimento da energia libidinal retorne ao ego.

As tendências libidinais pertencentes ao complexo de Édipo são em parte dessexualizada e sublimadas (coisa que provavelmente acontece com toda transformação em uma identificação) e em parte são inibidas em seu objetivo e transformações em impulsos de afeição (Freud, 1924/1996, p.196)

Uma vez destituído de sua função, ou seja, de ocupar o lugar do pai ao lado da mãe, o pênis do menino é mantido. Isso possibilitaria a entrada no período de latência, adiando o desenvolvimento sexual da criança para a puberdade. Essa dessexualização está relacionada com a presença do pai que permite o processo de aculturação da criança. A entrada na cultura está submetida à dessexualização do alvo da pulsão, a sublimação, via identificação e constituição do ideal.

Freud aponta para o fato de que também o sexo feminino vivencia o Complexo de Édipo, e conseqüentemente desenvolve um superego e ingressa tal qual o menino no período de latência. A menina, segundo Freud (1924), acredita ter possuído um pênis, entretanto, o teria perdido com a castração. Por essa razão, a menina substituiria o desejo de ter um pênis, pelo desejo de ter um bebê do pai. Uma vez que este desejo não se realiza, novamente a menina abandona seu desejo, da mesma forma que fez com o desejo de ter um pênis, acomodando-os no inconsciente, onde estariam à espera do futuro, como possibilidade de realização.

Segundo Simanke (1994), tanto o complexo de Édipo masculino, quanto o feminino traz a realidade da castração. No homem a perda do pênis estará sempre relacionada a uma ameaça; na mulher anuncia um possível resgate no futuro. Simanke escreveu:

De qualquer forma, a restrição imposta ao desejo passa a ser vivida sempre como efeito da proibição edípica, menos necessária, portanto, que aquela imposta pela descoberta de uma diferença na realidade. O complexo de

Édipo protege, de certa maneira, o sujeito normal ou neurótico dos efeitos traumáticos da castração (Simanke, 1994, p.200).

Outra modalidade de resolução edípica teria sido apresentada por Freud (1910), ao falar sobre Leonardo da Vinci, onde teria abordado a fantasia de passividade sexual. Fez esta abordagem mediante a análise de um quadro pintado por Leonardo da Vinci, no qual constatou entre as figuras apresentadas, de forma distorcida, a figura de um abutre, cuja cauda era introduzida na boca de uma criança. Freud escreveu:

...a cauda, 'coda', é um dos símbolos mais familiares e substitui expressões referentes ao órgão masculino... a situação, na fantasia de um abutre abrindo a boca e fustigando-o vigorosamente por dentro com a sua cauda corresponde à idéia de um ato de *fellatio*, um ato sexual no qual o pênis é introduzido na boca da pessoa envolvida. É estranho que esta fantasia represente uma situação de caráter tão evidentemente passivo; parece-me com certos sonhos e fantasias encontradas em mulheres ou em homossexuais passivos (que desempenham o papel da mulher nas relações sexuais) (Freud, 1910/1996, p.93, grifos do autor).

O trabalho psicanalítico sobre Leonardo permitiu a compreensão da origem de um tipo de homossexualidade e também uma apresentação sobre o narcisismo. Na fantasia de Leonardo a mãe que amamenta transforma-se num abutre que introduz a cauda na boca da criança revelando uma situação homossexual associada a uma lembrança da infância. Para explicar a relação entre a fantasia e a lembrança de Leonardo da Vinci, Freud recorreria à teoria da universalidade do pênis e ao complexo de castração. A ameaça de perda do genital masculino da mãe é considerada pela criança como horrível e insuportável. Frente à possibilidade de castração o menino altera sua concepção do genital feminino. Onde antes havia um pênis não desenvolvido passaria a ser compreendido como uma ferida decorrente do corte do membro outrora presente. Do horror infantil da castração poderia resultar na vida adulta em homossexualidade ou fetichismo.

Ter-se-ia na infância, o surgimento de uma psicosexualidade da qual decorre uma determinada constituição psíquica, e conseqüentemente os elementos para uma vida adulta, na qual, hipoteticamente, a integração e síntese dos aspectos relevantes propiciariam o encontro com a genitalidade. Isto permitiria a conclusão do processo de

composição da sexualidade humana, marcando também o surgimento de mecanismos de defesa que constituirão aparelho psíquico com forma peculiar de funcionamento.

Feita uma apresentação breve acerca da importância da sexualidade infantil na concepção freudiana, passemos a discussão propriamente dita das idéias de Freud sobre as perversões.

CAPÍTULO III

EXAME DA EVOLUÇÃO DAS IDÉIAS SOBRE AS PERVERSÕES NOS TEXTOS DE FREUD

Como vimos, tanto a sexualidade como as perversões já eram discutidas antes do surgimento da psicanálise freudiana. Entretanto, Freud ao longo de sua obra demonstrou a peculiaridade com que a sexualidade humana se manifesta e se desenvolve, bem como a importância das perversões no processo de composição da sexualidade humana. Conceitos como sexualidade e perversão aparecem na obra de Freud de forma a elucidar o funcionamento complexo do psiquismo humano. Porém, antes do aparecimento de uma idéia clara ou um conceito como tal, seria possível observar os primeiros vestígios ou intuições que possibilitariam Freud chegar cada vez mais próximo de uma elaboração conceitual sobre o tema. As considerações de Freud sobre as perversões são apresentadas em diferentes textos de diferentes momentos da teoria e clínica freudianas, fato que dificulta o estudo do tema na obra de Freud. Por essa razão, faremos neste capítulo um exame do desenvolvimento do pensamento freudiano sobre as perversões. Para tal, dividimos este capítulo em duas seções. Na primeira seção reunimos os primeiros sinais, presentes na correspondência com Fliess¹, o que apareceu de forma explícita em “Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade”(1905), ou seja, a

¹Fliess era médico especialista em nariz e garganta e residia em Berlim; com ele Freud manteve uma correspondência volumosa e íntima, entre 1887 e 1904. Fliess era um homem de grande capacidade, com interesses muito amplos em biologia geral; mas, nessa área, adotou teorias que atualmente são consideradas excêntricas e praticamente indefensáveis. Contudo, era mais acessível às idéias de Freud do que qualquer outro contemporâneo. (Strachey, 1950/1996). A publicação da correspondência completa de Freud a Fliess só ocorreu em 1986, organizada por Jeffrey Moussayef Masson (Freud, 1986[1887-1904]). No entanto, todos os trechos de cartas de Freud a Fliess, citadas em nosso trabalho, foram retiradas dos extratos da correspondência, organizadas por James Strachey e publicadas na obra completas de Freud.

importância das perversões na sexualidade humana. Na segunda seção será apresentado um percurso feito na obra de Freud, no qual se pontuam textos em que o conceito foi sendo construído à medida que o pensamento freudiano foi avançando em sua elaboração teórica. Nesta seção tomamos por base as indicações de Chasseguet-Smirgel (1991), seguidas também por Ferraz (2006), porém, acrescentamos a essas indicações com outros textos identificados em nosso exame dos textos de Freud que consideramos importantes para esta discussão. Esta seção dividiu-se em três sub-seções. A sub-seção 3.2.1 pontua os sinais de perversão no início da composição da sexualidade humana; na seção 3.2.2 examinou-se a importância da fantasia de espancamento das crianças, decorrente da vivência edípica, como elemento que poderá contribuir para o estabelecimento de uma determinada forma de constituição e funcionamento psíquicos.

3.1. A pré-história das perversões no pensamento freudiano (1894 – 1904)

Como vimos no capítulo anterior, Freud inaugurou uma nova concepção de sexualidade humana em um contexto padronizador, no qual somente a família tinha o direito da prática sexual, com condutas fixas. Na concepção freudiana sobre a sexualidade haveria primazia do desejo, e este teria como objetivo a satisfação individual.

Na concepção de sexualidade anterior a Freud considerava-se a biologia, o compromisso social e moral para a manutenção de uma sociedade que descentralizava o homem de seus interesses. Assim, a sexualidade normal consistia na escolha sexual pelo sexo oposto, a heterossexualidade, cujo objetivo era a reprodução.

...O corpo como meio de prazer, e, sobretudo, como meio do prazer que é o orgasmo, achava-se, a despeito do dogma da encarnação, na vertente do mal, e a carne só podia ser lugar da impiedade. Duas exigências decorrem disso. Primeiro, a única justificação para a sexualidade era a reprodução da espécie, e, somada ao sacramento do matrimônio, ela apagava o pecado do prazer ... Tudo o que não conduzia diretamente à reprodução tornou-se pecaminoso, só podendo ser tolerado, com extremo rigor, se o marido, indubitavelmente enfermo, necessitasse dessas intimidades para chegar à ejaculação *in vas naturale* (Lanteri-Laura, 1979 /1994, p.21).

Qualquer prática que fugisse a este padrão estabelecido pela medicina, pela moral e pela ciência, era passível de condenação, tal como a homossexualidade e a sodomia.

Menções as perversões começam a aparecer nas cartas de Freud enviadas a Fliess para descrever sintomas das primeiras observações de quadros patológicos. Por exemplo, na carta 21, de 29 de agosto de 1894:

Herr D. sobrinho de Frau A., que morreu histérica. Família altamente neurótica. Idade, 28 anos. Há algumas semanas tem sofrido de lassidão, pressão intracraniana, pernas bambas, potência reduzida, ejaculação precoce e dos pródromos da perversão: as jovens muito novas o excitam em grau maior do que as de mais idade (Freud, 1950/1996, p. 246).

Em “Estudos sobre a Histeria” (1895), Freud teria se aproximado das perversões via crença de uma sedução sofrida pelas histéricas por seus pais, o que o levou à ‘Teoria da Sedução’. Tal constatação levou Freud a investigar a sexualidade humana e seus mecanismos, e a partir de então, construir-se-ia uma teoria sobre a causa das neuroses. Foi ao longo da construção de uma teoria sobre as neuroses, que esta teria sido caracterizada como negativo da perversão.

Cerca de dois anos depois, para explicar o desenvolvimento da perversão, na carta 52 (6 de dezembro de 1896), Freud teria atribuído a causa à uma experiência sexual prematura. Com relação ao desenvolvimento da neurose, Freud utiliza, neste momento, como elemento explicativo a bissexualidade dos seres humanos. A histeria seria resultante da perversão via um sedutor, que geralmente representava-se pelo pai; assim um pai sedutor, perverso, ao seduzir sua filha deixaria como herança a histeria. Ou seja, ao invés de deixar a perversão como herança o pai deixaria a histeria, uma neurose. Assim, um quadro neurótico poderia decorrer da intervenção do ato perverso, por isso, da relação entre neurose e perversão; neste momento, a neurose seria a negação, um repúdio à perversão. Freud assinala, ainda, que, via zonas erógenas, na infância seria possível à liberação sexual de outras partes do corpo (Freud, 1950/1996). A questão das zonas erógenas será nuclear na concepção freudiana da perversão, pois a partir dela Freud vai chamar em 1905 a sexualidade infantil de perverso-polimorfa, justamente devido a essa parcialidade e fragmentação da erogeneidade.

Na carta 55 (11 de janeiro de 1897), examinando as perversões, que neste momento estariam baseadas na concepção de Krafft-Ebing, ou seja, de uma sexualidade desviada, Freud teria advertido para o fato de que estas levam a zoofilia e tem característica animal. Isso acontece em função da atuação das sensações erógenas e não pelo funcionamento das zonas erógenas. Ele recorda que o principal órgão dos sentidos dos animais, seja com relação aos fins sexuais ou outros fins, é o olfato. No ser humano o olfato perde esta intensidade, por isso à medida que o olfato ou paladar predominam, “... o cabelo, as fezes e toda a superfície do corpo - e também o sangue - têm um efeito sexualmente excitante. Sem dúvida está em conexão com isso o aumento do sentido do olfato na histeria...” (Freud, 1950/1996, p.290).

Para Freud as perversões estariam presentes na história da humanidade, enquanto “...remanescente de um culto sexual primevo que no Oriente semítico teria sido uma religião...”. E mais, aponta para o caráter padronizado das ações perversas, que têm “...um significado e são executadas segundo um padrão que há de ser possível compreender...” (Freud, 1950/1996, p.292; carta 57(24 de janeiro de 1897) . Observa-se aqui a semelhança da perversão com o culto religioso e com a sexualidade proposta até então no século XIX. As ações nestes contextos deveriam seguir a um padrão, deveriam ser sempre as mesmas. O esclarecimento destas ações padronizadas, que poderíamos talvez tomar como espécie de leis do funcionamento sexual, poderia inserir uma discussão dentro de uma perspectiva freudiana e metapsicológica, como tentaremos mostrar ao longo deste trabalho.

Frente às constatações de sua clínica, e da forma limitada como compreendia a perversão até então, somente como sintoma e ou quadro patológico, Freud na carta 69 (21 de setembro de 1897) torna explícito seu desalento “quanto a sua neurotica”.² Este desalento traduziu-se na ausência de êxito completo do seu tratamento, e mais ainda em todos os casos os pais teriam que ser considerados perversos, principalmente na histeria. A constatação da perversão na figura paterna deveria resultar em um grande número de casos de perversões, porém isso não teria sido constatado. Isso colocou em dúvida a origem traumática das neuroses defendida até então. Uma das conseqüências do abandono da teoria sedução teria sido a abertura da possibilidade de pensar a fantasia, a

² O que Freud chama pelo nome de “neurotica” consistia na explicação de que a origem da neurose estaria na sedução sofrida pela criança por parte de um adulto, mais especificamente um dos pais. Ou seja, consistia em uma teoria das neuroses elaborada por Freud entre 1894 à 1897, conforme consta na referida carta, com data acima citada (Freud, 1950/1996)

fantasia de sedução (aqui não implica em desconsiderar a realidade dos casos reais de violência sexual) e também a fantasia de espancamento apresentada por Freud tempos mais tarde, especificamente em 1919.

Na carta 75 (14 de novembro de 1897), Freud, via evolução filogenética, esboça uma explicação do recalçamento (*Verdrängung*). No homem, a posição ereta teria criado condições para que as sensações antes excitatórias e ligadas a terra passassem a ser rejeitadas. Isto é, com o afastamento do nariz do chão, a boca, o ânus e a garganta teriam deixado de produzir estímulo sexual, diferindo dos animais. Segundo Freud, a persistência dos estímulos destas zonas sexuais nos seres humanos resultaria na perversão (Freud, 1950/1996). Isto quer dizer que, do ponto de vista da hipótese filogenética levantada por Freud nesta carta, a perversão em suas diferentes modalidades estaria relacionada a uma espécie de fixação ou manutenção de uma forma de funcionamento que deveria ter sido superada. Neste sentido, poder-se-ia dizer que em indivíduos considerados perversos persistem certas formas de excitação sexual próprias de etapas antigas da evolução nesse aspecto. A hipótese de Freud aqui esboçada em relação às perversões parece aproximar da hipótese freudiana sobre as neuroses, à medida que o recalçamento, em sua base estaria o que Freud chama de sobrevivência, os *fueros* (carta 52). Nesse momento inicial da teorização, Freud ainda pensa as perversões em relação ao modelo das neuroses, daí dizer mais tarde que a neurose é negativo da perversão. Ou seja, haveria um único mecanismo, o do recalque, que se for bem sucedido dá origem a uma neurose e se não for originaria uma perversão. A descoberta e caracterização de um mecanismo específico para as perversões pode ser a marca de uma grande diferenciação na concepção freudiana das perversões.

A partir das indicações presentes na correspondência de Freud a Fliess observa-se que por esse período (1894-1898) o pensamento freudiano encontra-se em certa comunhão com o pensamento científico da época em relação às perversões, ou seja, restringiam-nas a sintomas e quadros patológicos.

Em “A Interpretação dos Sonhos” de 1900, Freud teria discutido o caráter regressivo dos sonhos. Diz ele: “Falamos em ‘regressão’, quando, num sonho, uma representação é retransformada na imagem sensorial de que originalmente derivou” (Freud, 1900/1996, p.573). Mais adiante, no mesmo texto, Freud teria pontuado ser esta regressão, resultado de um impedimento do pensamento emergir na consciência por via normal, e que ocorreria, ao mesmo tempo, uma atração do pensamento por presença de

lembranças constituídas de significativa força sensorial (1900/1996). Ou seja, os pensamentos que teriam sido impedidos de emergir na consciência seriam atraídos por lembranças semelhantes e reapareceriam no sonho de forma distorcida em função do impedimento. Segundo Freud, a regressão também é importante na teoria da formação dos sintomas neuróticos como foi apontado anteriormente, e já se encontraria na carta 52, ou seja, a regressão seria um processo comum a todos esses fenômenos psíquicos. Isso implica que a hipótese de regressão, por ser mais abrangente e fundamental desempenha um papel maior na teorização freudiana. São três os tipos da regressão conforme consta em “A Interpretação dos Sonhos”: (a) regressão tópica, que compreende a sucessão de sistemas psíquicos, percorridos pela excitação seguindo uma direção; (b) regressão temporal, que leva a um retorno a fases já vivenciadas, e finalmente a (c) regressão formal que implica na utilização de modos antigos de comportamentos em detrimento dos habituais. Mas, para Freud, “...todos esses três tipos de regressão constituem num só e, em geral, ocorrem juntos, pois o que é mais antigo no tempo é mais primitivo na forma e, na tópica psíquica, fica mais perto da extremidade perceptiva” (Freud, 1900/1996, p.576).

Investigando a neurose, Freud se depara com elementos que vão lhe permitindo construir um saber acerca das neuroses e da importância da sexualidade nestes quadros, bem como de outros quadros, dentre eles a perversão.

Na história da mais tenra infância dos neuróticos, um importante papel é desempenhado pela exposição a crianças do sexo oposto; na paranóia, os delírios de estar sendo observado ao vestir-se e despir-se encontram sua origem nesse tipo de experiências, ao passo que, entre as pessoas que permanecerem em estágio da perversão, há uma categoria na qual esse impulso infantil alcança a nível de um sintoma – a categoria dos ‘exibicionistas’ (Freud, 1900/1996, p.272).

O neurótico realizaria seu desejo por meio de fantasias ou sintomas, já o perverso põe em ato, realiza o que o neurótico não teria coragem de fazer.

Além do conceito de regressão outros conceitos vão se construindo, de modo a permitir uma construção maior, uma teoria acerca da sexualidade humana e a implicação desta na estruturação da psique. Dentre estes conceitos encontra-se o de pulsão e zonas erógenas, como vimos no segundo capítulo deste trabalho. Portanto, para

Freud, a pulsão se constituiria pelo aumento de excitação que é determinada por alterações químicas nos próprios elementos corporais.

Em a “A Interpretação dos Sonhos” Freud vai defender a tese de que os sonhos expressam uma realização de desejos, embora se apresentem de forma disfarçada. Com relação a algum tipo de aproximação com a perversão, Freud teria falado mais especificamente sobre os sonhos sexuais, no qual a pessoa que sonha os elabora segundo seus desejos sexuais de estado de vigília com traços do que se conhece até então como perversão (1900/1996). Freud já teria pontuado aqui sobre a existência de componentes masoquistas na constituição sexual dos homens, bem como a existência do seu contrário, componentes sádicos. Freud apontou que:

...Há um componente masoquista na constituição sexual de muitas pessoas, que encontram prazer não na inflição de dor física a eles, mas na humilhação e na tortura mental, podem ser descritos como “masoquistas mentais”. Percebe-se de imediato que essas pessoas podem ter sonhos com o oposto do desejo e sonhos desprazerosos que são, ainda assim, realizações de desejos, pois satisfazem suas inclinações masoquistas (Freud, 1900/1996, p.192).

E ainda ao falar sobre os sonhos sexuais, Freud teria apontado para a presença de conteúdo perverso em tais sonhos. Diz ele: “Mas até estes últimos sonhos causam muitas surpresas pela escolha das pessoas a quem transformam em objetos sexuais, por seu descaso para com as restrições que o sonhador impõe a seus desejos o que comumente se conhece como ‘perversões’” (Freud, 1900/1996, p.696). Ou seja, os sonhos sexuais revelariam os desejos perversos mais íntimos, que em estado de vigília jamais o neurótico se permitira, as restrições e os limites ditados pela moralidade, tais como relações incestuosas, voyerismo, exibicionismo (por ex. sonhar que está sendo observado por um dos pais ao urinar), ou que o sonhador está sofrendo algum tipo de violência física. Além disso, outras partes do corpo, as zonas erógenas, foram revelando uma autonomia com relação à genitalidade.

Em particular em relação às perversões sexuais, é no caso Dora (Freud, 1901), ao falar das fantasias sexuais da paciente, que Freud teria apontado para as mesmas de forma a desfazer o peso do preconceito e da moralidade da época. Nele, sugeriu também o abandono à indignação ao se abordar as perversões sexuais. Escreveu ele:

...Tampouco nos devemos esquecer de que a perversão que nos é mais repelente, o amor sensual de um homem por outro, não só era tolerada num povo culturalmente tão superior a nós quanto os gregos, como também lhe eram atribuídas entre eles importantes funções sociais. Na vida sexual de cada um de nós, ora aqui, ora ali, todos transgredimos um pouquinho os estreitos limites do que se considera normal (Freud, 1901/1996, p.55).

Para Freud, as perversões se encontrariam em aspectos presentes na sexualidade humana considerada normal, em função da peculiaridade infantil. Para ele,

As perversões não são bestialidades nem degenerações no sentido patético dessas palavras. São o desenvolvimento de germes contidos, em sua totalidade, na disposição sexual indiferenciada da criança, e cuja supressão ou redirecionamento para objetos assexuais mais elevados- sua “sublimação” – destina-se a fornecer a energia para um grande número de nossas realizações culturais (Freud, 1905/1996, p.55-56).

De acordo com Freud haveria na sexualidade humana traços das perversões impedidos de aparecer por alguma força, ou redirecionado para objetos que não têm relação aparente com a sexualidade, como a cultura.

A manifestação da perversão teria revelado um estado de inibição no desenvolvimento, fazendo com que a pessoa permaneça com tendências próprias de estágios anteriores do desenvolvimento. De modo geral, os psiconeuróticos também apresentam traços perversos, porém, recalçados e, portanto, acomodadas ou repelidas para o inconsciente. Isto porque a presença destes traços de forma consciente ou a realização dos mesmos poderiam causar desprazer, uma vez que confrontam com as exigências da realidade.

Todos os psiconeuróticos são pessoas de inclinações perversas fortemente acentuadas, mas recalçadas e tornadas inconscientes no curso do desenvolvimento. Por isso suas fantasias inconscientes exibem um conteúdo idêntico ao das ações documentadas nos perversos, mesmo que eles não tenham lido a *Psychopathia Sexualis* de Krafft-Ebing, livro que as pessoas ingênuas atribuem a uma parcela tão grande de culpa na gênese das tendências perversas. As psiconeuroses são, por assim dizer, o negativo das perversões (Freud, 1905/1996, p. 56).

No relato do caso Dora (1901), Freud teria apontado para as substituições que os neuróticos fazem em suas fantasias inconscientes a fim de realizá-las por meio do

sintoma, tal qual a “sensação de cócega na garganta e da tosse”(1901/1996, p.56). É aqui que Freud coloca que o inocente sugar o mamilo materno se transformaria, no futuro, no desejo de sugar o pênis, o que caracterizaria uma fantasia perversa. Neste momento, Freud salienta o vínculo entre neurose e os impulsos perversos inconscientes, e também já anuncia sua concepção acerca da perversão. Para ele o que se caracterizaria como impulso no perverso, no neurótico se manifestaria como sintoma em função do mecanismo de recalque.

É que, no caso dela, um fato digno de nota proporcionava a precondição somática para tal criação independente de uma fantasia que coincide com a prática dos perversos. Ela lembrava muito bem de ter sido na infância uma ‘chupadora de dedo’... A própria Dora tinha clara na memória a imagem de uma cena de sua infância em que, sentada num canto do assoalho, ela chupava o polegar esquerdo, enquanto a mão direita puxava o lóbulo da orelha do irmão, sentado quieto ao seu lado. Essa é a forma completa da autogratificação pelo ato de chupar, tal como também me foi descrita por outras pacientes que depois se tornaram anestésicas e histéricas (Freud, 1905/1996, p.57).

Neste momento da obra freudiana observar-se-ia o anúncio de um ato que teria caracterizado uma ruptura com o pensamento científico e moral da época. Freud mostra que a perversão estria mais próxima da sexualidade humana tida como normal do que se supunha até então. Os atos reprovados pela moral de alguma forma já estiveram presentes na história da humanidade, seja o homossexualismo entre os gregos ou em cultos de religiões primitivas, e que o que diferencia o funcionamento entre neurose e perversão são as diferentes formas de funcionamento do psiquismo, como será discutido na seção 4.2 do capítulo IV. Para Freud, o aparelho psíquico se constituiria a partir de forças que lutam entre si buscando não só manifestar-se, mas realizar desejos correspondentes a cada uma destas forças. O aparelho psíquico resultaria, portanto, do trabalho que visa dar conta de um conflito entre o desejo e a realidade, pois o que ele teria escrito em uma das cartas a Fliess por volta de 1898, à carta 105, onde teria apontado para os dois pólos, dos quais emerge toda vida mental, realidade e realização de desejo.

Já nestes momentos iniciais da obra de Freud, é possível dizer que ele traz à luz da ciência e da moral um corpo não mais biológico ou anatômico, mas sim um corpo

erógeno, representado simbolicamente no psiquismo de acordo com a história e experiências particulares. O biológico e a reprodução não mais teriam a primazia.

... Esse estímulo era passível de fixação por dizer respeito a uma região do corpo que, na menina, conservava em alto grau a significação de uma zona erógena. Por conseguinte, estava apto a dar expressão à libido excitada. Ficou fixado através do que foi, provavelmente, seu primeiro revestimento psíquico – a imitação compassiva do pai enfermo – e, depois, através das auto-acusações por causa do ‘catarro’ (Freud, 1901/1996, p.83).

Neste momento se perceberia o interesse de Freud com relação à sexualidade e também em relação às perversões. Interesse este que levou Freud a elaborar uma nova teoria sobre a constituição e funcionamento do psiquismo humano, bem como explicar os fenômenos e manifestações patológicas. O conceito de sexualidade, bem como o de perversão, assumiu no pensamento freudiano um sentido que se contrapôs ao pensamento organicista e biologizante do então século XIX.

A investigação freudiana tornou possível a distinção entre sexualidade perverso-polimorfa e perversão enquanto constituição patológica. Com o mergulho na neurose, por meio da investigação em seu trabalho clínico e apoiando-se nas discussões apresentadas pela ciência na época, Freud não somente trouxe à luz da ciência um novo método investigativo, como também propôs uma nova óptica à sexualidade humana. Isso foi possível via esclarecimentos das observações feitas por ele. Esclarecimentos estes, cuja característica seria a independência da pesquisa biológica que determinava as hipóteses científicas até então.

Outra hipótese provisória de que não podemos furtar-nos na teoria das pulsões afirma que os órgãos do corpo fornecem dois tipos de excitação, baseados em diferenças de natureza química. A uma dessas classes de excitação designamos como a que é especificamente sexual, e referimo-nos ao órgão em causa como a ‘zona erógena’ da pulsão parcial que parte dele (Freud, 1905/1996, p.159).

Vemos que não somente os órgãos genitais produziram excitação e prazer, mas também outras partes do corpo com esta mesma função, e isso caracterizaria a pulsão como parcial, sem uma única forma de satisfação.

A bissexualidade e o desconhecimento da diferença dos genitais pela criança, somados à crença de um mesmo genital para meninos e meninas, constituíram elementos importantes que contribuiriam para neurose, e também para perversão, conforme se pode ler nas palavras de Freud:

Essa convicção é energicamente sustentada pelos meninos, obstinadamente defendida contra a tradição que logo resulta da observação, e somente abandonada após sérias lutas internas (complexo de castração). As formações substitutivas desse pênis perdido das mulheres desempenham um grande papel na forma assumida pelas diversas perversões. ... A suposição de uma genitália idêntica (masculina) em todos os seres humanos é a primeira das notáveis e momentosas teorias sexuais infantis (Freud, 1905/1996, p.184).

O complexo de castração surge a partir do medo da perda do pênis uma vez que a criança observa a ausência do pênis na menina, ou seja, a diferença anatômica entre os sexos. Como a criança tem a crença na universalidade do pênis, justifica esta falta pela amputação, ou melhor, o pênis feminino não está lá porque foi amputado, o que tornaria a mulher um ser que possui uma falta marcada na realidade.

Observar-se-ia, então, o quanto é difícil para o indivíduo abandonar aquilo que um dia acreditou possuir, abandonar suas primeiras crenças com relação a sua onipotência.

Na seção que se segue trataremos da discussão da evolução do conceito de perversão na obra de Freud de 1905.

3.2. A evolução do conceito de perversão na obra freudiana, a partir de 1905.

O conceito de perversão passou por várias alterações no pensamento freudiano. Segundo Chasseguet-Smirgel (1991), três momentos se fizeram essenciais no processo de teorização. O primeiro momento teve como alicerce a seguinte proposição: - “a neurose é o negativo da perversão”, apresentada nos Três ensaios sobre a teoria da sexualidade de 1905, e se fizeram presentes nos artigos que vieram depois, tal como na Conferência XXI das Conferências Introdutórias à Psicanálise, mais especificamente em “O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais” de 1916. O segundo momento caracteriza-se via teoria do complexo de Édipo, onde este teria sido apresentado como

núcleo das neuroses e das perversões. Entre os textos relativos a esse momento, incluíam-se “Uma Criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões” (1919), e ainda os artigos que tratavam a questão do complexo de Édipo, nos marcantes anos 20, tais como “A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade” (1923) e “A dissolução do complexo de Édipo” (1924). No artigo “Fetichismo” (1927), onde a imagem da recusa da castração se faz presente, associando-se à noção de clivagem do ego, delimitar-se-ia o terceiro momento da teoria das perversões em Freud.

Entretanto, pode-se observar na obra de Freud o desenvolvimento de conceitos muito antes de aparecerem, como procuramos indicar na seção anterior. Utilizaremos, como pontuamos no início deste capítulo, os momentos citados por Chasseguet-Smirgel (1991), e também por Ferraz (2006), em função da importância da discussão que apresentam. Mas seguiremos Freud também via outros textos escolhidos que demonstram o modo pelo qual a perversão foi se desenvolvendo de acordo com uma constância. Isso sugere que alguns conceitos apareceram de forma esclarecedora em um determinado período da história do movimento do pensamento freudiano, entretanto, se fizeram presentes em momentos anteriores como vestígio. E ainda como outros conceitos surgiram de forma a permitir a construção de um conceito não somente da perversão, mas também do mecanismo do qual ela decorre, mecanismo designado em “Fetichismo” como recusa da realidade (*Verleugnung*), como veremos no capítulo IV deste trabalho.

3.2.1. As Perversões na Origem da Sexualidade Humana

Em Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade, de 1905, Freud propõe um novo esclarecimento sobre questões que até então tinham sido abordadas de acordo com a moral, a religião e uma ciência biologizante. Neste primeiro momento, no qual teria se registrado a relação negativo/positivo entre neurose e perversão, observa-se ainda a influência da sexologia do século XIX. É daí que Freud teria retirado o termo perversão.

Freud iniciou a discussão das perversões pelo tema das aberrações e das inversões sexuais.

... Quando a perversão não se apresenta *ao lado* do alvo e do objeto sexuais normais, nos casos em que a situação é propícia a promovê-la e há circunstâncias desfavoráveis impedindo a normalidade, mas antes suplanta e substitui o normal em todas as circunstâncias, ou seja, quando há nela as características de *exclusividade e fixação*, então nos vemos autorizados, na maioria das vezes, a julgá-la como um sintoma patológico (Freud, 1905/1996, p.153, grifo do autor).

A perversão seria resultante de uma fixação infantil em estágio pré-genital, conforme indicamos no capítulo anterior, da organização libidinal, da organização do desejo. Ou seja, trata-se de uma fixação em fase precoce do desenvolvimento da sexualidade, que ocorreria ainda na infância.

Na criança, diversas seriam as correntes da sexualidade pré-genital. Elas existiriam sem um eixo que as organizasse e as ordenasse de modo a reuni-las e sujeitá-las em seu entorno. A sexualidade normal se caracterizaria pela efetivação dessa operação feita pela corrente genital da libido na adolescência. Assim, as formas de organização pré-genitais da sexualidade se submeteriam à corrente dominante e os atos dela decorrentes se tornariam atos preliminares para o coito genital, considerado normal. Nas palavras de Freud:

Chamaremos *pré-genitais* às organizações da vida sexual em que as zonas genitais ainda não assumiram seu papel preponderante. Até aqui tomamos conhecimento de duas delas, que dão a impressão de constituir recaídas em estados anteriores da vida animal. ... A primeira dessas organizações sexuais pré-genitais é a *oral*, ou, se preferimos canibalesca. Nela, a atividade sexual ainda não se separou da nutrição, nem tão pouco se diferenciaram correntes opostas em seu interior. ... Uma segunda fase pré-genital é a da organização *sádico-anal*. Nela, a divisão em opostos que perpassa a vida sexual já se constituiu, mas eles ainda não podem ser chamados de *masculino e feminino*, e sim ativo e passivo (Freud, 1905/1996, p.187, grifo do autor).

A impossibilidade da corrente genital impor-se frente às outras correntes pré-genitais, em decorrência de uma fixação na infância dessas correntes sexuais pré-genitais a estes períodos anteriores, acarretaria a perversão. Esta fixação compreende, na teoria freudiana, a forma inalterada que algumas representações permanecem no inconsciente, sem sofrer o efeito do recalque. Frente à impossibilidade de aceitar novos conteúdos representacionais, a libido retornaria para conteúdos anteriormente representados e que estariam acomodados no inconsciente, e esse retorno seria uma

regressão, como foi comentado antes. Estes conteúdos representacionais corresponderiam a imagens, fantasias etc. que se ligam à pulsão de forma permanente (Laplanche e Pontalis,1982/1998). Esta fixação impediria a corrente pré-genital de desenvolver-se rumo a genitalidade, em direção ao eixo organizador da vida sexual adulta, considerada normal, de modo que essa corrente sexual pré-genital se incumbiria de organizar as fantasias e atos sexuais das pessoas consideradas sexualmente perversas.

A fixação revelaria que as marcas das experiências infantis do indivíduo estariam atuando no sentido de mantê-lo direta ou indiretamente ligado a modos antigos de relação ou objeto. A fixação para Freud aconteceria devido a fatores da história do indivíduo, tais como:- posição na ordem de nascimento na família, trauma etc. Ou ainda fatores constitucionais, pois certos componentes da pulsão parcial poderiam ter maior força na constituição da sexualidade de certos indivíduos disponibilizando uma condição para fixação da libido (Laplanche e Pontalis,1982/1998). Em “Sobre o narcisismo: uma introdução”(1914) Freud teria indicado dois fatores determinantes, o tempo prolongado no exercício de certas atividades, e o aspecto quantitativo da experiência, algo como trauma. Esta fixação libidinal teria papel importante na origem de diversos distúrbios psíquicos e poderia relacionar-se com o recalque de forma estreita, encontrando-se em sua origem:

Temos motivos suficiente para supor que existe uma *repressão primeva*, uma primeira fase de repressão, que consiste em negar entrada no consciente ao representante psíquico (ideacional) do instinto. Com isso, estabelece-se uma *fixação*; a partir de então, o representante em questão continua inalterado, e a pulsão permanece ligada a ele. Isso deve às propriedades dos processos inconscientes... (Freud, 1915/1996, p.153, grifos do autor).

Este recalque originário seria, como vimos anteriormente, à primeira barreira que divide em inconsciente e consciente/pré-consciente o psiquismo humano(Honda, 2008, p.10).

As fantasias pré-genitais estariam presentes tanto na perversão, quanto na neurose; elas teriam um papel importante na formação do sintoma neurótico, pois contribuiriam na formação do conflito entre as exigências da pulsão e a censura. Na neurose haveria a intervenção do recalque, porém, Freud nos mostrou que nem sempre isso acontece.

Na perversão não haveria o submetimento à força do recalque, razão pela qual, poder-se-ia dizer que o perverso põe em prática as fantasias pré-genitais.

Boa parte da oposição contra estas minhas teses se esclarece pelo fato de que a sexualidade, da qual derivo os sintomas psiconeuróticos, é considerada coincidente com a pulsão sexual normal...os sintomas surgem apenas à custa da chamada pulsão sexual normal (pelo menos não de maneira exclusiva ou predominante), mas que representam a expressão convertida de pulsões que seriam designadas de *perversas* (no sentido mais lato) se pudessem expressar-se diretamente, sem desvio pela consciência, em propósitos da fantasia e em ações. Portanto, os sintomas se formam, em parte, às expensas da sexualidade *anormal*; a neurose é, por assim dizer, o negativo da perversão (Freud, 1905/1996, p.157).

Em os “Três ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade” (1905), Freud propõe que na perversão estas fantasias não seriam preliminares para o ato sexual, como forma de excitação, mas sim como fonte de toda vida sexual. O perverso caracterizar-se-ia, portanto, como aquele que o neurótico gostaria de ser, mas não se permite. Freud com este postulado permite compreender a sexualidade de forma ampla. Segundo ele, a perversão consiste naquilo que estaria presente de forma latente e em potencial em todas as pessoas, porém, sob a intervenção do recalque. No perverso não haveria recalque, mas somente regressão e fixidez a um período pré-genital. Esta fixidez seria determinada por fatores já anteriormente colocados, como a força dos componentes parciais da pulsão ou a constituição do indivíduo. O que antes teria sido marcado como algo descontínuo, em Freud teria surgido como contínuo, os traços anteriormente considerados como patológicos estariam presentes em germe também nas formas de constituições psíquicas consideradas normais.

... A experiência permitiu-nos ainda comprovar rompimentos prematuros da latência e até a supressão dela, e que, nesse aspecto, a pulsão sexual da criança comprova ser, de fato, perverso-polimorfa; comprovamos ainda que tal atividade sexual prematura prejudica a educabilidade da criança (Freud, 1905/1996, p.221).

A perversão se caracterizaria pela preservação da sexualidade infantil perverso-polimorfa na vida adulta. O adulto perverso tem a sexualidade definida e exposta em torno de um eixo pré-genital, tal qual a sexualidade genital domina a vida sexual normal.

Como vimos no capítulo II, na criança, a sexualidade, diferentemente do perverso, encontrar-se-ia de forma parcial, sem o domínio de qualquer eixo organizador da cena sexual. Diferente da condição infantil, onde não haveria um eixo organizador, pois, as pulsões funcionariam primeiramente de forma independente determinante e depois se unificariam e se organizariam libidinalmente de forma diversificada. No adulto perverso a vida sexual estaria definida por meio de um eixo pré-genital de forma tão absoluta como a genitalidade define a vida sexual normal. ‘Na Conferência XXI’, de 1916-17, intitulada “O Desenvolvimento da Libido e as Organizações Sexuais”, Freud apontou para o fato de que o estudo das perversões seria de grande importância para o esclarecimento acerca do conceito de sexualidade humana, na medida em que rompe com a concepção biológica vigente no século XIX, que definia a natureza sexual via função reprodutora somente. Sobre as perversões falou ele:

Como já o demonstra o nome pelo qual são universalmente conhecidas, elas são inquestionavelmente sexuais. Se descritas como indicações de degeneração, ou o que quer que seja, ninguém ainda teve a coragem de classificá-las como algo que não sejam fenômenos da vida sexual. Apenas em virtude delas justifica-se afirmarmos que a sexualidade e a reprodução não coincidem, pois é óbvio que todas as perversões negam o objetivo da reprodução (Freud, 1916-17/1996, p.325).

Freud teria estabelecido também nesta conferência uma diferença entre sexualidade infantil e perversão. Escreveu ele :

A sexualidade pervertida é, via de regra, muito bem centrada: todas as suas ações se dirigem para um fim – geralmente um único fim: um dos instintos componentes assumiu predominância, e, ou é o único instinto observável, ou submeteu os outros propósitos. Nesse aspecto, não há diferença alguma entre sexualidade pervertida e normal, a não ser o fato de que seus fins sexuais são diferentes. Em ambas, pode-se dizer, estabeleceu-se uma bem organizada tirania, mas, em cada uma das duas, uma família diferente tomou as rédeas do poder. À sexualidade infantil, por outro lado, falando genericamente, falta essa centralização; seus instintos componentes separados possuem iguais direitos, cada um das quais seguindo seus próprios rumos na busca de prazer.

Naturalmente, tanto a ausência como a presença da centralização harmonizam-se bem com o fato de que tanto a sexualidade pervertida como a normal surgiram da sexualidade infantil. (Freud, 1916-17/1996, p.327-28).

Assim, a sexualidade normal seria caracterizada pela genitalidade por excelência, portanto, em conformidade com a moral vigente na época, e na perversão também haveria um eixo com ações organizadas sempre da mesma forma para obtenção de um fim, o prazer nem sempre genital. Entretanto, esta posição não se faz unânime em toda obra freudiana. A sexualidade infantil caracterizar-se-ia pela ausência da predominância de uma pulsão (instinto) específica, todas as formas de obtenção de prazer teriam o mesmo valor. Entretanto, sexualidade normal ou perversa teria como origem a sexualidade infantil, se desenvolveriam a partir desta. Embora já manifeste um desenvolvimento sexual, na infância raramente ocorreria o orgasmo ou excreção genital.

Na “Conferência XXII” (1916-17), ao apresentar considerações sobre regressão egóica e a regressão libidinal, como fatores determinantes para o estabelecimento de condições para a neurose, Freud (1916-17) teria apontado a fixação da libido e a frustração, ou seja, constituição sexual e experiência. Em outros termos, a neurose seria estabelecida via fixação da libido em um período do desenvolvimento sexual associada a uma frustração na realização de um desejo.

Quanto a sua causação, os casos de doença neurótica enquadram-se numa série, dentro da qual os dois fatores – constituição sexual e experiência, ou, se preferirem, fixação da libido e frustração - estão representados de tal modo que, quando um dos fatores é mais forte o outro o é menos (Freud 1916-17/1996, p.350)

Assim, na neurose, a predisposição constitucional do indivíduo estaria associada ao recalque, que, por sua vez, frustra o desejo, impede-o de se realizar. Freud teria conceituado sistematicamente estes aspectos neste momento como séries complementares como determinantes de uma neurose.

Sua constituição sexual não as teria levado à neurose, se não tivessem tido essas experiências, e essas experiências não teriam efeito traumático sobre tais pessoas se sua libido tivesse sido disposta de outra forma...Proponho, senhores, que denominemos a uma série desse tipo ‘série complementar’, e

previno-os de que terão oportunidade de formar outras da mesma série (Freud, 1916-17/1996, p.351).

Portanto, a hipótese das séries complementares é elaborada por Freud para tentar explicar as perturbações na psicosexualidade via conjugação de fatores constitucionais da sexualidade, oriundos dos primeiros anos de vida, com fatores experienciais, cuja interação resultaria em uma dada constituição psíquica, como será discutido no capítulo IV deste trabalho na seção 4.2. Freud teria apresentado o recalque como fator predominante e determinante na neurose, já na perversão o recalque estaria ausente.

Uma regressão da libido, sem repressão, jamais produziria uma neurose, mas levaria a uma perversão. Assim, os senhores podem ver que a repressão é o processo mais característico das neuroses e é de todos os mecanismos o mais característico (Freud, 1916-17/1996, p.347).

Retornando a questão da perversão, no primeiro dos Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade (1905), ao tratar sobre “As Aberrações Sexuais”, e mais especificamente ao discutir a questão da homossexualidade, Freud teria apresentado a noção de desvio quanto a objeto sexual e objetivo sexual. Para Freud o objeto sexual se constituiria por meio da pessoa que desperta a atração sexual, e o objetivo sexual via ação impelida pela pulsão sexual. “Assim fazendo, a observação cientificamente esquadrihada mostrará um grande número de desvios em ambos, o objeto sexual e o alvo sexual, e a relação destes com a suposta norma exige uma investigação minuciosa” (Freud, 1905/1996, p.128).

Freud teria rejeitado a tese degenerativa e proposto uma nova constituição psíquica, na qual poderia se observar uma disposição à bissexualidade. Esta nova constituição psíquica teria o objeto subordinado à força da pulsão, que por sua vez exigiria satisfação. Frente ao desejo, o objeto assume papel secundário.

...Nesses casos, portanto, como em muitos outros, o objeto sexual não é do mesmo sexo, mas uma conjugação dos caracteres de ambos os sexos, como que um compromisso entre uma moção que anseia pelo homem e outra que anseia pela mulher, com a condição imprescindível da masculinidade do corpo (da genitália): é, por assim dizer, o reflexo especular da própria natureza bissexual (Freud, 1905/1996, p. 137).

O objetivo sexual também teria sofrido uma alteração, como vimos no capítulo II, na seção 2.1, que discute sobre as pulsões. Caso em que os atos considerados preliminares poderiam assumir o status do próprio ato sexual. O olhar, o olfato, peças do vestuário, assumiriam o valor do ato sexual, colocando em segundo plano ou totalmente desnecessário o coito ou ato sexual. Para Freud os desvios poderiam acontecer em função da valorização exagerada de partes do objeto sexual, da impotência, dos perigos conferidos ao ato sexual, marcados pela ausência de pudor e de recalque. Estes desvios do objetivo sexual estariam relacionados aos vários destinos da pulsão como foi discutido anteriormente no capítulo II deste trabalho, na seção 1.1 onde se discutiu sobre a questão das pulsões.

Em função desta suposta valorização exagerada de partes do objeto sexual e daquilo que anuncia o recalque, a pulsão seria impedida de prosseguir seu destino, e faria um movimento regressivo. Isto porque, persistir na sobreposição das fases de desenvolvimento significaria confrontar-se com a situação causadora do trauma, a ausência do pênis materno. A ausência do pênis materno teria sugerido, portanto, a temida realidade da castração, tanto materna, quanto a possibilidade de ocorrer com o próprio indivíduo. Este movimento regressivo impõe um retorno a formas de organização primitivas, anteriores a este trauma, que não teriam sido submetidas ao recalque e que exerceram forte influência sobre o indivíduo por fatores já assinalados.

Ora, é essa supervalorização sexual que não suporta bem a restrição do alvo sexual a união dos órgãos genitais propriamente ditos e que contribui para elevar as atividades ligadas a outras partes do corpo à condição de alvos sexuais (Freud, 1905/1996, p.142).

Embora o destino dado à pulsão caracterize as diversas formas de vivenciar a sexualidade, ela não é em si a perversão. Não haveria satisfação imediata na pulsão, nem tão pouco absoluta, pelo contrário, a pulsão é parcial. Então, várias são as formas de satisfação, já que na perversão somente uma cena se faz dominante, a cena imediatamente anterior à percepção da castração materna.

A propagação do interesse sexual para outras partes do corpo, com todas as suas variações em princípio nada nos oferece de novo; nada acrescenta ao

conhecimento da pulsão sexual, que nisso não faz senão proclamar sua intenção de se apoderar do objeto sexual em todos os sentidos (Freud, 1905/1996, p.144).

Diante do movimento pulsional, o neurótico fica horrorizado, já o perverso idealiza um aspecto da pulsão, o objeto. O valor atribuído ao objeto idealizado seria deslocado para outro objeto que passaria a receber as atribuições que lhe seriam próprias, mais aquelas do objeto idealizado. O perverso colocaria em atos conscientemente aquilo que lhe teria causado horror, bem como estabelece uma forma de resolução para a situação intolerável. O perverso tentaria resolver, desse modo, o conflito que, no neurótico, teria se estabelecido com recalque. Assim, na perversão se privilegiaria um detalhe, o olhar ou ser olhado bater ou vivenciar a dor, um cheiro, um tecido, com rigidez e fixidez ritualística, desfazendo a possibilidade de conflito mediante um deslocamento para algo imediatamente anterior e valorizado, desfazendo a importância daquilo que é recusado pela percepção. E, como veremos adiante no capítulo IV, tratar-se-ia, em última instância, da recusa da realidade da castração e nas implicações dela decorrentes.

Seguindo a obra de Freud, buscando apreender a construção do conceito de perversão, no texto “Sobre as Teorias Sexuais das Crianças” de 1908, uma das marcas características do pensamento infantil seria o apagamento, por assim dizer, da questão da diferença sexual. A criança atribuiria a todas as pessoas, homens e mulheres, o órgão sexual masculino, tal qual o menino, por exemplo, constata no seu próprio corpo. Por essa razão é que a castração, bem como sua ameaça, começa a assumir importância. E contra isso se levantaria a força falseadora desta percepção. Neste mesmo texto surge a interpretação do coito como algo sádico. E a ameaça de castração permite à criança ressignificar-se frente a questões como o horror ao sangue, fantasias com relação ao urinar e a exibição do traseiro com o casamento, e ainda fantasia em relação ao beijo. A ameaça da castração evidencia o desconhecimento da vagina e a aplicação da teoria da cloaca pela criança para explicar o nascimento.

A tendência de um funcionamento sexual polimorfo Freud teria apontado em textos escritos em 1908, que tinham como objetivo delimitar o funcionamento psíquico na histeria e na neurose obsessiva. A relevância da fantasia e da sexualidade infantil para as perversões é novamente discutida em “Fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade”. Neste texto, Freud estabeleceu uma importante relação entre as

neuroses e as perversões. Freud observou que as fantasias inconscientes tiveram sua origem no inconsciente ou no consciente, mas que foram condenadas ao inconsciente em função do recalque. Segundo Freud, a técnica da psicanálise permite constatar que “o conteúdo das fantasias inconscientes do histérico corresponde em sua totalidade às situações nas quais os perversos obtêm conscientemente satisfação”(1908/1996b, p.151). E mesmo quando não vivencia a fantasia inconsciente por meio do sintoma, o histérico pode vivê-la conscientemente via situações fingidas, como violência, atentado ou violência sexual. Freud citou como exemplo os selvagens excessivos dos imperadores romanos em suas fantasias e também o delírio dos paranóicos como fantasia da mesma natureza. Para Freud estas fantasias,

Dependem dos componentes sadomasoquistas da pulsão sexual, e também podem encontrar um correspondente completo em certas fantasias inconscientes de sujeitos histéricos. Também conhecemos casos, com sua importância prática, nos quais os histéricos não dão expressão às suas fantasias sob a forma de sintomas, mas como realizações conscientes, e assim tramam e encenam estupros, ataques ou atos de agressão sexual (Freud,1908/1996b, p.151).

O sintoma histérico corresponderia a uma regressão a modelos perversos de satisfação infantil que foram recalcados. A finalidade do sintoma histérico consiste na realização de uma fantasia sexual inconsciente que é concretizada nas perversões. Também na neurose obsessiva acontece um mecanismo parecido.

Em 1908, no texto “Caráter e erotismo anal”, ao tratar sobre a neurose obsessiva, Freud teria apontado para o fato de que, a preocupação com a ordem, com a economia e obstinação corresponderia a uma continuação ou uma formação reativa para impedir as atividades das pulsões parciais e suas respectivas zonas erógenas que lhe deram origem.

Deduzimos de tais indicações que essas pessoas nasceram com uma constituição sexual na qual o caráter erógeno anal é excepcionalmente forte. Mas como não há resquícios dessas fraquezas e idiosincrasias após o término de suas infâncias, devemos concluir que no decurso do seu desenvolvimento a zona anal perdeu sua significação erógena (Freud, 1908/1996c, p.160).

Ainda neste texto, ao falar sobre a vida pulsional, Freud considera o diabo como personificação da mesma, que por sua vez encontra-se recalçada e inconsciente. Aborda ainda o fato de que em determinados adultos permaneceria o comportamento erógeno da zona anal, tal qual acontece com alguns homossexuais. Para Freud “...os traços de caráter permanentes são ou prolongamentos inalterados dos instintos originais, ou sublimação desses instintos, ou formações reativas contra os mesmos”(Freud, 1908/1996c, p.164).

No texto “Moral Sexual ‘Civilizada’ e Doença Nervosa Moderna”, também de 1908, Freud esclarece que definiu as neuroses como ‘negativo’ das perversões no seu texto anterior “Os Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade” de 1905, porque os impulsos perversos encontram-se presentes no inconsciente, e isso se deu em função do recalque. A neurose apresentaria a mesma tendência da perversão, mas de forma recalçada (Freud, 1908/1996d). Vemos que neste texto Freud teria retomado a discussão em que a neurose e as perversões seriam contrapontos, como vimos na seção 3.1 deste capítulo.

Considerando o modelo de desenvolvimento sexual, a união dos genitais seria o fim último deste processo que teve início no auto-erotismo. A perversão decorreria de um desenvolvimento insuficiente da pulsão sexual, o que caracterizaria desvios prejudiciais ao modelo proposto pela civilização. Neste momento, perversão e civilização relacionam-se como opostos, como pólos negativo e positivo.

Em toda uma série de pessoas o desenvolvimento da pulsão sexual, acima descrito, do auto-erotismo ao amor objetal com seu objetivo de união dos genitais, não se realizou de forma perfeita e completa. Como resultado desses distúrbios de desenvolvimento, surgem dois tipos de desvios nocivos da sexualidade normal, isto é, da sexualidade que é útil à civilização – desvio esses que possuem entre si uma relação quase de positivo para negativo (Freud, 1908/1996d, p.175).

Assim, como no texto de 1905, para Freud (1908), o auto-erotismo estaria presente desde o início da vida, e corresponderia ao período em que a satisfação sexual decorreria de partes do próprio corpo denominadas zonas erógenas, daí a não necessidade ao indivíduo recorrer à outra pessoa, ou seja, ao amor objetal citado acima. Uma breve caracterização do auto-erotismo foi apresentada no capítulo II deste

trabalho. No texto de 1908, Freud adverte que a permanência neste estágio traria danos ao desenvolvimento da pulsão sexual e conseqüentemente ao sujeito.

Entre os sujeitos acometidos por tais perturbações estariam os diversos perversos, fixados em formas de satisfação sexual infantil, mais especificamente, fixados em formas de satisfação sexual anterior a primazia dos genitais. Os perversos não teriam desenvolvido totalmente a função reprodutora psicosexual. Dentre estes perversos, Freud incluiu os invertidos ou homossexuais, cujo objeto sexual é a pessoa do mesmo sexo, o que os fazem distanciar dos objetivos sexuais presentes na relação com o sexo oposto.

Em primeiro lugar (deixando de lado os indivíduos cujo instinto sexual é exagerado ou que resiste à inibição) estão diversas variedades de *pervertidos*, nos quais uma fixação infantil a um objetivo sexual preliminar impediu o estabelecimento da primazia da função reprodutora, e os *homossexuais ou invertidos*, nos quais, de maneira ainda não compreendida, o objetivo sexual foi defletido do sexo oposto. (Freud, 1908/1996d, p.175, grifos do autor).

Esta posição de Freud é seguida de explicação sobre a complexidade da pulsão sexual e a capacidade de sublimação dos invertidos. Segundo Freud, o destino destas pessoas dependeria de sua constituição pulsional. Se estas tendências se encontrassem frágeis, tanto a perversão, como as forças necessárias para o trabalho cultural seriam sufocadas. Já uma constituição pulsional mais intensa resultaria em sujeitos perversos submetidos às conseqüências de seus desvios na sociedade, ou ainda neuróticos devido a um recalque. Estes conteúdos que foram recalcados retornariam via sintomas das doenças nervosas. A neurose considerada como negativo da perversão reforça o discurso freudiano de oposição entre neurose e perversão.

Os neuróticos são uma classe de indivíduos que, por possuírem uma organização recalcitrante, apenas conseguem sob influxo de exigências culturais efetuar uma supressão *aparente* de suas pulsões... Defini as neuroses como 'negativo' das perversões porque nas neuroses os impulsos pervertidos, após terem sido reprimidos, manifestam-se a partir da parte inconsciente da mente – porque as neuroses contém as mesmas tendências, ainda que em estado de 'repressão', das perversões positivas (Freud, 1908/1996d, p.177, grifo do autor).

Até onde foi possível observar nos textos de Freud, esta teria sido a última vez que Freud apontou a idéia de oposição entre neurose e perversão, segundo nosso exame. Novos conceitos surgiram ao longo do pensamento freudiano, sendo decisivos para a condução de uma nova abordagem. Entre outros conceitos incluir-se-iam os de narcisismo, Complexo de Édipo, complexo de castração, recusa da realidade e cisão do ego. A clivagem do ego corresponderia a uma divisão no ego que se manifesta por meio de duas atitudes contraditórias do ego diante da realidade à medida que esta realidade se contropõe a exigência da pulsão; uma atitude considera a realidade e a outra nega a mesma realidade. Tais atitudes coexistem paralelamente, sem se influenciarem (Lapalme e Pontalis, 1982/1988).

Em 1910, no texto sobre Leonardo da Vinci, Freud (1910/1996) ao abordar a questão da homossexualidade, teria esclarecido sobre o intenso desejo visual em relação à mãe. Período este anterior ao complexo de castração. A atração erótica em relação à mãe “...se transforma no desejo de ver o seu órgão genital, supostamente um pênis. Mais tarde com a descoberta de que as mulheres não possuem um pênis, o desejo de ver o órgão feminino poderá se transformar no seu contrário, em repulsa” (1910/1996, p. 102-103).

A cauda do abutre na fantasia de Leonardo corresponderia os desejos pela mãe e a atribuição de um pênis a mãe, como o seu. Sobre a origem da homossexualidade Freud teria pontuado como necessário um vínculo estreito com a figura materna. Diz ele:

Em todos os casos de homossexuais masculinos, os indivíduos haviam tido uma ligação erótica muito intensa com uma mulher, geralmente a mãe, durante o primeiro período de sua infância, esquecendo depois esse fato; essa ligação havia sido despertada ou encorajada por demasiada ternura por parte da própria mãe, e reforçada posteriormente pelo papel secundário desempenhado pelo pai durante sua infância (Freud, 1910/1996, p.105).

Na origem da homossexualidade, a angústia de castração pareceu estar ligada de forma erótica à mãe e à escolha de objeto segundo o referencial dado pelo narcisismo. Freud escreveu:

Uma pessoa pode amar: (1) Em conformidade com o tipo narcisista: a)- o que ela própria é(isto é,ela mesma); b)- o que ela própria foi; c)- o que ela própria gostaria de ser; d)- alguém que foi uma vez parte dela mesma. (2) Em conformidade com o tipo anaclítico (de ligação): a)- a mulher que a alimenta; b)- o homem que a protege (Freud, 1914/1996, p. 97).

Isto quer dizer que os seres humanos fazem sua escolha objetal, ou seja, escolheriam uma pessoa para amar, por dois modos: a escolha a escolha narcisista ou uma escolha anaclítica. Na escolha narcísica a pessoa escolhe como objeto para amar a ela mesma, a pessoa que ela foi ou aquela pessoa que gostaria de ser. Já na escolha anaclítica a pessoa escolhe como objeto de amor a pessoa que lhe cobre de cuidados, a mãe que alimenta ou o pai que protege, ou figuras que desempenham este papel. Trata-se aqui da noção de apoio, apontada no capítulo II deste trabalho.

Nesse sentido, para Freud, todas as pessoas poderiam fazer uma escolha homossexual, mesmo que em estado inconsciente. A perda do objeto de satisfação infantil poderia levar qualquer pessoa a identificar-se com o objeto perdido e escolher novos objetos segundo o modelo narcísico.

Como vimos no capítulo II deste trabalho, em 1909, a expressão “complexo de Édipo”, teria sido usada por Freud de forma direta, na penúltima conferência proferida na Clark University, e a partir daí tornou-se presente nas proposições psicanalíticas que tratam da sexualidade e perversão. Ao falar sobre “Um tipo especial de objeto feita pelos homens” (1910/1996), mais especificamente em “Contribuições à psicologia do amor I”(1910/1996), Freud revela o que acontece em um tipo de escolha objetal masculina. A presença de um terceiro na relação e o amor por prostitutas como fatores determinantes na escolha do objeto, denotam em sua essência a mesma origem das outras escolhas. Esta escolha decorre de uma fixação na infância, no amor pela mãe, onde na fantasia a mulher amada substitui a figura da mãe e o terceiro da relação substitui a figura do pai. Esta escolha de objeto no homem revela uma fantasia edípica, o objeto de amor é a mãe e o pai constitui o rival de quem deve vingar-se.

Em “Contribuição à Psicologia do Amor II”(1912/1996), denotou-se uma fixação na figura materna do contexto edipiano, esta fixação seria responsável por problemas de impotência psíquica. Esta impotência refere-se à impossibilidade da livre circulação das cadeias de ternura e de sensualidade da vida amorosa em direção de um mesmo objeto. A primeira corrente, a afetiva, corresponde à primeira escolha infantil, e

poderia fazer com que a livre circulação da corrente de sensualidade seja obstruída, impedindo o sujeito de estabelecer uma erotização positiva com o objeto amado, devido ao fato de permanecer ligado a objetos ou fantasias incestuosas, decorrendo disso uma degradação na vida amorosa, à medida que impede o sujeito de avançar tanto no desenvolvimento da sensualidade, quanto da afetividade, no sentido de buscar novos objetos para amar. Entretanto, para Freud a satisfação sexual plena não é possível, somente para os impotentes ou perversos. Mesmo para as pessoas normais, cabe considerar a natureza da pulsão sexual que sofreria constante interferência do objeto perdido.

A psicanálise revelou-nos que quando o objeto original de um impulso desejoso se perde em consequência da repressão, ele se representa, freqüentemente, por uma sucessão infindável de objetos substitutos, nenhum dos quais, no entanto, proporciona satisfação completa (Freud, 1910/1996, p.194).

No texto “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914), Freud falou sobre a existência de indivíduos que tomariam a si mesmos como objeto sexual. Entretanto, somente isso não caracterizaria uma perversão, pois esta condição se desenvolveria em todo ser humano. Algumas pessoas, nas quais o desenvolvimento da libido seria diferenciado, como nos homossexuais, escolheriam o objeto sexual de acordo consigo, caracterizando uma escolha de objeto do tipo narcísica. A escolha acontece em função de fatores, tais como, a história do indivíduo, fatores constitucionais (componentes parciais da pulsão e constituição libidinal da pessoa).

Dois anos antes, em “Contribuições a um Debate sobre a Masturbação”, de 1912, Freud teria apontado que as pessoas normais vivenciam conflitos, pois o funcionamento psíquico dessas pessoas também seria submetido à complexidade dos mecanismos pulsionais e pela impossibilidade de satisfação plena da pulsão. Mesmo nos sujeitos ditos normais, poder-se-ia, segundo Freud encontrar recalçadas diversas tendências perversas, e complexos diferenciados.

Há muito tempo sabemos que os complexos e conflitos devem ser procurados também em todas as pessoas normais e sadias. Na verdade, acostumamo-nos a atribuir a todo ser humano civilizado, certa quantidade de repressão e impulsos perversos, determinada cota de erotismo anal, de

homossexualidade e assim por diante, bem como uma porção de complexo paterno e complexo materno e de outros complexos fora esses (Freud, 1912/1996, p. 267).

Estes complexos e conflitos poderiam desencadear um quadro patológico à medida que certos mecanismos sejam ativados. Dentre eles, o modelo de organização pré-genital com alvos que lhe são peculiares, permitindo assim a permanência do estado de infantilismo psíquico, intensificado pela prática da masturbação, que em casos como este se poderia considerar como patológica. A prática da masturbação agiria no sentido de realizar fantasias que se encontram presentes na vida do sujeito, mediando os princípios de prazer e realidade.

A fixação no pênis feminino anteriormente desejado, decorrente de uma investigação intensa por parte da criança, e esta investigação teria produzido traços indissolúveis o que leva a criança a vivenciar o complexo de castração. Resulta daí o fetiche, onde o objeto é o pé ou o calçado feminino, e atua como substituto do pênis da mulher, conforme a discussão que será apresentada na seção 4.1 sobre o fetichismo no capítulo IV.

Também a condição das pessoas que sentem prazer em cortar o cabelo de mulheres, que sem saber “executam o ato de castração sobre o órgão genital feminino” (1910/1996, p.103). Neste texto surge a questão da mãe fálica e da identificação tanto com ela como com o agente de castração. A expressão mãe fálica corresponderia a mulheres cujos traços enérgicos possibilitariam a ocupação do lugar do pai, como se o genital masculino fosse compatível com a imagem materna (Freud, 1910/1996, p.101-105).

Freud fala da fidelidade ao amor materno em alguns homossexuais, que fogem de outras mulheres em função disso, buscando amar outros homens como um dia a mãe os amou. Esta condição pressupõe uma regressão ao estágio do auto-erotismo, pois o objeto de amor é ele mesmo. A escolha do objeto de amor segue o modelo do narcisismo, tal qual Narciso da lenda grega que preferiu a própria imagem a qualquer outra.

Como foi colocado no início do texto, Freud muitas vezes manifestou atitude defensora e anti-moralista com relação ao homossexualismo. Em um dos seus textos, já citados anteriormente, “Moral sexual ‘civilizada’ e Doença Nervosa Moderna” (1908),

Freud apontou para o fato de que os homossexuais são vítimas da moral vigente, que ignora as diferentes constituições e impõe a todos os mesmos padrões.

No texto “As pulsões e suas Vicissitudes”(1915) Freud preocupou-se com o destino das pulsões nas organizações pré-genitais, quando as mesmas se encaminhavam para a organização genital. Para ele poderiam ocorrer, conforme indicamos no capítulo anterior, quatro destinos: reversão no oposto, retorno em direção a si mesmo, recalçamento e sublimação.

Para Freud a vida sexual deixou de ser compreendida mecanicamente através da satisfação para as tensões, mas sim como um complexo de significação e simbolismo. O emaranhado das fantasias sexuais presentes no ato sexual, seja qual for sua forma, permite compreender a perversão como uma estrutura complexa.

3.2.2. A fantasia de espancamento e suas implicações na origem da perversão

Vimos no capítulo II deste trabalho, mais especificamente na seção 2.2, que discute a sexualidade e o complexo de Édipo, em função das experiências vividas pela criança com seus pais, ela passa a desejá-los. Desse desejo resulta um sentimento que se fará presente em toda vida do indivíduo em maior ou menor intensidade, segundo fatores de sua história ou constituição. Este sentimento Freud denominou de “sentimento inconsciente de culpa”, e se fará presente no funcionamento neurótico ou de forma mais intensa no sadomasoquismo. O sentimento inconsciente de culpa refere-se a um estado onde o sujeito sente-se culpado por algo que desejou ou julga ter cometido, mas que isso não aparece na consciência, seria somente observado via análise de comportamentos fracassados ou por algum tipo de punição a que o indivíduo se submete sem nada ter feito na realidade presente. Esta seção busca discutir a fantasia de espancamento na fase edipiana, para estabelecer sua relação com as perversões. Nesta seção discutiremos a forma como a perversão vai aparecendo no funcionamento do psiquismo, servindo como base para o masoquismo.

Em “Uma criança é espancada” (1919), Freud discutiu a fantasia sadomasoquista impessoal relatada por alguns pacientes. Diz ele:

É surpreendente a frequência com que às pessoas que procuram um tratamento analítico para a histeria ou uma neurose obsessiva, confessam haver-se abandonado à fantasia: ‘uma criança é espancada’. É muito provável que haja exemplos ainda mais frequentes em um número muito maior de pessoas que não foram obrigadas a procurar análise por causa de uma doença manifesta. ... A fantasia tem sentimentos de prazer relacionados com ela e, por causa deles, o paciente reproduziu-a em inumeráveis ocasiões, no passado, ou pode até mesmo ainda continuar a fazê-lo (Freud, 1919/1996, p.195).

Nesta fantasia, uma criança estaria sendo espancada por um adulto. Estas fantasias teriam decorrido do desejo incestuoso inconsciente em relação à figura paterna, que por sua vez é recalçado.

Uma fantasia dessa natureza, nascida, talvez, de causas acidentais na primitiva infância, e retida com o propósito de satisfação auto-erótica, só pode, à luz do nosso conhecimento atual, ser considerada como um traço primário de perversão. Um dos componentes da função sexual desenvolveu-se, ao que parece, à frente do resto e tornou-se prematuramente independente, sofreu uma fixação, sendo por isso, afastadas dos processos posteriores de desenvolvimento, e, dessa forma, dá evidência de uma constituição peculiar e anormal no indivíduo (Freud, 1919/1996, p. 197).

A fantasia de espancamento teria surgido de uma inversão de desejo, pois o que a criança realmente teria desejado era manter relação sexual passiva com a figura paterna e, como este desejo é proibido, ele seria invertido. Ou seja, ao invés de prazer em sua fantasia, a criança obtém sofrimento de forma passiva das mãos dos pais ou do adulto que os represente. Esta fantasia que fundamenta a perversão revelaria mais uma vez uma série complexa pelas quais passa a pulsão, como afirmou Valas(1990). Teria ocorrido, portanto, a ação do recalque, que substituiu a idéia associada ao afeto de manter relação sexual passiva por espancamento, transformou também o prazer em dor. A fantasia de espancamento é garantida via modelo do recalque. Junto ao recalque surgiria um sentimento de culpa, cuja origem é desconhecida, porém “está ligada aos desejos incestuosos e justificada pela persistência desses desejos no inconsciente” (Freud, 1919/1996, p.204).

Segundo Freud, a fantasia de espancamento se estrutura em três fases. A primeira fase da fantasia corresponderia a uma gratificação do ciúme da criança em relação à outra criança. Aqui a fantasia é representada pelo pai que bate em outra

criança, que não é a que constrói a fantasia. Ter-se-ia aí a idéia do pai bater em uma criança, da qual a criança que fantasia sente ciúmes. Isso porque se sente ameaçada por não ter a afeição dos pais para si. Portanto, nessa fantasia a criança sente-se recompensada, pois o pai ama somente a ela. Isso reforça o erotismo presente na vida da criança, bem como reforça os interesses egoístas da criança. Ou seja, excita a criança, como também realiza o desejo de que somente “ela” seja amada pelos pais.

Essa primeira fase da fantasia de espancamento é, portanto, internamente representada pela frase ‘*O meu pai está batendo na criança*’. Estarei denunciando uma grande parte do que será exposto depois, quando, em lugar disso, disser: ‘*O meu pai está batendo na criança que eu odeio*’. Pode-se, ademais, hesitar em dizer se as características de ‘fantasia’ podem ainda assim ser atribuídas a esse primeiro passo no sentido de uma posterior fantasia de espancamento (Freud, 1919/1996, p. 201).

A segunda fase corresponderia à fantasia da própria criança ser espancada pelo pai (Freud, 1919/1996), ou melhor, é a criança que constrói a fantasia que é espancada pelo pai. Geralmente essa fantasia permanece inconsciente, e segundo Freud, poderia ser reconstruída no processo de análise. É válido lembrar que tanto para o menino como para a menina, essa fantasia representa o desejo de manter uma relação passiva com o pai. Portanto, aqui o menino substitui a atividade, que é própria do papel masculino, pela passividade que é própria do papel feminino. Esta fase, segundo Freud caracteriza a essência do masoquismo.

Entre essa fase e a seguinte, ocorrem profundas transformações. É certo que a pessoa que bate continua a ser a mesma (isto é, o pai); mas a criança em que está batendo transformou-se em outra e torna-se, invariavelmente, aquela que produz a fantasia. A fantasia é acompanhada por um alto grau de prazer e adquire, então, um conteúdo significativo, cuja origem nos dedicaremos depois. Agora, portanto, as palavras seriam; ‘*Estou sendo espancada pelo meu pai.*’ O que é de um caráter inequivocamente masoquista (Freud, 1919/1996, p. 201).

Finalmente, a terceira e última fase caracteriza-se, para Freud, pelo fato de que a criança que cria a fantasia de espancamento aparece como espectador, enquanto a figura do pai persiste por meio da figura de um professor ou outra figura de autoridade. Essa fantasia se assemelha à fantasia da primeira fase por ter se tornado novamente sádica.

Porém, as crianças não são especificadas na fantasia, estão sendo espancadas pelo professor ou por uma figura de autoridade, e seriam substitutos do próprio indivíduo que, por sua vez, aparece na fantasia como espectador.

A Terceira fase assemelha-se uma vez mais à primeira. Tem as palavras que se nos tornaram familiares por meio da afirmação do paciente. A pessoa que bate nunca é o pai, mas sim, ou é deixada indeterminada tal como na primeira fase, ou se transforma, de maneira característica, num substituto do pai, tal como um professor. A figura da criança que cria a fantasia não mais aparece nesta. Em resposta às prementes perguntas, as pacientes declaram apenas: 'Provavelmente estou olhando'. Em vez de uma criança espancada, há agora, via de regra, várias crianças presentes. Com maior frequência são meninos que estão sendo espancados (nas fantasias de meninas), mas nenhum deles é pessoalmente conhecido pela pessoa (Freud, 1919/1996, p. 201).

Tanto na primeira fase quanto na terceira fase da fantasia de espancamento, a criança espancada é sempre outra, quase sempre do sexo masculino e não a criança que fantasia. Já a figura que bate é a do pai, que posteriormente é substituído por outra figura do círculo parental, ou que represente autoridade. Assim, diante da fantasia de um "outro menino" sendo espancado, os meninos driblam o seu desejo homossexual ao colocar outro menino no lugar da criança espancada ou através da substituição da figura paterna pela figura materna. Já a menina, ao fantasiar um menino sendo espancado, foge das exigências do lado erótico de sua vida, transforma a condição passiva em ativa, pois assume o papel masculino ao colocar-se como espectador do espancamento, acontecimento que vem ocupar o lugar do ato sexual. Portanto, conclui Freud, "em ambos os casos, a fantasia de espancamento tem sua origem na ligação incestuosa com o pai" (Freud, 1919/1996, p. 213).

Portanto, a fantasia de espancamento revelaria o desejo incestuoso de ocupar um lugar de passividade diante da figura paterna, ocupando o lugar do feminino. Esta fantasia proibida revela a dor como veículo entre satisfação e punição. Assim, o que deveria ser prazeroso, devido ao sentimento de culpa, passa a ser vivido como sofrimento. O sentimento de culpa converte em sofrimento algo que é desejado e cuja realização, mesmo no âmbito da fantasia, seria proibida e convertida em fantasia de punição.

Em “Além do princípio do prazer” (1920), Freud nos fala também sobre a questão da punição do desejo proibido, que sofre intervenção do sentimento de culpa, e afirma que,

...os sonhos são realizações de desejos. Os sonhos de ansiedade, como repetida e pormenorizadamente demonstrei, não oferecem essa exceção, nem tão pouco fazem os sonhos de castigo, porque eles simplesmente substituem a realização de desejo proibida pela punição adequada a ela, isto é, realizam o desejo de sentimento de culpa que é a reação ao impulso repudiado (Freud, 1920/1996, p. 43).

O sonho não somente cumpre a função de realização de desejo, mas também de satisfação de um sentimento que se faz inconsciente, o “sentimento de culpa”. No sonho, tal qual na fantasia, Freud teria observado o sentimento de culpa e o papel por ele exercido na transformação em seu contrário.

Este texto reforçaria a idéia de que a perversão resultaria de uma fixação da libido e de satisfação da existência de um sentimento inconsciente de culpa, que como vimos, traz em seu seio um desejo incestuoso e passivo em relação à figura do pai. Tal desejo exigiria impedimento via punição. Em “Os Três ensaios sobre a sexualidade” (1905), esta fixação apareceu como um dos componentes da sexualidade submetido a um desenvolvimento prematuro, que teria passado à frente dos outros. Isso geraria uma independência precoce, e afastaria este componente da sexualidade dos demais, preservando, porém, sua forma infantil. Caso este componente submeta-se a um processo de recalque, sublimação ou formação reativa, a perversão infantil não seria mantida na vida adulta. Em outras palavras, teria ocorrido uma inibição das tendências infantis perversas. Quando isso não acontece dar-se-ia a perversão. As tendências inibidas permitem compreender que antes do recalque o que há é a perversão, como tentamos mostrar na seção 3.1, acima, que trata “As Perversões na Origem da Sexualidade Humana”. A dificuldade em determinar aquilo que possibilitava a consolidação ou não da perversão levou Freud a apontar para a presença de um fator constitucional na etiologia (Freud, 1905, p. 229), bem como a precocidade, adesividade elevada e eventual estimulação da pulsão sexual por estímulos estranhos, quando teria apresentado a fixação como critério para se estabelecer as perversões.

Mesmo sem abordar o complexo de Édipo, no texto “Uma criança é espancada” Freud fundamentou-o como responsável pelas perversões, como é nas neuroses, conforme se pode ler no seguinte texto:

...Quando nos lembramos das anamneses que foram obtidas em casos de perversão em adultos, não podemos deixar de notar que a impressão decisiva, a da 'primeira experiência', de todos os perversos, fetichistas etc. dificilmente se refere a um período anterior ao sexto ano de vida...Porque na nossa opinião, o complexo de Édipo é o verdadeiro núcleo das neuroses e a sexualidade infantil que culmina nesse complexo no inconsciente é que determina realmente as neuroses... (Freud, 1919/1996, p. 208).

Com relação às perversões e a relação com o complexo de Édipo Freud apontou que:

...a fantasia de espancamento e outras fixações perversas análogas também seriam apenas resíduos do complexo de Édipo, cicatrizes, por assim dizer, deixadas pelo processo que terminou, tal como o notório 'sentimento de inferioridade' correspondente a uma cicatriz narcísica do mesmo tipo (Freud, 1919/1996, p. 208).

A condição masoquista cristalizaria a importância das diferenças sexuais no mundo psíquico e da importância da complexidade produzida pelas identificações com os pais ou com figuras que correspondam a estes.

A vivência masoquista evidencia uma grande complexidade decorrente do processo de identificação, uma vez que aqui a satisfação decorre do prazer do outro. A carga libidinal pertencente ao complexo de Édipo seria herdada pela perversão em função da culpa proveniente do conflito edípico. Ou seja, a perversão herdaria toda carga de energia resultante desta fase do desenvolvimento psicosssexual, na qual a criança vive um desejo incestuoso em relação à figura dos pais. Desejo proibido do qual resultaria o sentimento de culpa frente ao conflito entre desejo e proibição. Como vimos na fantasia de espancamento, o prazer se faria possível via flagelação e no sofrimento obtido na fantasia. A culpa, portanto, seria responsável pela transformação do sadismo em masoquismo.

Em 1918, no caso "Homem dos Lobos", observou-se o pavor em entregar-se aos desejos femininos de passividade, que teria surgido em função de uma identificação com a mãe na cena primária. Este pavor expressou-se por meio do sonho com os lobos brancos sentados nos galhos de uma nogueira. No sonho, o paciente de Freud (Homem dos Lobos) teme ser devorado pelos lobos.

Sonhei que era noite e que eu estava deitado na cama. (meu leito tem o pé da cama voltado para a janela: em frente da janela havia uma fileira de velhas nogueiras. Sei que era inverno quando tive o sonho, e de noite.) De repente, a janela abriu-se sozinha e fiquei aterrorizado ao ver que alguns lobos brancos estavam sentados na grande nogueira em frente da janela. Havia seis ou sete deles. Os lobos eram muito brancos e pareciam-se mais com raposas ou cães pastores, pois tinham caudas grandes, como as raposas, e orelhas empinadas, como cães quando prestam atenção a algo. Com grande terror, evidentemente de ser comido pelos lobos, gritei e acordei (Freud, 1918/1996, p. 41, grifo do autor).

Observa-se neste momento da obra freudiana, uma ligação entre o erotismo e o aterrorizante nas perversões. A fantasia de espancamento da criança e a fantasia masoquista do “Homem dos Lobos” revelam o ponto de ligação entre o erótico e o terror. Ligação entre o desejo de copular com o pai, e assim ocupar do lugar feminino, vivenciar o lugar da passividade. Lugar este que se submete aquele que foi castrado, e em função disso foi destituído do papel ativo, de poder em relação ao outro.

Em 1923, o texto “A organização genital infantil” representou aquilo que caracterizaria a base do mecanismo psíquico a partir do qual Freud vai tentar explicar as perversões, o mecanismo da recusa (*Verleugnung*) da realidade da castração.

No decurso dessas pesquisas a criança chega à descoberta de que o pênis não é uma possessão, comum a todas as criaturas que a ela se assemelham... Sabemos como as crianças reagem às suas primeiras impressões da ausência de um pênis. Rejeitam o fato e acreditam que elas *realmente*, ainda assim, vêem um pênis. Encobrem a contradição entre a observação e a pré-concepção dizendo-se que o pênis ainda é pequeno e ficará maior dentro em pouco, e depois lentamente chegam à conclusão emocionalmente significativa de que, afinal de contas, o pênis pelo menos estivera lá, antes, e fora retirado. A falta de um pênis é vista como resultado da castração e, agora, a criança se defronta com a tarefa de chegar a um acordo com castração em relação a si própria (Freud, 1923/1996, p. 159, grifo do autor).

Ainda neste artigo de 1923, Freud aponta que o “horror à figura feminina e a disposição ao homossexualismo”, seriam decorrentes do fato das mulheres não possuírem pênis. E finalmente, assinala que durante o desenvolvimento sexual infantil três antíteses se estabelecem segundo transformações sofridas. A primeira refere-se e existência de um sujeito e um objeto. A escolha de objeto, uma vez realizada, irá sugerir

a existência de um sujeito. A segunda antítese se estabelece no segundo estágio da organização pré-genital, a antítese aqui se caracterizaria entre ativo e passivo. No estágio seguinte da organização genital, a fase fálica, estabelece a antítese que consiste em ter um pênis ou ser castrado.

Seguindo o pensamento freudiano sobre a evolução do conceito de perversão e de sua importância na teoria da psicosexualidade, nesta segunda fase, em “O problema econômico do masoquismo” de 1924, o masoquismo é apresentado por meio de três formas. 1- Como condição para excitação sexual, 2- Como manifestação da feminilidade, e 3- Como norma da conduta moral. Compreende assim o masoquismo, respectivamente como erógeno, feminino e moral. O masoquismo erógeno caracteriza-se pelo prazer na dor, e estabelece a base para as duas outras modalidades. No masoquismo erógeno, Freud concebeu fatores biológicos e constitucionais. Já o masoquismo moral na teoria freudiana estaria associado ao sentimento de culpa, que é em sua maioria inconsciente e precisa ser interpretado durante o processo de análise. O masoquismo feminino seria passível de observação.

Dentre estas três modalidades de masoquismo, aquela que poderia ser compreendida como perversão, seria o masoquismo erógeno (prazer no sofrimento), que, no entanto, poderia ser encontrado também presente na neurose, na psicose e na perversão. Isto porque o masoquismo erógeno segue a libido em todas as fases de desenvolvimento.

O medo de ser devorado pelo animal totêmico (o pai) origina-se da organização oral primitiva; desejo de ser espancado pelo pai provém da fase anal-sádica que a segue; a castração, embora seja posteriormente rejeitada, ingressa no conteúdo das fantasias masoquistas como um precipitado do estágio ou organização fálica, e da organização genital final surgem, naturalmente, as situações de ser copulado e de dar nascimento, que são características da feminilidade. O papel também desempenhado no masoquismo pelas nádegas é facilmente compreensível, independente de sua base evidente na realidade. As nádegas são as partes que recebem preferência erógena na fase anal-sádica, tal como o seio na fase oral e o pênis na genital (Freud, 1924/1996, p. 182-183)

O masoquismo erógeno constituiria um importante elemento na determinação da perversão, uma vez que a satisfação aqui se dá pela relação direta com o sofrimento. Já o masoquismo moral encontra-se ligado intimamente na neurose.

Freud apresenta o masoquismo feminino, que nos homens se tornaram conhecidos via fantasias, nas quais indivíduos masoquistas e impotentes obtinham a satisfação sexual via masturbação (onanismo). Estas fantasias serviriam ao perverso masoquista, como um fim em si mesmo, como forma de obter ereção e para tornar possível o ato sexual. Nas fantasias que revelam um masoquismo feminino, o sujeito seria amordaçado, fustigado, maltratado, obrigado a obedecer, humilhado e sujado, porém, raramente há mutilação.

Uma forma mais próxima ao masoquismo consiste no fato de ser tratado como uma criança pequena, caso em que, segundo Freud,

A interpretação óbvia, à qual facilmente se chega, é que o masoquista deseja ser tratado como uma criança pequena e desamparada, mas particularmente, como uma criança travessa. É desnecessário citar casos para ilustrar isso, pois o material é muito uniforme e acessível a qualquer observador, mesmo a não analistas. Havendo, porém, uma oportunidade de estudar casos em que as fantasias masoquistas, foram de modo especial, ricamente elaboradas, de imediato se descobre que elas colocam o indivíduo numa situação caracteristicamente feminina; elas significam, assim, ser castrado, ou ser copulado, ou dar à luz um bebê. Por essa razão chamarei essa forma de masoquismo, *a potiori* por assim dizer [isto é, com base em seus exemplos extremos], de forma feminina, embora tantas de suas características apontem para a vida infantil (Freud, 1924/1996, p. 180).

Freud ainda assinala que as fantasias masoquistas, correspondentes à fantasia de espancamento, assumiriam no perverso, características reais em situações criadas por ele. Já para o neurótico elas existem no imaginário, mas em ambos os casos possuem característica de feminilidade. “Ser castrado – ou ser cegado, que o representa – com freqüência deixa um traço negativo de si próprio nas fantasias, na condição de que nenhum dano deve ocorrer precisamente aos órgãos genitais ou aos olhos” (Freud, 1924/1996, p.180). O tormento masoquista, por sua vez, seria superado pela crueldade das fantasias e cenas construídas pelo sadismo. Entretanto, nos dois casos a ordem em questão consiste no absoluto prazer na dor, seja na dor em si mesmo, até com a própria morte, ou na dor do outro.

Até este momento as perversões teriam sido apresentadas como fragmentos de idéias na teoria freudiana, como características pertinentes à sexualidade humana. Tais vestígios teriam sido relacionados por Freud mais tarde, em 1927, de forma direta

esclarecendo como poderia ser o funcionamento na perversão, tomando como modelo o fetichismo. E mais, teria permitido introduzir o mecanismo regulador deste funcionamento e também do funcionamento na psicose. No capítulo que se segue será apresentada uma discussão a respeito do fetichismo, bem como do mecanismo regulador deste modo de funcionamento psíquico.

CAPÍTULO IV

ESBOÇO DE UMA METAPSICOLOGIA DAS PERVERSÕES.

Seguindo o estudo sobre as perversões, este capítulo final tem por objetivo tratar do mecanismo definido por Freud, como aquele que operaria nas perversões, a saber, o mecanismo da recusa da realidade (*Verleugnung*). A primeira seção discute uma modalidade específica de perversão, o fetichismo, apresentado na discussão do texto com este título em 1927, no qual Freud teria se baseado para explicitar o mecanismo presente em particular nas perversões, mas também em outras modalidades de constituições psíquicas, como a psicose. A segunda seção busca elucidar o meio de constituição do aparelho psíquico, e a terceira seção visa esclarecer sobre as diferentes formas de operação dos mecanismos psíquicos que poderiam originar as diferentes formas de funcionamento psíquico, a neurose, a psicose e a perversão. Por fim, a quarta seção tem por objetivo examinar o mecanismo da recusa da realidade propriamente dito, sua origem e o modo com que opera no interior do aparelho psíquico.

4.1. Fetichismo: o horror da castração travestido

A teorização sobre as perversões na obra de Freud teria como modelo o texto intitulado “Fetichismo”, de 1927. Neste texto, Freud apresentou a tese de que o fetiche seria um substituto para o pênis. Mais especificamente, o fetiche seria um substituto para o pênis feminino, ou seja, para o pênis da mãe que o menino um dia acreditou que ela assim o possuísse, até constatar a realidade da castração feminina. Entretanto, a crença infantil a respeito da universalidade do pênis é difícil de ser abandonada, mesmo que possa ser recusada por uma percepção real.

...ao dizer que o fetiche é um substituto para o pênis, decerto criarei um desapontamento, de maneira que me apresso a acrescentar que não é um substituto para qualquer pênis ocasional, e sim para um pênis específico e muito especial, que foi extremamente importante na primeira infância, mas posteriormente perdido (Freud, 1927/1996, p.155).

Diante da trágica percepção da ausência do pênis na mãe, portanto, de sua castração, o menino perceberia sua onipotência ameaçada. Tal percepção poderá conduzir a uma intervenção radical, que a contraponha. A cruel percepção e o desejo oposto conduziriam a um destino, cujo domínio se dá via funcionamento inconsciente e suas leis, sob o comando de processos típicos de etapas iniciais da evolução do psiquismo, os processos primários. Assim, o menino lançaria mão do mecanismo de recusa da realidade. Neste mecanismo, de forma paradoxal, a percepção da ausência seria mantida no consciente, porém, no inconsciente, o pênis continuaria a existir. A sua representação no inconsciente aconteceria via deslocamento para outro objeto, o fetiche.

No conflito entre o peso da percepção desagradável e a força de seu contradesejo, chegou-se a um compromisso, tal como só é possível sob o domínio das leis inconscientes do pensamento – os processos primários. Sim, em sua mente a mulher *teve* um pênis, a despeito de tudo, mas esse pênis não é mais o mesmo de antes. Outra coisa tomou lugar, foi indicada como seu substituto, por assim dizer, e herda agora o interesse anteriormente dirigido a seu predecessor. Mas esse interesse sofre também um aumento extraordinário, pois o horror da castração ergueu um monumento a si próprio na criação desse substituto (Freud, 1927/1996, p. 157).

O fetiche representaria a vitória sobre a ameaça de castração, e, mais que isso, assumiria durante a vida sexual a função de guardião, protegendo a sexualidade do perverso contra a castração. Sem o fetiche a satisfação sexual não ocorreria, os genitais que deveriam ser valorizados perdem a carga de investimento que passa a ser dirigida e orientada para o fetiche. A libido passa a ser dirigida, e então centralizada por uma pulsão parcial, via deslocamento de valor do pênis materno para outro objeto que o substitua na percepção de sua ausência. Assim, a mulher não é destituída de seu valor, ela possui algo que a torna digna de desejo.

Para Freud, o fetiche protegeria o fetichista contra a homossexualidade ao conceder à mulher uma qualidade ímpar, que a torna aceitável como objeto sexual. Por isso escreveu Freud:

Podemos perceber agora aquilo que o fetiche consegue e aquilo que o mantém. Permanece um indício do triunfo sobre a ameaça de castração e uma proteção contra ela. Também salva o fetichista de se tornar homossexual, dotando as mulheres das características que as torna toleráveis como objetos sexuais (Freud, 1927/1996, p. 157).

O fetiche possibilitaria, ainda, a gratificação sexual sem muito esforço, pois uma vez que a outra pessoa com quem o fetichista se relaciona desconhece o significado do fetiche tende a não proibi-lo. Assim, aquilo que muitos homens precisariam se esforçar para obter, o fetichista conseguiria sem dificuldades. É o que escreve Freud:

Na vida posterior, o fetichista sente desfrutar de ainda outra vantagem de seu substituto de um órgão genital. O significado do fetiche não é conhecido por outras pessoas, de modo que não é retirado do fetichista; é facilmente acessível e pode prontamente conseguir a satisfação sexual ligada a ele. Aquilo pelo qual, os outros homens têm de implorar e se esforçar pode ser tido pelo fetichista sem qualquer dificuldade (Freud, 1927/1996, p. 157).

Freud aponta ainda sobre as escolhas dos órgãos ou objetos que iriam substituir o pênis feminino ausente, que estes necessariamente não o representam em todos os aspectos. O processo de instituição do fetiche remete à interrupção da memória na amnésia traumática. Em outras palavras, no fetichismo o interesse do sujeito ficaria detido em um momento determinado, em um ponto do caminho, através do qual o fetiche se constituiria da percepção inscrita antes do evento traumático. Momento este específico e peculiar, cujo avanço denunciaria a temida castração. Para Freud,

...é como se a última impressão antes da impressão estranha e traumática fosse retirada como fetiche. Assim, o pé ou sapato devem sua preferência como fetiche – ou parte dela – à circunstância de o menino inquisitivo espiar os órgãos genitais da mulher a partir de baixo, das pernas para cima; peles e veludo... constituem uma fixação da visão dos pêlos púbicos, que deveria ter sido seguida pela ânsia visão do membro feminino; peças de roupa interior, que tão freqüentemente são escolhidas como fetiche, cristalizam o momento do despir, o último momento em que a mulher ainda podia ser encarada como fálica (Freud, 1927/1996, p. 157-158).

Para Freud, o estudo do fetichismo pode ser esclarecedor para todos aqueles que duvidam da existência do complexo de castração, bem como àqueles com interesse teórico acerca da diferenciação entre neurose e psicose. Na neurose o ego estaria a serviço da realidade, recalçando um fragmento do desejo inconsciente; já a psicose deixa-se guiar pelo desejo, desprendendo-se de um fragmento da realidade. O fetichista recusa um fragmento da realidade, a castração, e acomoda em seu psiquismo uma forma de protesto a ela. O fetiche substitui o pênis ausente, mas presentifica a afirmação da castração. Diferentemente da neurose e da perversão, na psicose um dos elos necessários à realidade encontrar-se-ia ausente.

O fetiche substitui o objeto, como as idéias na neurose obsessiva substituem-se uma às outras, uma vez que a percepção da primeira ou àquilo a que ela corresponde são tidas como hostis ou incongruentes. Estas substituições de idéias poderiam acontecer de uma idéia para outra que a contraponha ou para pensamentos mágicos e supersticiosos.

Com relação à diferenciação entre neurose e perversão Simanke escreveu:

...a construção do fetiche é, em tudo, análoga a construção do sintoma neurótico: associação de representações (verbais, no caso) e uma elaboração que leva a formação de substitutivos. Acontece que na neurose, trata-se de proporcionar uma satisfação alternativa à uma moção pulsional reprimida, enquanto, no fetichismo, trata-se de brindar a consciência com uma percepção que proteja o sujeito da constatação traumática da diferença sexual (Simanke, 1994, p. 205-206).

Na neurose sugere-se uma fuga da percepção traumática e na busca de formas alternativas da representação de uma moção pulsional indesejada e na perversão sugere-se uma alteração no sistema representativo, a percepção de um fragmento da realidade, que neste caso específico traduzir-se-ia na castração. A ausência do pênis feminino seria acolhida, porém, representada de forma deformada, pois outro objeto ocuparia o valor do pênis faltante, e assim a mãe estaria protegida da castração, da impotência. Na neurose poder-se-ia resgatar a relação entre a percepção e a representação, sendo que esta decorreria de um registro mnêmico, do registro de uma percepção tal qual se apresenta na realidade, ou seja, com o significado correspondente; já na perversão o registro da percepção de um dado ou fenômeno sofre uma ação diferenciada, não sendo

transcrita na forma como o dado teria sido percebido e correspondendo a sua respectiva representação, ou seja, a ausência de algo é substituída por outro objeto simultaneamente registrado. Esta substituição é feita via deslocamento, o valor atribuído para o fenômeno ausente é deslocado para outro que foi registrado ao mesmo tempo em que foi registrada a ausência. Este deslocamento teria sido apontado por Freud em seu texto sobre “Fetichismo”(1927) via exemplo do pé que é tomado como fetiche, pois, para a criança, na visão ascendente dos genitais femininos, o pé seria uma das percepções associadas na experiência traumática. Daí o deslocamento privilegiado da representação dos genitais para o pé.

Segundo Freud, o “protótipo normal dos fetiches é um pênis de homem, assim como o protótipo normal de órgãos inferiores é o pequeno pênis real de uma mulher, o clitóris” (1927/1996, p. 160). Neste artigo Freud estabeleceu as bases fundamentais para o modelo da constituição perversa, cuja posição subjetiva surge a partir do complexo edípico via recusa da realidade da castração e com a escolha fetiche, objeto com o valor do pênis ausente. Assim, a análise das perversões tomando como modelo o fetichismo nos mostra a recusa frente a uma percepção de um dado da realidade, que impõe ao sujeito uma falta, a ausência do pênis. Disfarça a ausência do pênis utilizando a operação de deslocamento. Como foi observado nas leituras anteriores, o mecanismo do deslocamento, descoberto por Freud desde os primeiros trabalhos com as neuroses e consolidado com a interpretação dos sonhos, permite-nos mostrar como uma espécie de “trabalho da perversão” pode ser posto lado a lado do trabalho do sonho. Daí se depreende, uma vez mais, não apenas a identidade entre sonho e sintoma, mas, pelo mecanismo psíquico do deslocamento que possibilita atribuir o valor do pênis a outro objeto ou outra parte do corpo, vê-se, sobretudo, o papel explicativo da metapsicologia como psicologia dos processos inconscientes.

O fetichismo foi caracterizado por Freud como o modelo de perversão que torna claro a trama construída pelo sujeito para fugir da angústia da castração. Tal modelo caracteriza a vicissitude da escolha de objeto, na qual, haveria um mecanismo operador, diferente do recalque (*Verdrängung*), que torna possível o estabelecimento de uma nova forma de lidar com a castração, o mecanismo da recusa da realidade (*Verleugung*). Tal mecanismo foi primeiramente identificado por Freud ao analisar o desenvolvimento sexual infantil, no qual a criança recusaria a percepção de que a mãe não tem o pênis, pois tal percepção desencadeia-lhe a angústia. Esta recusa por sua vez, produziria um

efeito intrigante, já que a criança mantém a crença na existência do pênis na mulher, mas também desiste desta crença.

Na consciência, o sujeito reconhece que a mulher não tem pênis e, no entanto, não tem angústia de castração consciente, não pensa conscientemente na castração; no inconsciente, em troca, crê na castração e, ao mesmo tempo, renega mediante a equação fetiche-falo (Bleichmar, 1984, p. 77).

O fetiche surge então, como um monumento construído contra o horror da castração, que faz da mulher tolerável enquanto objeto sexual, pois o fetiche substitui o que lhe falta.

O fetiche-falo *faz oposição* à representação da falta de pênis. ... a diferença do menino, em que a renegação consiste em rechaçar da consciência o dado da falta de pênis na mulher, mas sua afirmação no inconsciente como castração, no fetichista ocorre ao revés: há aceitação do dado na consciência, mas a sua renegação é a nível do inconsciente (Bleichmar, 1984, p. 77, grifo do autor.).

A recusa da realidade não incide sobre o dado da consciência, pois ela enquanto tal sabe da falta. O que a consciência não compreende é o seu significado, ou seja, que a castração é possível, por isso em nível inconsciente não há preocupação por parte do fetichista com a possibilidade de castração.

A oposição é, então, entre o não saber da ameaça de castração na consciência e o sabê-lo a nível inconsciente. Pode-se dizer, então, com adequação, *que a ameaça de castração está reprimida no fetichista – reprimida no sentido de que está excluída da consciência – mas, enquanto reprimida, promove construção da equação fetiche-falo que renega a castração, pois tende a fazer-lhe oposição* (Bleichmar, 1984, p. 78, grifo do autor).

A aversão ao sexo feminino mantém-se de certa forma como uma cicatriz em todo homem e não somente no fetichista. Entretanto, as duas atitudes no fetichismo, uma que reconhece, e, outra que recusa a castração, resultariam de uma “cisão do ego”, que para Freud não se limita a discussão sobre a perversão.

No fetichismo temos, assim, uma clivagem entre consciente e inconsciente - a base de que uma mulher não tem pênis, por um lado, e sua significação

enquanto faz pensar como factível a castração – *mas temos outra clivagem no seio do mesmo do reprimido*: crê e não crê na castração; o não crer é a renegação da crença provocadora de angústia (Bleichmar, 1984, p. 78, grifo do autor).

A idéia de cisão do ego esclarece o fato de que as duas atitudes, tanto de reconhecer quanto recusar a castração materna, e, por conseguinte, a diferenciação sexual, não entra em contradição; assim os conflitos e a formação de compromisso tal qual acontece na neurose não ocorrem na perversão. Na perversão ocorreriam, sim, duas atitudes independentes e opostas, que não exigem um trabalho simbólico que venha dar uma resolução para tal contradição. O fetiche promove, então, satisfação e segurança ao fetichista, pois contorna a angústia e facilita a vida, razão pela qual, conclui Bleichmar:

...ambas as correntes coexistem mutuamente, uma junto à outra, sem se influenciarem mutuamente, somente pode entender-se no sentido de que nenhuma *pode anular totalmente* a existência da outra (Bleichmar, 1984, p. 78, grifo do autor).

A recusa da realidade e a “cisão do ego” são mecanismos que, segundo Freud, teria ocorrido na infância. Tal cisão permite que o sujeito articule a coexistência de contradições, sem, no entanto, ter que fazer o registro das mesmas. Em “Fetichismo”, Freud considera o mecanismo da recusa da realidade algo normal na criança, mas que persistindo na vida adulta pode resultar em sérias conseqüências. Isso porque, de acordo com uma hipótese evolutiva, supõe-se que, no adulto o psiquismo tenha alcançado níveis mais altos de diferenciação e complexidade em seu funcionamento, devido às exigências da realidade (Freud, 1950/1996). Assim, a condição para a ocorrência de danos é que permite Freud afirmar: “minha fórmula precisava apenas ser válida onde houvesse em grau mais elevado de diferenciação no aparelho psíquico” (Freud, 1927/1996, p. 158). Frente a uma situação de angústia, a superação perversa sobre a castração só poderá acontecer caso a encenação perversa possa ser restaurada, cicatrizando imediatamente a ferida narcísica, restituindo, portanto, a idéia de onipotência ameaçada pela castração. Sem a ameaça da castração, o perverso não lida com a falta, e, portanto, não deseja. Desejar implica em relacionar-se com a angústia de castração e todo esforço perverso caracteriza-se em fugir da castração e de suas implicações, dentre elas a perda da onipotência e o abandono da teoria infantil sobre a

universalidade do pênis. Isto não ocorre na perversão, pois nela se transfere ao valor atribuído ao pênis para outra parte do corpo.

No fetichismo, portanto, a recusa da realidade da castração conduz à fabricação de algo, o fetiche, que ao travestir o horror, impõe uma recusa a qualquer perda. A não renúncia da sexualidade infantil, na crença da universalidade do pênis e da verdade da castração, conduz a transgressões e desafios constantes à moralidade. Qualquer perda admitida ou aceita poderá afirmar a realidade da castração na condição humana.

4.2. Os mecanismos constitutivos do psiquismo: recalque (*Verdrängung*) e recusa da realidade (*Verleugnung*)

Nesta seção trataremos dos mecanismos que estão na base de diferentes formas de funcionamento do aparelho psíquico, ou seja, trata-se de analisar os mecanismos que subjazem às diferentes formas com que o indivíduo se coloca frente à realidade. O pensamento freudiano pretende esclarecer como o ego lança mão de certos mecanismos de defesa, formas de funcionamento psíquico consolidados pelos destinos tomados pela pulsão. Na metapsicologia encontramos mecanismos de defesa do aparelho psíquico, mais especificamente utilizados pelo ego, que permitem o posicionamento do indivíduo de forma peculiar frente à realidade que o cerca. Mecanismos que resultam do relacionamento do ego com o mundo externo, bem como, com as outras instâncias do aparelho psíquico, o id e o superego. Os mecanismos consistem em diferentes tipos de operações defensivas e encontram-se na base de diferentes formas de manifestação patológica, em cuja determinação pode ser considerada a etapa do desenvolvimento em que ocorre, bem como o grau de elaboração do conflito.

Vejamos, então, como um mesmo aparelho relacionar-se-ia com a realidade e com o mundo interno de forma diferenciada, ou seja, um aparelho dividido que atende a dois senhores, a saber: ao desejo inconsciente e a realidade externa. Esses conflitos e tensões presentes no aparelho surgiriam da atividade do ego para tentar administrar as exigências do mundo externo, do id e do superego. É por isso que em “O ego e o Id” (1923/1996) Freud afirmou que o ego seria uma espécie de servo que serviria a três senhores. A neurose estruturar-se-ia a partir de um conflito entre o ego e o id, já a psicose e perversão decorreriam do conflito entre o ego e o mundo externo.

O recalque (*Verdrängung*) seria o mecanismo predominante na neurose, corresponderia à operação em que ocorre o impedimento contra representantes da pulsão que sugerem algum tipo de ameaça ao ego de aproximarem-se da consciência, mantendo-os no inconsciente. Essa pulsão que em um dado momento poderia produzir prazer, caso satisfeita em outro momento do desenvolvimento psicosssexual, pode agora causar desprazer. O representante recalcado, entretanto, se contrapõe à determinação do recalque, e passa a construir caminhos para retornar e obter satisfação. Caminhos estes, que se traduzem no sintoma, compreendido como o retorno do recalcado, ou seja, em uma formação de compromisso, já que pode ser visto como um acordo firmado entre o impulso do id que deseja satisfação e as proibições do ego, que se orienta pelas determinações do superego e pelas imposições do mundo externo.

A recusa da realidade (*Verleugnung*), como preliminarmente comentado na seção deste capítulo, corresponde à confirmação de uma percepção pela consciência, e, simultaneamente, uma espécie de negação do significado desta mesma percepção no inconsciente. Mais tarde, em 1927, Freud tornaria mais clara e precisa sua compreensão sobre esse mecanismo psíquico. Escreve ele:

A mais antiga palavra de nossa terminologia psicanalítica, ‘repressão’, já se relaciona com esse processo patológico. Se quisermos diferenciar mais nitidamente a vicissitude da *idéia* como distinta daquela do *afeto*, e reservar a palavra ‘*Verdrängung*’ [‘repressão’] para o afeto, então a palavra alemã correta para a vicissitude da *idéia* seria ‘*Verleugnung*’ [rejeição].³ (Freud, 1927/1996, p.156, grifos do autor).

Da perspectiva dos mecanismos operantes no psiquismo, nas neuroses o ego encontrar-se-ia diante de exigências do id e de ameaças da realidade, e caso as exigências do id se intensifiquem, elas sofreriam a ação recalcante promovida pelo ego, atendendo as prerrogativas da realidade. Entretanto, o id persiste em suas solicitações, o que leva o ego a vivenciar um conflito, para o qual busca uma saída via sintoma. Assim, frente a uma solicitação do id, cabe ao ego encaminhar ou proibir um determinado impulso frente a um objeto. O ego responde à solicitação do impulso decorrente de uma pulsão via mecanismo de recalque. Em outras palavras, na neurose a realidade é percebida, porém, o indivíduo nada quer saber sobre ela, razão pela qual diz Freud: “...a

³ A *Verleugnung* aparece na tradução da *Imago* como rejeição.

neurose não repudia a realidade, apenas a ignora” (Freud, 1924/1996, p. 207). É por isso que alguns comportamentos aparecem como inadequados. Estes comportamentos, caso analisados, apresentam uma lógica frente à realidade dos fatos, como se pode observar na análise dos atos obsessivos e ritualísticos do neurótico obsessivo ou na conversão histérica.

Na psicose o ego retira o investimento do meio externo devido a uma frustração determinada pela realidade. Frente a esta frustração, “...a psicose a repudia e tenta substituí-la...” (Freud, 1924/196, p. 207), ou seja, o ego recusa a realidade hostil ao seu desejo e reinventa tanto um mundo interno, quanto um mundo externo, de modo que corresponda aos desejos inconscientes. Assim, a libido retirada do meio externo - do objeto - é redirecionada para o id. O confronto entre as exigências dos desejos inconscientes e as exigências da realidade que impedem a satisfação pulsional (id) permitiria ao ego encontrar saída via mecanismo de projeção, estabelecendo a partir de então uma fenda no ego.

Daí em diante, passou a ouvir essa mesma censura, agora proveniente de fora. Assim, o *tema permanecia inalterado*; o que mudava era a *localização* da coisa. Antes, tratara-se de uma autocensura interna; agora, era uma recriminação vinda de fora (Freud, 1895/1996, p. 255, grifos do autor).

O ego entrega-se à satisfação do desejo, porém, buscaria um funcionamento em unísono. Todo ego trabalharia neste sentido, usando como recurso a alucinação, primeiramente a alucinação negativa (não vê a ausência do pênis) que possibilita a alucinação positiva (vê o pênis onde não existe) via projeção. Ou seja, o ego recusaria perceber a castração, a ausência traumática, e preencheria esta ausência via projeção, como se aquilo que preenche esta falta viesse de fora do aparelho psíquico e, portanto, não estaria relacionado com seu próprio desejo. Na psicose, portanto, o indivíduo se afasta da realidade via alucinação, e no inconsciente são criadas as condições que ocultariam a realidade percebida.

Na sub-seção 4.3.1 veremos em maior detalhe como, frente à necessidade de alimento, o bebê alucina o seio materno, ou seja, com a emergência da sensação desagradável o investimento é simultaneamente dirigido para o objeto (seio, p. ex.), visando uma gratificação imediata, do que resulta a realização alucinatória do desejo.

Isto porque o ego infantil ainda se encontra frágil para lidar com a sensação desagradável que decorre do estado de tensão, e principalmente por ser governado pelo princípio de inércia, pelo qual tenta viabilizar uma solução que gratifique de forma rápida. Processo semelhante ocorre na psicose, pois, frente a uma situação difícil de ser administrada, o ego recorre à alucinação. Isto permitiria supor que tal ego seria quase tão frágil como o da criança. Fragilidade esta comum na infância, mas perigosa se persistir na maturidade. Para Freud a alucinação consistiria:

...numa catexia *Cs(Pcpt)*, a qual, contudo, não se origina – como normalmente – do exterior, mas do interior, e que uma condição necessária para a ocorrência da alucinação é que a regressão seja levada longe o suficiente para alcançar esse próprio sistema, sendo, assim, capaz de passar pelo teste da realidade (Freud, 1917/1996, p. 239).

Recusando a realidade que gera angústia, o ego passaria a criar um mundo interno e um externo que corresponda à lei do princípio de prazer, que proporcione a satisfação. Isto implicaria em uma regressão, ou seja, retorno a fase do desenvolvimento em que o aparelho psíquico seria dominado pelo princípio de prazer. Para tal lançaria mão inicialmente de um processo que resultará na alucinação negativa, em que o objeto hostil não seria percebido, estabelecendo assim a possibilidade de se criar uma imagem que satisfaça aos desejos do id. Freud em uma nota de rodapé no texto “Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos” teria pontuado:

Posso acrescentar, à guisa de suplemento, que qualquer tentativa de explicar a alucinação teria de partir antes da alucinação *negativa* do que positiva (Freud, 1917/1996, p. 239, grifo do autor).

A alucinação negativa corresponderia a não percepção da falta do objeto de satisfação, a não percepção de um conteúdo da realidade, e esta possibilitaria a alucinação positiva, ou seja, a recusa em ver algo traumático permitira a criação de uma imagem que venha corresponder ao desejo. Como exemplo de alucinação negativa, Breuer teria apresentado no início de seus estudos sobre histeria, mais especificamente o caso de Anna O., que, após a morte do pai, em função de vários sintomas apresentados como perturbação da visão, esquecimento da língua inglesa, contratura e anestesia do braço e perna direitos etc., Anna passou a ignorar a presença de pessoas em seu quarto (1893/1996).

Cerca de dez dias após a morte do pai, chamou-se um médico para opinar sobre o caso, a quem, como fazia com todos os estranhos, ela ignorou inteiramente enquanto eu demonstrava a ele todas as peculiaridades da paciente. ... O outro médico interveio na conversa e tentou atrair-lhe a atenção, mas foi inútil. Era uma autêntica “alucinação negativa” do tipo que, desde então, vem sendo produzida com freqüência em caráter experimental (Breuer, 1893/1996, p. 62-63).

Tomando a alucinação negativa como referencial, poder-se-ia supor que na psicose o mundo externo não teria sido representado literalmente para o indivíduo, isto é, a sua simbolização se veria comprometida. Pelo mecanismo da recusa da realidade a representação no psiquismo de certos conteúdos do mundo externo seria recusada, embora tenha como resto uma marca ou marcas, estas não se relacionariam entre si, impedindo a construção de um significado para o indivíduo. Desta recusa inicial decorreria uma alucinação via mecanismo de projeção. A alucinação permitiria, portanto, a reconstrução do mundo interno e externo segundo a premissa do desejo.

A renegação da realidade torna-se, assim, premissa da reconstrução do mundo efetuada pelo delírio. Neste contexto, insere-se a alucinação, cuja função é fornecer percepções tais que correspondam à realidade a ser reconstituída, na exata medida em que o acervo de registros (memória) da informação perceptiva anterior havia sido anulado pelo processo defensivo (Simanke, 1994, p. 175).

Porém, é o mundo externo quem orienta o ego, e faz isso via percepções atuais e percepções que se renovam; e também das percepções que se encontram na memória, que em função disso podem manifestar-se na consciência via lembrança das percepções que aconteceram anteriormente e compõem o mundo interno do sujeito.

Normalmente o mundo externo governa o ego por duas maneiras: em primeiro lugar, através de percepções atuais e presentes, sempre renováveis; e, em segundo, mediante o armazenamento de lembranças de percepções anteriores, as quais, sob a forma de um mundo ‘interno’, são a posseção do ego e parte constituinte dele. Na amênci⁴ não apenas é recusada a aceitação

⁴ Amênci^a:- uma confusão alucinatória aguda que constitui talvez a forma mais extrema e notável de psicose - o mundo exterior não é percebido de modo algum ou a percepção dele não possui qualquer efeito (Freud, 1924/1996, p. 168).

de novas percepções; também o mundo interno, que, como cópia do mundo externo, até agora o representou, perde sua significação (sua catexia). O ego cria, autocriticamente, um novo mundo interno e externo, e não pode haver dúvida quanto a dois fatos: que esse novo mundo é construído de acordo com os impulsos desejosos do id e que o motivo dessa dissociação do mundo é alguma frustração muito séria de um desejo, por parte da realidade - frustração que parece intolerável (Freud, 1924/1996, p. 168).

A psicose apresentaria características e efeitos que a aproximaria da perversão, uma vez que o mecanismo predominante em ambas seria a *Verleugnung*, recusa da realidade. Há, no entanto, diferenças importantes, cuja discussão permite evidenciar a especificidade do mecanismo da recusa da realidade na perversão.

Para Bourguignon (1991), a falta do pênis feminino renegado (recusado), no caso do perverso, dificulta falar em percepção ou realidade, já que a ausência na perversão não é percebida, nem tampouco representada, simbolizada enquanto tal. Uma percepção para tornar-se realidade precisaria vincular-se a uma presença possível. Segundo este autor a recusa incidiria sobre a teoria que explica as diferenças sexuais. Ou seja, com a recusa da realidade desencadear-se-ia um processo psíquico cujo objetivo seria proteger a teoria sexual infantil rechaçando/renegando a percepção de uma realidade insuportável. Esta teoria sexual infantil tem como crença a universalidade do pênis. Mas Bourguignon aponta, ainda, para outro conceito, o de escotomização, que também se relaciona a uma rejeição da realidade, e que foi apontada por Laforgue. Laforgue teria contestado Freud por usar o termo *Verleugnung*, recusa da realidade, ao invés de escotomização, cujo significado, esclarece-nos ele:

Trata-se de um mecanismo psíquico inconsciente, de uma ‘cegueira específica’ (R.Cahen) e seletiva, através da qual o sujeito faz desaparecerem do campo de sua consciência, ou de sua memória, alguns fatos, algumas lembranças portadoras de uma carga afetiva dolorosa ou desagradável (Bourguignon, 1991, p. 52)

Uma vez que a escotomização compreende um mecanismo psíquico que atua de forma seletiva tanto na consciência quanto na memória, Freud (1927) teria se recusado a aceitar o termo proposto por Laforgue como o mecanismo do fetichismo. Isto porque no fetichismo a consciência da realidade seria preservada, tanto quanto seria preservado o

desejo inconsciente, relacionado à universalidade do pênis, portanto, à não diferenciação sexual e de tudo aquilo que esta crença possa garantir.

Na escotomnização tratar-se-ia do desaparecimento de marcas de afetos ligados a uma lembrança desagradável, o que impediria o reconhecimento da realidade, e não propriamente de uma recusa da realidade da idéia que representa um determinado fenômeno. A presença ou ausência deste fenômeno estaria ligada às crenças infantis, às primeiras crenças com as quais o indivíduo começa a compreender o mundo e a si mesmo. Bourguignon assinala, ainda, para o fato de que em Freud a escotomização viria a corresponder ao não reconhecimento do mundo externo e em função disso colocar-se-ia o seu próprio mundo no lugar daquilo que não é reconhecido, via projeção, como no caso da esquizofrenia.

Para Bourguignon, embora a recusa da realidade resulte a divisão do ego, na perversão ocorreria uma substituição de objeto via deslocamento estabelecendo o objeto-fetichismo que deverá estar sempre presente; e na psicose a divisão do ego e alucinação (alucinação negativa que estabelece a possibilidade da alucinação positiva) na psicose, o processo se diferencia nas duas formas de constituição psíquica, a saber :

Na verdade, tudo se dá como se fosse possível ao sujeito escapar de uma percepção dolorosa imprevista, tornando-a inconsciente, embora seja impossível tornar inconsciente a percepção dolorosa do que existe (o sexo feminino), quando o que ele espera ver – ou deseja ver – o que não existe (o pênis na mulher). Todavia, uma outra diferença entre a renegação e a alucinação negativa merece ser sublinhada, dada a sua importância. A alucinação negativa, de fato, é um fenômeno instantâneo, não duradouro, porque escapa definitivamente à consciência, ao passo que, na renegação, os efeitos da percepção são duradouros; a renegação se instala, geralmente por toda a vida, no psiquismo do fetichista, por exemplo (Bourguignon, 1991, p. 60).

Trata-se aqui de distúrbios da percepção, que segundo Bourguignon teria como objetivo manter o desejo do indivíduo:

Os distúrbios psíquicos da percepção, em geral, não têm por finalidade apenas evitar-nos o desprazer, mas às vezes têm por meta levar-nos a aceder ao prazer, fazendo-nos perceber o mundo de maneira diferente da que ele é, ou nos fazendo tomar nossos desejos por realidades... (Bourguignon, 1991, p. 58).

O que conta aqui seria a relação e a diferenciação entre recusa da realidade (renegação) e alucinação negativa, que embora tenham a mesma origem, o encaminhamento de ambas diferenciam-se. Na alucinação negativa a percepção se desvanece rapidamente dando lugar a alucinação positiva, produz-se a visão de algo no lugar da falta. Já na perversão, a visão traumática, a visão da falta do pênis materno, mantém-se por toda vida na consciência, sendo responsável pela construção da trama perversa numa eterna fuga à castração.

Para este autor, frente a uma realidade insuportável o indivíduo poderia lançar mão de quatro atitudes:

(1) modificar a percepção que se tem dela no sentido dos próprios desejos ou temores, o que equivale à ilusão; (2) tornar a percepção inconsciente, o que equivale alucinação negativa; (3) dividir-se diante da realidade e, ao mesmo tempo, reconhece-la e recusá-la, o que corresponde à renegação no sentido estrito do termo; (4) perceber o que não existe, o que corresponde à alucinação que poderíamos qualificar de positiva (Bourguignon, 1991, p. 58).

Assim, na perversão, diferente da psicose, preserva-se a percepção, mas a manipula no inconsciente, mantendo o desejo infantil. O indivíduo estabeleceria algo que se fará constante durante a vida do indivíduo, o fetiche, e passaria a organizá-la em torno dele. Este fato garantiria um funcionamento com intolerância à frustração, ou seja, um funcionamento primário no qual caberia somente a satisfação, o que for contrário a isto estaria sendo tomado como algo que colocaria em risco a integridade do indivíduo, daí a fuga de tudo aquilo que poderia sugerir a castração.

A atitude que nos interessa nesta discussão corresponde àquela em que, frente à realidade insuportável, ocorreria uma recusa e dela uma divisão do ego. Desta divisão resultaria aceitação da percepção, ou seja, a aceitação da realidade que se impõe, bem como recusa desta mesma realidade e formação do fetiche, do que resultaria o funcionamento perverso no aparelho psíquico. Diferentemente do psicótico que alucina um pênis onde não existe, o perverso teria como fim erigir uma defesa em relação à angústia de castração, e o faz via deslocamento para outro objeto que venha ocupar o lugar do pênis feminino ausente. Assim, no caso da perversão, do mecanismo da recusa da realidade resultaria uma divisão do ego, que passaria a ser habitado por duas

correntes, uma mais de acordo com a realidade, outra mais de acordo com o desejo. Na psicose, por outro lado, tal divisão não sendo permanente, o ego seria dominado pela corrente ligada ao desejo.

No texto intitulado “A divisão do ego no processo de defesa”, Freud esclareceu:

O ego deve então decidir reconhecer o perigo real, ceder-lhe passagem e renunciar à satisfação instintual, ou rejeitar a realidade e convencer-se de que não há razão para medo, de maneira a poder conservar a satisfação. Existe assim um conflito entre a exigência por parte do instinto e a proibição por parte da realidade... responde ao conflito por duas reações contrárias, ambas válidas e eficazes. Por um lado, com o auxílio de certos mecanismos, rejeita a realidade e recusa-se a aceitar qualquer proibição; por outro, no mesmo alento, reconhece o perigo da realidade, assume o medo desse perigo como um sintoma patológico e subsequentemente tenta desfazer-se do medo... tudo tem que ser pago de uma maneira ou de outra, e esse sucesso é alcançado ao preço de uma fenda no ego, a qual nunca se cura, mas aumenta à medida que o tempo passa. As duas reações contrárias ao conflito persistem como ponto central de uma divisão (*splitting*) do ego (Freud, 1940/1996, p. 293, grifo do autor).

O ego ao acatar as duas exigências e a elas satisfazer acabaria por rejeitar a realidade, recusando-a, mas também reconhece o perigo anunciado pela realidade e o respeita. Desta forma de se colocar frente à realidade e ao impulso do id resultaria uma divisão, ou seja, o ego, ao invés de operar no sentido de integrar o funcionamento do aparelho psíquico, adquire uma fenda e passaria a funcionar de forma dividida.

Para Bourguignon, tanto o mecanismo da recusa da realidade, quanto o da alucinação negativa corresponderia a quatro fases (1991). Mas apenas na última fase poderíamos identificar uma diferença significativa, referente à divisão do ego. Na primeira fase, recusa da realidade e alucinação negativa decorreria de estímulos externos que anunciariam uma realidade insuportável para se ver e ouvir; a segunda fase ativaria uma pulsão cuja satisfação seria considerada perigosa; na terceira fase a percepção seria mantida via diferentes processos: “O processo mais simples é a retirada do investimento do sistema percepção-consciência (Pc-Cs); a retirada pode ser complementada por um superinvestimento colateral, voltando-se então a atenção para outros objetos” (Bouguignon, 1991, p. 63). Assim, segundo o que já foi apontado acima, tudo que poderia sugerir a castração seria evitado. Finalmente, na quarta fase,

alucinação negativa e recusa da realidade se diferenciariam em função da divisão do ego.

...na quarta o que distingue a alucinação negativa da renegação (no sentido estrito) é a existência ou não de uma clivagem do eu..se na alucinação negativa, na maioria das vezes, o eu adota uma atitude unívoca de não-reconhecimento de percepção, na renegação ele se cliva, parte reconhece a realidade, enquanto outra parte a renega. É a existência da clivagem no eu na psicose que faz com que a renegação da realidade, nesse caso, seja observada com tanta freqüência. Assim, vemos que, salvo pela clivagem do eu, todos os processos descritos são comuns à alucinação negativa e a renegação (Bourguignon, 1991, p. 63-64).

Na psicose, via alucinação negativa, o ego assume uma saída única para a recusa da percepção hostil, não reconhecendo a percepção e criando toda uma realidade segundo seu desejo (alucinação positiva). Assim, a clivagem não se mantém, porque o ego reconstrói um mundo que corresponde ao desejo, projetando-o para o exterior, e relacionando-se com ela como se essa “verdade projetada” viesse de fora. Já na perversão a divisão ou clivagem se mantém de forma duradoura, possibilitando ao longo da vida do indivíduo que parte do ego opere reconhecendo a realidade, enquanto outra a recusa.

Ainda com relação à discussão sobre a escotomização, Rosolato (1967/1990) também concorda com Freud em não aceitar o termo como correspondente de *Verleugnung*, recusa da realidade, porque o primeiro “sugere que a percepção está inteiramente bloqueada de forma que o resultado é o mesmo que quando uma impressão visual atinge o ponto cego da retina” (p.14), já no caso da perversão, e do fetichismo mais especificamente, a percepção teria sido conservada, bem como teria sido erigida uma forte defesa para manter a recusa, ou seja, a inscrição estaria lá, como também estaria o objeto que viria remediar a realidade tristemente constatada.

A perversão, portanto, resultaria de uma conduta que visa evitar o conflito entre o desejo (id) e a realidade (mundo externo), ou seja, a perversão seria resultado de uma tentativa de se evitar um conflito entre o id e mundo externo, tal qual na psicose; por isso, poderia estar aí à proximidade entre estas duas formas de constituição do psiquismo. Na psicose o conflito seria evitado via alucinação e no fetichismo (modelo utilizado para discutir a perversão) via fetiche. Porém, uma das diferenças entre ambas,

aconteceria em função do sistema onde estas resoluções seriam processadas. Na psicose o mecanismo da recusa da realidade operaria sobre a percepção do objeto hostil, enquanto que na perversão ela incidiria sobre a representação ou idéia, o que implica em uma diferenciação entre as formas de funcionamento nessas duas constituições psíquicas. A instância onde se dariam as representações seria de ordem inconsciente, regida pelo processo primário. Assim, poder-se-ia dizer que na psicose a percepção do objeto hostil seria recusada e em função disso não seria inscrita, e, portanto, não seria representada no aparelho psíquico da forma tal qual se apresenta. Todo o ego atuaria de uma única forma frente à percepção ameaçadora. Esta atuação se daria via alucinação negativa e, conseqüentemente, alucinação positiva. Já na perversão a percepção seria aceita, mas em função do ego manter uma teoria/idéias sobre a universalidade do pênis, manipula esta percepção no inconsciente buscando um substituto que confirme a sua teoria/idéias, e isso se realiza via deslocamento, na medida em que o afeto referente à idéia seria deslocado para outro objeto. O que diferencia a psicose da perversão seria o fato de que nesta haveria a manutenção da divisão do ego após a operação da recusa da realidade. Na perversão o ego mantém-se dividido de forma duradoura, permitindo a construção de situações que neguem a realidade traumática, ou seja, da ausência do pênis materno. Já na psicose o ego passaria a funcionar em uníssono, construindo uma realidade interna e externa via alucinação, que implicaria na não percepção da falta, mantendo o desejo infantil de universalidade do pênis. Essas situações criadas na perversão poderiam ser chamadas de tramas e permitir-se-ia denotar uma recusa à verdade imposta pela realidade, melhor dizendo, uma recusa da realidade.

Assim, as experiências que o indivíduo encontra a partir do nascimento, somadas aos recursos inatos (biológicos, características genéticas, etc.), bem como o momento histórico no qual inicia a vida, tornariam possível, diferentes constituições do psiquismo e, conseqüentemente, formas diferenciadas de se lidar com a realidade. Assim, na neurose, sob o efeito do recalçamento o indivíduo produziria o sintoma, na psicose à recusa da realidade produziria a alucinação. A alucinação resulta da projeção na realidade do conteúdo traumático recriado/fantasiado/deformado segundo as leis do desejo inconsciente; e, finalmente, na perversão a recusa da realidade via deslocamento permitiria o estabelecimento do fetiche. Sendo que estas duas últimas, psicose e perversão, teriam em comum a recusa da realidade e a divisão do ego, porém trilhariam caminhos diferentes. Na psicose todo ego após dividir-se, se organizaria no sentido de

recusar uma realidade insuportável, rejeitando a percepção desta realidade, substituindo-a por outra que satisfaça os desejos do id, de modo que aqui a percepção seria recusada e a divisão ocorreria no sistema perceptivo. Já na perversão a percepção seria aceita e habitaria a consciência, mas a alteração (recusa) ocorreria na representação, portanto, no inconsciente, onde aconteceriam os registros.

Como sugerimos anteriormente, na psicose a representação poderia ser comprometida, ou seja, poderia não ocorrer à reprodução e significação da percepção, pois os traços mnêmicos, por não conseguirem união, não alcançariam tal grau de organização. Este comprometimento poderia dar-se em função de uma dificuldade em estabelecer uma associação entre os traços mnêmicos.

No artigo de 1915 sobre *O inconsciente*, estes registros mnêmicos recebem a denominação que, no entanto, é herdada diretamente do estudo sobre as afasias de 1981, atestando uma notável sobrevivência da idéia na obra freudiana: *representação de coisa*, marca registrada do sistema inconsciente. Na psicose, com a perda da possibilidade de distinguir entre representação e percepção, tudo se passa como se representação se tornasse apenas coisa (este pode ser considerado um outro modo de descrever a alucinação) (Simanke, 1994, p.223, grifos do autor).

Assim, a percepção seria recusada e substituída pela alucinação; na perversão a representação, ou seja, a idéia constituir-se-ia, já na psicose a representação não se constituiria plenamente, restariam somente registros de marcas. Na perversão, a representação dar-se-ia de forma alterada, de modo que outro objeto assume o valor do objeto faltante e ao mesmo tempo denuncia esta falta, ou seja, o objeto substituto anuncia a possibilidade desta falta ser reconhecida. Como forma de evitar o confronto entre a crença infantil de universalidade do pênis e a realidade da castração feminina, o fetichista constrói tramas no sentido de evitar tudo aquilo que possa trazer a confirmação desta ausência, e com isso marcar a queda da teoria infantil de universalidade do pênis, bem como da perda da onipotência narcísica consolidada no complexo de Édipo.

Esta seção teve como objetivo discutir os diferentes mecanismos que constituiriam as organizações psíquicas com características peculiares. E, principalmente, diferenciar o funcionamento da perversão do da psicose, que embora partindo da recusa da realidade, percorrem caminhos diferentes que se distanciam, mas

também se aproximam trazendo prejuízo ao ego, prejuízos estes em alguns casos irreparáveis. Vejamos na seção que se segue como se constituiria o mecanismo de recusa da realidade no interior de um aparelho, cuja constituição psíquica revela uma dificuldade em abandonar as teorias e os desejos infantis.

4.3. A recusa da realidade nas origens do Aparelho Psíquico

No dicionário Aurélio (Ferreira, 1910/2004), o termo recusa corresponde ao ato de recusar-se, e, por conseguinte, significa não aceitar, rejeitar, renunciar, negar-se, opor-se, não obedecer. Por sua vez, Laplanche e Pontalis entendem por recusa o “modo de defesa que consiste numa recusa, pelo sujeito, a reconhecer a realidade de uma percepção traumatizante, essencialmente a da ausência do pênis na mulher.” (Laplanche e Pontalis, p.436). O mecanismo de recusa da realidade estaria, então, relacionado diretamente com a recusa em aceitar a ausência do pênis feminino, em particular a do pênis materno, pois esta ausência põe em risco as crenças, crenças por meio das quais o indivíduo vai se constituindo enquanto tal, bem como assumindo posições frente à realidade.

Na teoria freudiana a noção de recusa da realidade (*Verleugnung*) foi apontada como mecanismo de uma modalidade típica de perversão, o fetichismo, cujo texto foi publicado em 1927, mas também estaria presente nas demais formas de perversão.

... Identificamos também, na mesma correspondência, o germe do pensamento de que a *Verleugnung*, sendo uma defesa contra a realidade, representa uma tentativa imperfeita de desligar o eu da realidade, conforme irá demonstrar, quarenta anos depois, no texto “A divisão do ego no processo de defesa” (1938) (Queiroz, 2004, p. 115, grifo da autora).

Assim, segundo Queiroz, a recusa da realidade compreenderia uma forma de desligamento da realidade à medida que recusaria aquilo que foi percebido, interferindo no processo de registro de certas vivências da realidade, estabelecendo um substituto que possibilite a supremacia do desejo. Isto tornaria a recusa da realidade uma forma imperfeita de fazer tal desligamento, pois mantém vínculo tanto com exigência da realidade, quanto com o desejo inconsciente. O estabelecimento deste substituto

possibilitaria dois registros de um mesmo dado da realidade, o que poderia ocasionar uma divisão do eu que executa esta tarefa.

Evidentemente, por “realidade” entende-se, então, uma ampliação da própria órbita da castração. Trata-se da concepção particular de realidade, que vem a ser assim, dito de maneira sucinta, aquilo que se opõe à realização do desejo... para o sistema freudiano, trata-se essencialmente, de *recusa da ausência de pênis na mulher*, reconhecem que o objeto mais amplo da recusa é “a realidade de uma percepção traumatizante”. Diferentemente do recalçamento, cujo objeto situa-se no interior do aparelho psíquico, a recusa tem por objeto uma *realidade exterior* (Ferraz, 2005, p. 54, grifos do autor).

Assim, embora a realidade percebida se estenda para tudo àquilo que possa sugerir castração, Ferraz aponta para o fato de que toda castração e, conseqüentemente, o mecanismo da recusa da realidade, segundo o pensamento freudiano, estaria relacionada à recusa da ausência do pênis na mulher.

Como vimos no capítulo II deste trabalho, entre os anos de 1887 e 1902, Freud manteve correspondência com Wilhelm Fliess, médico de nariz e garganta, residente em Berlin. Dentre as diversas cartas e rascunhos de artigos (Freud, 1950/1996) encontraram-se o rascunho conhecido como “Projeto de uma psicologia”, de 1895, e a carta 52, de 06 de dezembro de 1896, na qual Freud apresenta uma hipótese sobre o processo de constituição do psiquismo, segundo a qual os registros mnêmicos sofreriam, ao longo de algumas fases, uma espécie de transcrição ou reordenação. Temos na carta 52 um esboço daquilo que virá a ser apresentado no capítulo VII de “A Interpretação dos Sonhos”, de 1900, como uma representação gráfica do aparelho psíquico, conhecida como primeira tópica. Nesta primeira tópica, Freud sugere que o aparelho psíquico se dividiria em sistemas, como o inconsciente (Ics) e pré-consciente/consciente (Pcs/Cs). Esta representação gráfica também teria dado base para o modelo de aparelho que Freud apresentou de forma mais elaborada em 1923, em “O Ego e o Id”, conhecida como segunda tópica, na qual o aparelho psíquico seria constituído por três instâncias: id, ego, e superego como apontamos, anteriormente na seção 2.2 do capítulo II deste trabalho. Outra tentativa freudiana para tornar mais compreensível à hipótese de um aparelho psíquico e os registros mnêmicos que nele se inscrevem, encontra-se em “Notas sobre o Bloco Mágico” (1925/1996). Neste texto, para exemplificar e tornar mais visualizáveis suas hipóteses sobre os registros mnêmicos, Freud mostra como no aparelho psíquico os traços mnêmicos uma vez inscritos não se apagam jamais, apesar da possibilidade de

serem feitas novas inscrições continuamente. Tentemos, então, examinar como o mecanismo da recusa da realidade pode ser compreendido mediante esses modelos de aparelho psíquico.

4.3.1. Percepção e realidade no “Projeto de uma psicologia científica”

De acordo com a teoria psicanalítica, o psiquismo humano não nasce pronto, precisa ser constituído e desenvolvido, o que aconteceria via relação com outro ser humano. Sem o auxílio de outra pessoa o bebê humano morreria, pois não é capaz de dar conta de satisfazer por si mesmo suas necessidades básicas, como alimentar-se, proteger-se do frio ou calor excessivos etc., ou seja, não é capaz de efetuar a ação específica que dê conta de uma dada necessidade. Por isso, ao nascer, o ser humano depara-se com a situação do desamparo e da dependência de outro para sobreviver, isto em função das condições biológicas em que vem ao mundo, desprovido de um aparato que possibilite a própria sobrevivência.

Desde o “Projeto de uma Psicologia” (1950)⁵, Freud teria concebido uma espécie de aparelho mental responsável pela transformação de estímulos que excitam o organismo, um aparelho que teria como função dar um destino apropriado para as tensões geradas pelos estímulos provenientes do mundo externo, assim como das excitações internas. Segundo esse modelo, os processos psíquicos se dariam via funcionamento mecânico e biológico. Para descrevê-lo, Freud utilizou os seguintes termos: N para neurônios, Q para quantidade de estímulos oriundos do meio externo, Q_h para quantidade de estímulo intercelular (no interior do organismo)⁶, e as letras gregas

⁵ Este texto teria por objetivo construir uma psicologia científico-naturalista para esclarecer os processos psíquicos de forma quantitativa. Segundo este modelo os processos psíquicos poderiam ser materialmente esclarecidos, passíveis de serem conhecidos e sem contradições. O projeto descreve o processo de formação de um ego por meio da experiência, buscando tornar compreensível o modo pelo qual os processos primários passam a ser inibidos pelos processos secundários. A psicologia naturalista proposta por Freud neste período estaria baseada em leis de associação e na crença de que o organismo buscaria o prazer e tudo aquilo que torne possível este prazer; por conseguinte, buscaria afastar-se da dor e de todos objetos que a causam (Strachey, 1950/1996).

⁶ Na verdade, a diferenciação entre Q e Q_h não é consistente no texto freudiano, pois às vezes Freud usa essas letras como se fossem equivalentes. Contudo, para facilitar nossa discussão, seguimos James Strachey que no comentário introdutório ao texto do “Projeto para uma Psicologia” propôs considerar Q como externa e Q_h como interna (Strachey, 1950/1996).

ϕ , ψ e ω para denominar os três sistemas de neurônios que se distinguem como componentes do aparelho psíquico.

Neste momento do pensamento freudiano vemos o seguinte modelo de funcionamento: os neurônios do sistema ϕ estariam voltados para a recepção dos estímulos externos, ou seja, direcionados aos estímulos que se encontram fora do organismo. Na periferia do sistema, o contato direto com esses estímulos seria uma função dos órgãos dos sentidos, por intermédio de suas terminações nervosas.

Os neurônios seriam governados pelo princípio da inércia neuronal, que estabeleceria uma conduta funcional no sentido de livrar-se de uma quantidade (Q) proveniente de estímulos exteriores.

...pôde-se estabelecer um princípio fundamental da atividade n[ervosa], referente a Q que prometia ser muito esclarecedor, na medida em que parecia abranger a função em sua totalidade. É o princípio de inércia n[ervosa]; [dita] que [o] n[eurônio] aspira a libertar-se de Q. Cabe compreender-se a partir dele a arquitetura e desenvolvimento, assim como desempenho [dos neurônios] (Freud, 1950/1996, p. 10, grifo do autor).

O princípio de inércia poderia esclarecer o arco reflexo (movimento reflexo).

O princípio de *inércia* explica, em primeiro lugar, a arquitetura bipartida [dos nervos] em motores e sensoriais, como organização para cancelar a recepção de $Q\dot{\eta}$, através da emissão de $Q\dot{\eta}$. O movimento reflexo é compreendido agora como uma forma consolidada desta emissão. O princípio [da inércia] dá o motivo para o movimento reflexo (Freud, 1950/1996, p. 10, grifo do autor).

Desde o início, portanto, o aparelho teria como tendência eliminar toda quantidade decorrente dos estímulos que vêm do exterior do organismo via movimentos reflexos (princípio de inércia). Entretanto, à medida que o organismo vai adquirindo complexidade, surgem os estímulos internos, que, em função da impossibilidade de eliminar por meio dos reflexos (princípio de inércia), por meio da fuga desses estímulos, p. ex., exigiria a necessidade de uma ação específica. Por sua vez, para o cumprimento de ações específicas capazes de por fim aos estímulos endógenos, far-se-ia necessário o armazenamento de quantidade no interior do aparelho. Por essa razão, o aparelho de

organismos complexos deveria ser regulado por um princípio diferente do princípio de inércia. Esse princípio, que supõe a manutenção de um mínimo de energia circulando no interior do aparelho psíquico, Freud denominou princípio de constância, e seria posterior ao princípio de inércia na evolução biológica, pois resultaria de uma modificação deste. Em outras palavras, o princípio de inércia continuaria sendo admitido como o princípio regulador, mas violado pelas exigências impostas pela vida.

...pois o indivíduo está colocado sob condições que podem designadas como as *exigências da vida*. Com isso, o sistema nervoso é coagido a abandonar sua tendência originária para a inércia, isto é = 0. Tem de permitir a ocorrência de armazenamento de $Q\dot{h}$ para satisfazer a exigência da ação específica. Na forma como o armazenamento faz-se, mostra-se, no entanto, a permanência da mesma tendência, modificada no esforço de manter a $Q\dot{h}$ no menor nível possível, em defender-se contra a elevação, ou seja, em mantê-la constante (Freud, 1950/1996, p. 11, grifo do autor).

Freud vai explicar a manutenção de quantidade constante no interior do aparelho mediante a suposição de um elemento que permitiria distinguir os neurônios em grupos distintos. O que distinguiria os sistemas não seria nem a estrutura nem o funcionamento dos neurônios em si, mas aquilo que se encontraria entre os neurônios, as chamadas barreiras de contato, que seriam permeáveis em um grupo de neurônios e impermeáveis em outro grupo, sendo que neste último, a impermeabilidade possibilitaria a memória. A hipótese de que funções diferentes deveriam ser realizadas por diferentes sistemas de neurônios, já era uma hipótese aventada por Breuer e Freud (1895\1996), segundo a qual um único conjunto de neurônios não pode desempenhar duas funções diferentes – perceber e memorizar. Mas, no “Projeto”, Freud apresenta sua hipótese nos seguintes termos:

...a arquitetura do neurônio sugere que se desloque as resistências em seu conjunto para os *contatos*, que desta maneira, obtém o valor de *barreiras*. A suposição de *barreiras de contato* é frutífera em muitas direções... há duas classes de neurônios: [(1)] os que deixam passar $Q\dot{h}$ como se não tivessem barreiras de contato e que, portanto, após cada curso excitativo, estão no mesmo estado que antes; [(2)] os {neurônios} cujas barreiras de contato fazem valer-se, de modo que só deixam passar $Q\dot{h}$ ou só parcialmente. Os que podem, após cada excitação, estar em outro estado do que o anterior dão, portanto, uma *possibilidade de apresentar a memória* (Freud 1950/1996, p. 12-13).

Para Freud, a impermeabilidade possibilitada pelas barreiras de contato é o que torna possível o esclarecimento da existência do princípio de constância de Q_h entre esse grupo de neurônios - denominado sistema ψ - e, conseqüentemente, da memória como permanência de certas modificações entre os neurônios desse sistema.

Pois a memória é, evidentemente, em relação ao curso excitativo, um dos poderes determinantes que indicam o caminho, e, no caso de uma facilitação igual por toda parte, não se compreenderia uma predileção por caminho. Daí se poder dizer ainda mais corretamente: *A memória está representada pelas facilitaões existentes entre os neurônios ψ* (Freud/1950/1996, p. 14, grifos do autor).

Como vimos, as necessidades da vida, como a fome, p. ex., se fazem presentes e delas não seria possível fugir, e por essa razão seria necessário uma reserva de Q_h para atender a essas necessidades. Isto teria levado Freud a propor o sistema de neurônios responsável pela memória, o sistema ψ - no qual distinguimos ψ do manto, ligado ao sistema ϕ , e ψ do núcleo, ligado ao interior do corpo -, governados pelo princípio de constância, que atuariam no sentido de viabilizar a eliminação de tensão, bem como conservar uma quantidade mínima desta que permita uma pronta reação frente a qualquer estímulo.

Esta tendência nos neurônios ψ em conservar certa Q_h implica na vigência do princípio de constância, e poderia revelar uma impermeabilidade que apresentaria certa resistência à eliminação, caracterizadas pelas barreiras de contato, que, ao garantir no interior destes neurônios uma Q_h constante, viabilizaria a ação que elimina a tensão de forma adequada. Desta tendência em reter Q decorreria uma alteração permanente nos neurônios, originando a memória, devido o registro de estímulos.

Portanto, a memória seria possível a partir de trilhamentos, ou facilitaões diferenciadas entre certos neurônios. Já a consciência ocorreria via outro sistema de neurônios, os neurônios ω , que trabalhariam com qualidade e quantidade muito reduzida, diferente dos sistemas ϕ e ψ que trabalham apenas com quantidades. A qualidade poderia ocorrer em função da diminuição de quantidade e da noção de período. Isto porque a diminuição se daria com o afastamento de Q , e ϕ seria ativado por grandes quantidades. A comunicação de quantidade entre ϕ e ψ e ω aconteceria de forma a reduzir para níveis cada vez mais baixos a Q_h fluente, de modo que Q permaneceria afastada de ω , o que permitiria a este sistema a recepção e apreensão do

que Freud considera a ordem temporal relacionada aos estímulos, ou seja, o período do movimento neuronal. A ativação dos neurônios ω pelo período possibilitaria explicar a consciência relacionada aos estímulos externos. Mas, Freud diferenciou a consciência daquilo que vem de fora, pela via do período, e as sensações conscientes de prazer e desprazer, que resultariam da elevação de $Q\dot{h}$ em ψ do núcleo, o que leva ao aumento de $Q\dot{h}$ também em ω , daí a eliminação de $Q\dot{h}$ pelo neurônio ω seria capturada pela atenção psíquica do ego, o que resultaria em sensação consciente. Portanto, desprazer é tido como aumento de $Q\dot{h}$ em ψ , e prazer como a eliminação de $Q\dot{h}$, ou seja, em rebaixamento de tensão.

Observa-se, portanto, uma tendência do sistema nervoso em afastar a $Q\dot{h}$ dos neurônios, caracterizando a função de eliminação. Nas palavras de Freud:

...aqui se apresenta uma tendência que talvez governe a arquitetura do sistema nervoso, (como formado) a partir de vários sistemas, o sempre progressivo afastamento de $Q\dot{h}$ dos neurônios. Assim, a arquitetura do sistema nervoso serviria ao *afastamento*; a função, à *eliminação* de $Q\dot{h}$ dos neurônios (Freud, 1950/1996, p. 20, grifo do autor).

Esta tendência ao afastamento de $Q\dot{h}$ de ϕ e, conseqüentemente, de ψ , levaria este último sistema a relacionar-se indiretamente com o meio externo. Por sua vez, um estímulo vindo do meio externo que rompe a tendência do organismo em manter-se afastado de grandes quantidades, seria o fenômeno da dor. De acordo com Freud este rompimento compreenderia uma falha neste funcionamento, o que permitiria seu atravessamento no aparelho, que, por sua vez, também tende a fugir da dor:

O sistema nervoso tem a mais decidida inclinação para *fuga da dor*. Distinguimos nisso a exteriorização da tendência primária contra o aumento de tensão de $Q\dot{h}$ e inferimos que *dor* consiste na *irrupção de grandes Qs na direção de ψ* . Então, as duas tendências são uma só. A dor coloca tanto a sistema ϕ como ψ em movimento, não há para ela nenhum impedimento de condução; ela é o mais imperioso de todos os processos. Portanto, os neurônios ψ parecem ser permeáveis para ela; ou seja, ela consiste na ação de Qs de grandeza maior (Freud, 1950/1996, p. 21 grifos do autor).

A dor derivada de grandes Qs vindas do meio externo coloca os sistemas ϕ e ψ em funcionamento e não haveria barreira de contato que resistisse à sua condução, o que poderia torná-las permeáveis, tal qual às do sistema ϕ .

...a dor deixa atrás de si facilitações permanentes em ψ , como se {os neurônios ψ } tivessem sido atingidos pelo raio, facilitações que provavelmente cancelam totalmente a resistência das barreiras de contato e fundam aí um caminho de condução como existe em ϕ (Freud, 1950/1996, p.21).

A dor se caracteriza como um estímulo que não encontra resistência no interior do aparelho psíquico, entretanto, como já sabemos, nem todo estímulo ou Q vem de fora do organismo. O aparelho psíquico seria acometido por estímulos internos, endógenos, compreendidos já na linguagem deste momento da teorização freudiana, como mola pulsional do aparelho psíquico. Vimos também que Freud teria dividido os neurônios ψ em neurônios do manto e neurônios do núcleo. Os neurônios do manto seriam ocupados a partir de ϕ e conteriam registros (as representações na linguagem dos desenvolvimentos posteriores de Freud) do que acontece fora do organismo de forma indireta. Já os neurônios do núcleo seriam ocupados por estímulos internos (endógenos), tal qual o exemplo da fome utilizado no início desta seção para esclarecer a gênese do aparelho, tendo como referência as premissas psicanalíticas.

A parte nuclear do sistema ψ não teria proteção contra os estímulos internos e em função disso ocupam estes neurônios de forma direta, sendo considerados por Freud como a mola pulsional do psiquismo.

O núcleo de ψ está em ligação com toda trilha da qual se elevam quantidades de excitação endógena... Mas então ψ , desse lado, está exposto sem proteção às Qs, e nisso reside a *mola pulsional* do mecanismo psíquico. O que sabemos dos estímulos *endógenos* pode expressar-se pela suposição de que sejam de natureza intercelular, gerados continuamente e só periodicamente se tornem estímulos psíquicos (Freud, 1950/1996, p. 30-13, grifo do autor).

No entanto, os estímulos endógenos são de baixa intensidade e seriam percebidos quando, por somação, alcançassem ψ do núcleo.

...o fato da influência da $Q\dot{h}$ compor-se de grandezas de excitação muito pequenas, abaixo da constante; no entanto, por causa disso, a condução endógena está completamente facilitada (Freud, 1950/1996, p.31).

Estes estímulos corresponderiam às necessidades inerentes a vida humana, e ao ocuparem ψ teriam fluxo contínuo o que poderia levar a um acúmulo de Q , e assim causar sensação consciente de desprazer, exigindo uma ação específica para promover a eliminação e proporcionar prazer. Não ocorrendo eliminação, aumentaria o desprazer.

Segundo Freud, duas experiências seriam decisivas na constituição do psiquismo humano, e, determinantes de seu funcionamento: a vivência de satisfação e a vivência de dor. A vivência de satisfação de uma necessidade básica, como o exemplo da fome, citado acima, ou da dor, como a percepção traumática da ausência do pênis feminino, como vimos do texto de Freud sobre o “Fetichismo” (1927/1996), aconteceriam de forma distintas. Vejamos abaixo como elas poderiam ocorrer e as tendências delas resultantes para o funcionamento do aparelho psíquico.

Diante de uma necessidade básica como a fome, p. ex., o bebê não tem como saciá-la sozinho. Freud considera que a sensação de fome seria o correspondente de uma tensão acumulada no interior do aparelho mental, uma tensão que, para ser satisfatoriamente eliminada, requer a ingestão de alimento. No entanto, sozinho o bebê pode somente manifestar reações motoras que não dão fim à necessidade orgânica, pois ele busca eliminá-la por meio dos reflexos utilizando as vias musculares. Como a tensão (fome) não é aliviada dessa forma, o bebê precisa de outra pessoa que se encarregue dos cuidados com ele para alimentá-lo, ou seja, a mediação entre tensão e eliminação é realizada por outra pessoa que interpreta suas necessidades. O ato de alimentar o bebê é chamado por Freud (1950/1996) de ação específica, e seria a única ação capaz de acabar com a fome. Essa vivência capaz de restituir o equilíbrio no interior do organismo, ou seja, capaz de cancelar a tensão e restituir à fonte do estímulo uma espécie de equilíbrio homeostático, é denominada por Freud vivência de satisfação. Dessa ação resultariam:

- 1- a vivência prototípica decorrente da conjugação da necessidade orgânica e do outro provedor de alimento, além dos processos fisiológicos que ocorrem no corpo com esse encontro.
- 2- a vivência biológico-social é que será memorizada em ψ (todos os movimentos internos e externos que alcança ψ são registradas) e resultará no circuito do

desejo, composto pelos grupos de inscrições mnêmicas, levando o aparelho psíquico a organizar-se de forma mais complexa. Todo esse processo de vivência de satisfação geraria uma associação privilegiada entre diferentes complexos de neurônios. Essa associação privilegiada entre esses neurônios é denominada por Freud *facilitação*, ou seja, tratar-se-ia de um caminho a ser seguido com prioridade nas vivências posteriores. Isto porque, para Freud, todo o sistema ψ seria governado pela lei de associação por simultaneidade.

Ora, há uma lei fundamental de *associação por simultaneidade*, presente em toda atividade ψ pura na recordação reprodutiva, que é o fundamento de todas as ligações entre os neurônios ψ ... Disso se segue, nas expressões de nossa teoria, que uma $Q\dot{h}$ passa mais facilmente de um neurônio para um {neurônio} ocupado do que para um desocupado. A ocupação de um segundo neurônio age, por conseguinte, como a ocupação mais forte do primeiro. *A ocupação mostra-se aqui, de novo, para o curso de Q^n , como equivalente à facilitação* (Freud, 1950/1996, p. 371, grifos do autor).

Essa *facilitação* decorrente da ocupação por simultaneidade permitiria a permeabilidade na barreira de contato entre os neurônios envolvidos, o que levaria o organismo recorrer ao caminho outrora registrado, bem como recordaria o objeto que teria propiciado o alívio da tensão, ou seja, a satisfação da necessidade. A princípio este objeto é recordado de forma alucinatória, porém, se a necessidade não for satisfeita ocorreria frustração. A alucinação resultaria, portanto, da tendência primária que do organismo, que o levaria a buscar a eliminação da tensão pelo caminho mais fácil, no caso percorrer o caminho outrora trilhado, isto é, melhor facilitado.

...origina-se, através da vivência de satisfação, uma *facilitação* entre duas imagens recordativas e os neurônios nucleares que, no estado de incitação, são ocupados. Com a eliminação de satisfação, a $Q\dot{h}$ também é, sem dúvida, retirada das imagens re[cordativas]. Com o reaparecimento do estado de *incitação* ou de *desejo*, a ocupação prossegue agora também para ambas as re[cordações] e anima-as. A imagem recordativa do objeto, certamente é a primeira a ser afetada pela *animação de desejo*.⁷ Não tenho dúvidas de que essa animação de desejo resulte em primeiro lugar no mesmo que a percepção, ou seja, em *alucinação*. Se em consequência disso a ação reflexa

⁷ “*Desejo* designa um circuito de representações formado no mínimo pelas seguintes representações: pulsão, objeto de desejo e notícia da descarga endógena (restabelecimento da resistência entre interior do corpo e ψ do núcleo)” (Gabbi Jr., 1995, p.135, grifo do autor).

for iniciada, não há como não faltar a desilusão⁸ (Freud, 1950/1995, p. 33, grifos do autor).

Portanto, seguindo o exemplo da fome, embora tenha sido saciada via ação específica, esta retorna ao organismo. O bebê novamente volta a necessitar de alimento. Quando isso acontece, o traço de memória deixada pelo objeto que saciou a fome, a imagem mnêmica do seio materno, p. ex., volta a ser ocupada (investida) por quantidade. Entretanto, esta ocupação no traço de memória, na imagem mnêmica deixada pelo seio, não sacia a fome do bebê, pois seria somente uma recordação animada pela ocupação por quantidade, uma alucinação. Assim, mesmo na ausência do seio concreto, do objeto que põe fim a fome, ocorre um movimento que para Freud seria o desejo, ou seja, uma tendência do aparelho mental a ocupar por uma carga afetiva, uma imagem mnêmica. A partir deste modelo de nascimento do desejo, todos os outros desejos que surgirem para o sujeito teriam-o como protótipo. O desejo humano surgiria a partir de uma ausência, seria inconsciente, e o funcionamento do inconsciente seria regido, segundo a linguagem dos desenvolvimentos posteriores de Freud, pelo princípio do prazer, que orienta para a redução da energia responsável pelo desprazer. Este modelo de funcionamento, como consta no “Projeto de uma Psicologia” (1950/1996), poderia caracterizar um modelo de funcionamento do psiquismo, de acordo com Freud.

Por outro lado, vimos que Freud apontou a dor como decorrente da irrupção de grandes quantidades em ϕ que levam a atingir ψ , o que quer dizer que esta dor seria proveniente do meio externo. De acordo com Freud, a vivência de dor resultaria em ψ :

(1) grande aumento de nível, sentido como desprazer em ω . (2) uma inclinação para eliminação, que pode ser modificada segundo certas direções; (3) uma facilitação entre esta e uma imagem recordativa do objeto que excitou a dor. Além disso, não há dúvida de que a dor tem uma qualidade especial que se faz sentir ao lado do desprazer (Freud, 1950/1996, p. 34).

Vemos, portanto, que para Freud dor e desprazer não correspondem à mesma coisa, embora possam estar associadas, ou seja, nem toda sensação de desprazer tem como fonte geradora a dor. A recordação do objeto hostil, isto é, do agente causador da

⁸ “A diferença entre percepção de objeto e alucinação de objeto é dada pela diferença entre processo primário e processo secundário, possibilitada pela inibição exercida pelo *eu*. Por conseguinte, o critério para distinguir entre percepção e representação é dado pelo *eu*”. (Gabbi Jr., 1995, p.135, grifo do autor).

dor, gera desprazer, e o desprazer estaria associado a um aumento de Q em ψ e ω , e à tendência a eliminação da tensão causadora desta sensação.

O ato de recordar constituir-se-ia em uma atividade interna que, no caso da recordação do objeto hostil, causaria desprazer por suscitar uma vivência dolorosa, que, para Freud, desencadearia o afeto, pois, assim como o desejo resultaria da vivência de satisfação, a vivência de dor também deixaria no interior de ψ seu resíduo ou tendência de funcionamento:

Os restos de ambos os tipos de vivências que tratamos são os afetos e os estados de desejo; é comum a ambos conter um aumento de tensão de $Q\dot{\eta}$ em ψ , que se produz no *afeto* através de uma liberação imediata, no *desejo* através de somação. Os dois estados são da maior importância para o curso [de quantidades] em ψ , pois deixam atrás de si motivos do tipo compulsivo (Freud, 1950/1996, p. 35; grifos do autor).

Para Freud, o afeto decorreria da vivência de dor e o desejo da vivência de satisfação, e ambos se originam do aumento de tensão de quantidade no interior do organismo. O afeto levaria à repulsa da lembrança da imagem hostil e o desejo conduziria à atração pelo objeto que promoveu a satisfação e, conseqüentemente, levaria à alucinação. Já a dor conduziria a uma operação que leva à total eliminação de Q, bem como de qualquer lembrança:

...sua explicação poderia estar em que as vivências primárias de dor foram conduzidas a um fim através da defesa reflexa. O surgimento de outro objeto no lugar do hostil foi o sinal da vivência de dor terminara, e o sistema Ψ procura, instruído *biologicamente*, reproduzir em Ψ o estado que assinalou a cessação de dor (Freud, 1950/1996, p. 36, grifo do autor).

Vimos acima que o aparelho psíquico seria colocado em movimento via excitações pulsionais ou moções pulsionais. Com relação ao mecanismo da recusa da realidade, porém, poder-se-ia dizer que aciona o trabalho específico de recusa por parte do aparelho psíquico seria algo que vem de fora, uma percepção. Freud, na parte do projeto em que discute o pensar, analisou o que ocorreria quando chega em ψ uma ocupação proveniente de ϕ até então não conhecida pelo ego (percepções novas).

Segundo ele, diferentemente do pensar reprodutivo, que busca reproduzir uma vivência anterior, como a vivência de satisfação, no pensar recognitivo ou judicativo, o ego, a partir de ocupações vindas de ϕ , se dirige para o interior de ψ , fazendo uma espécie de “varredura” no próprio interior do núcleo de ψ , a fim de examinar se há algum registro mnêmico preexistente, que venha corresponder à ocupação proveniente de fora. Assim, diferentemente do pensar reprodutivo que visa a identidade entre uma ocupação proveniente de dentro e uma ocupação vindo de fora, ou seja, visa restabelecer a identidade que possibilite resgatar a vivência de satisfação, o pensar recognitivo visa estabelecer uma identidade com algum conteúdo interno. Em outras palavras, se no pensar recognitivo for encontrada alguma ocupação endógena semelhante, isto é, algum registro mnêmico de movimento ou sensação do corpo próprio, isso possibilitaria um reconhecimento (significação) dessas sensações e movimentos, antes sem significado, portanto, não reconhecidas pelo próprio indivíduo.

O pensar *recognitivo* ou *judicativo* busca uma identidade com uma ocupação corporal; o pensar *reprodutivo*, com uma ocupação psíquica própria (uma vivência própria). O pensar judicativo trabalha com antecipação em relação ao reprodutivo, na medida em que oferece para este facilidades prontas para migração associativa posterior. Se, após a conclusão do ato de pensar, chegar o *signo de realidade* para a percepção, obtém-se o *juízo de realidade* para a percepção, a *crença*, e alcança-se a meta da totalidade do trabalho (Freud, 1950/1996, p. 46).

Com relação ao mecanismo da recusa da realidade, sabemos que o ego já detém uma teoria sexual, ou seja, uma série de registros do próprio ego já possui um significado fálico, resultante das interações iniciais mãe-bebê, mais precisamente entre uma mãe-fálica e o bebê ou criança. Em outras palavras, a teoria sexual infantil, segundo a qual, todos têm pênis, resultaria e estaria sustentada nas tramas do desejo materno. Seria, portanto, exatamente a essa crença onipotente que a percepção proveniente do mundo externo (ausência do pênis materno, castração) se oporia. Segundo a concepção freudiana sobre o pensar recognitivo, poderíamos dizer que se apresentaria no aparelho psíquico um conflito entre as ocupações existentes no ego, no interior de ψ (desejo), e uma ocupação proveniente de fora (percepção). E seria frente a tal conflito que o mecanismo da recusa da realidade seria acionado pelo ego. Resta saber, de acordo com essas hipóteses, o que aconteceria com a ocupação proveniente de

fora, ou seja, qual poderia ser o destino do registro mnêmico da percepção da castração no aparelho psíquico.

4.3.2. Sobre a Recusa da realidade e a Constituição do psiquismo: contribuições da carta 52 (1896) e do modelo do bloco mágico (1925) para esclarecimento sobre a origem.

Para tentar avançar um pouco no esclarecimento do mecanismo da recusa da realidade basearemos nossa discussão nas hipóteses levantadas por Freud sobre a relação entre as percepções que temos em nossas experiências e a constituição e ressignificação da memória no aparelho psíquico. Para tanto, retomamos a carta 52 (06 de dezembro de 1896). Nela Freud teria proposto a hipótese de que o mecanismo psíquico tenha se originado por um processo de estratificação, de superposição de camadas. Nesta superposição o material constituído por traços de memória sofreria rearranjos em intervalos de tempo, influenciados por novas circunstâncias, ocasionando uma nova transcrição das inscrições ou registro mnêmicos.

Estes registros mnêmicos resultariam de acontecimentos psíquicos que tomam característica de traço ao serem registrados na memória, algo como descrito pela facilitação restante entre os neurônios, segundo as hipóteses do “Projeto”.

É fato conhecido que retemos permanentemente algo mais do que o simples *conteúdo* das percepções que incidem sobre o sistema *Pcpt*. Nossas percepções acham-se mutuamente ligadas em nossa memória – antes de mais nada, segundo a simultaneidade de sua ocorrência. Referimo-nos a esse fato como “associação”... devemos presumir que a base da associação está nos sistemas mnêmicos. A associação consistiria, assim, no fato de que, em decorrência de uma diminuição das resistências e do estabelecimento de vias de facilitação, a excitação é mais prontamente transmitida de um primeiro elemento Mnem. para um segundo do que para um terceiro. (Freud, 1900/1996, p.569, grifo do autor).

Os traços mnêmicos promoveriam o desenrolar de um processo, no qual ocorreriam as transcrições das inscrições que as experiências dos primeiros anos de vida deixam no psiquismo como marcas de experiência de prazer e desprazer vividos pela criança.

...estou trabalhando com a hipótese de que nosso mecanismo psíquico tenha-se formado por um processo de estratificação: o material presente em forma de traços da memória estaria sujeito, de tempos em tempos, a um *rearranjo* segundo novas circunstâncias – a uma *retranscrição* (Freud, 1950/1996, p. 281).

Pela discussão do “Projeto”, vimos que desde cedo Freud teria apontado para a importância da memória na construção do aparelho psíquico. Para ele, a memória não se apresenta toda de uma vez, ela se desdobra em tempos diversos e seria registrada em diferentes roteiros, ou seja, o material psíquico seria constantemente traduzido, reconfigurado ou atualizado. Seguindo na mesma carta, Freud supõe que acontece um registro em um sistema e transcrição em outro sistema. São os estímulos externos e internos (do próprio corpo) ao organismo que colocariam em ação o processo de rearranjo ou retranscrição, ou seja, estes estímulos colocariam o aparelho psíquico em funcionamento.

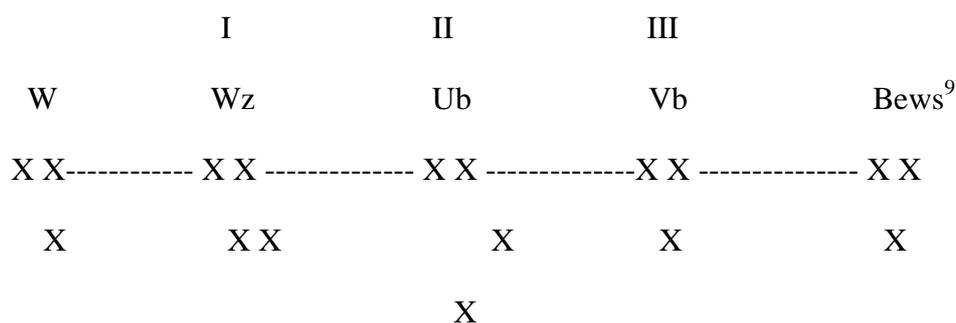
Gostaria de acentuar o fato de que os sucessivos registros representam a realização psíquica de épocas sucessivas da vida. Na fronteira entre essas épocas deve ocorrer uma tradução do material psíquico. Explico as peculiaridades das psicose com a suposição de que essa tradução não se fez no caso de uma determinada parte do material, o que provoca determinadas conseqüências. Pois, sustento firmemente a crença numa tendência ao ajustamento quantitativo (Freud, 1950/1996, p. 283).

Portanto, o funcionamento do aparelho psíquico, acionado pelos estímulos, conduziria a reordenação sucessiva dos registros mnêmicos. É como se para ao aparelho funcionar de forma adequada em cada uma das diferentes fases ou épocas da vida psicosexual do indivíduo, fosse necessário efetuar certas modificações ou rearranjos no estoque de lembranças das experiências vividas em fases anteriores.

Freud nos fala que o modo de organização do mecanismo psíquico seria via processo de estratificação, portanto, os traços mnêmicos estariam sujeitos a rearranjos que não podem ser apagados, mesmo que aconteçam novos arranjos. Os arranjos registrados constituem o processo de estratificação. Portanto, a construção do aparelho psíquico se daria por meio da reordenação de traços mnêmicos e do registro dos diversos rearranjos desses traços. Assim, o funcionamento do aparelho psíquico estaria

diretamente vinculado aos traços mnêmicos, o que torna a memória uma primeira condição para a formação e funcionamento posterior do aparelho psíquico.

Apresentamos abaixo o modelo proposto por Freud em 1896, na carta 52, por meio do qual se poderia pensar o processo de rearranjo da memória, ou seja, o modo como se daria o registro do material psíquico.



Percepção¹⁰ (W) corresponderia aos neurônios¹¹ nos quais tem origem as percepções relativas aos estímulos provenientes das vivências com o mundo externo.

⁹ O modelo proposto por Freud segue as seguintes abreviações dos termos em alemão e seus respectivos significados em português: - W [*Wahrnehmungen* (percepções)] correspondem aos neurônios onde se originam as percepções, que se ligam à consciência, embora não conservem o traço do que aconteceu. Como se sabe desde o “Projeto”, consciência e memória se excluem mutuamente; - Wz [*Wahrnehmungszeichen* (signos de percepção)] corresponde ao primeiro registro das percepções, incapaz de alcançar a consciência, dispõe-se segundo associação por simultaneidade; - Ub [*Unbewusstsein* (inconsciente)] corresponde ao segundo registro, organizado segundo outras relações, possivelmente causais. Provavelmente os traços de Ub correspondam a lembranças conceituais; também não têm acesso à consciência; - Vb [*Vorbewusstsein* (pré-consciência)] corresponde à terceira transcrição, que está ligada às representações verbais e corresponde ao ego. As ocupações provenientes de Vb tornam-se conscientes segundo determinadas regras; - Bews [*Bewusstsein*(consciência)] significa consciência(1950/1996).

¹⁰ Por percepção poder-se-ia entender o conhecimento de fatos da realidade, objetos etc., obtidos por meio dos órgãos dos sentidos. Para se conhecer algo é necessário a aproximação do objeto no tempo e no espaço e acesso direto e imediato. Segundo Penna (1982, p.11), “Objetos distantes no tempo não podem ser percebidos. Podem ser evocados ou imaginados. Podem ser, ainda, pensados. De qualquer modo fica excluída a possibilidade de serem percebidos. Também não podem ser percebidos objetos distantes no espaço quando ultrapassados os limites operacionais dos órgãos receptivos ou quando obstruídos por barreiras. A distância no espaço, tanto quanto a inacessibilidade direta ou indireta, exclui o ato perceptual. Fica, em tais circunstâncias, aberta, apenas, a possibilidade de serem pensados ou imaginados”. Portanto, as categorias tempo e espaço são importantes para que um objeto se torne percebido, resta-nos compreender se essas categorias também influenciam no processo de representação dos fenômenos

Segundo Freud, embora as percepções nos sejam sempre conscientes, os neurônios responsáveis por elas seriam incapazes de conservar qualquer registro ou traço mnêmico do que aconteceu. Como vimos, desde o “Projeto”, a tese de Freud é a de que consciência e memória se excluem.

A experiência humana é vivida em sucessão, as coisas acontecem no transcorrer de um tempo e espaço. O registro dessas experiências, ou melhor, o registro das percepções relativas a tais experiências, acontece no sistema Wz, dos signos da percepção, onde os traços mnêmicos seriam associados por relações de simultaneidade. Ou seja, dadas às propriedades desse primeiro sistema, os traços mnêmicos das percepções relativas às experiências vividas em sucessão seriam registrados como simultâneos. Por essa razão, quando esses registros são reanimados na recordação, as experiências vividas em sucessão são revividas como simultâneas, como vimos anteriormente na sub-seção 4.3.1 deste capítulo. Segundo a hipótese de Freud, normalmente esses registros do Wz passariam por um processo de retranscrição ou atualização, de acordo com as características dos sistemas subseqüentes. Assim, com as retranscrições, a significação dos registros mnêmicos adquire aspectos não completados pela etapa anterior, evoluindo para formas de significação cada vez mais complexas, ou seja, os registros de uma vivência passariam a novos regimes de associação, causais ou conceituais, segundo a hipótese de Freud.

Por isso, o Ub [inconsciente] caracterizaria o segundo sistema de registros, e corresponderia à inconsciência. Aqui também não seria possível o acesso à consciência. Segundo Freud, provavelmente os registros desse sistema se organizariam de acordo com relações causais, e talvez os traços Ub sejam equivalentes a lembranças conceituais. Como se pode notar, para Freud, até aqui a memória teria um caráter totalmente inconsciente.

A terceira transcrição aconteceria no pré-consciente (Vb), que se liga à consciência via representações verbais e equivaleriam à parte do ego da forma como é reconhecido. A energia (investimento) ligada a uma representação, e, portanto, presente

observados no interior do aparelho psíquico. Esclarecendo a diferença entre percepção e representação, escreve Gabbi Jr. (1995, p. 144): “... uma representação é, em termos quantitativos, uma forma atenuada de percepção”.

¹¹ As hipóteses apresentadas por Freud na carta 52 relacionam-se ao modelo de aparelho do “Projeto de uma psicologia”, ainda baseado no materialismo neuronal, que será abandonado no capítulo VII de “A Interpretação dos sonhos”, no qual o aparelho psíquico não será mais relacionado à anatomia nervosa e sim a um sistema de representações.

em Vb, tornar-se-ia consciente segundo critérios linguísticos. Freud considera que a consciência secundária do pensamento acontece em seguida, e possivelmente se liguem à ação alucinatória das representações verbais, ou seja, na rememoração as representações verbais tornariam presentes os objetos ausentes, a palavra substituiria a coisa. Isto seria possível por meio de um investimento no objeto mesmo em sua ausência, tal qual o processo de alucinação, mas em níveis quantitativos controlados pelo ego.

Queiroz (2004), que também comenta as hipóteses de Freud postas na carta 52, aponta para o fato de que,

O esquema propõe que cada sistema neuronal apresenta uma maneira diferente de registro e, a cada passagem, dá-se um novo reordenamento, uma nova retranscrição. No início do circuito, está a percepção. As *Wahrnehmungzeichen* constituem o primeiro sistema no qual toda inscrição fica registrada como signo. Enquanto não entram em jogo as relações causais, efeito da diacronia, atribuição do segundo, as associações dos traços perceptivos coexistem simultaneamente... (Queiroz, 2004, p. 114).

Os registros se dariam no interior do aparelho psíquico segundo uma forma própria de inscrição, que teriam como fio condutor as associações por simultaneidade, e depois por diacronia, ou seja, por operações em que elas se substituem sucessivamente.

Ainda na carta 52, Freud diz que em diferentes períodos da vida os registros vão acontecendo sucessivamente, compreendendo uma nova realização psíquica. E em cada finalização dessas fases aconteceria uma simbolização do material psíquico. As transcrições que iriam acontecendo no decorrer do desenvolvimento inibiriam e esgotariam o processo de excitação da transcrição anterior. Diante da não ocorrência de uma transcrição, ou seja, diante da incapacidade do ego em inibir e esgotar os processos correspondentes ao registro que deveria sofrer uma retranscrição e dar lugar a uma nova forma de funcionamento psíquico, a excitação relativa às novas aquisições são tratadas pela mesma maneira como no período anterior e continuam a funcionar segundo as leis do mesmo.

Cada transcrição subsequente inibe a anterior e lhe retira o processo de excitação. Quando falta uma transcrição subsequente, a excitação é manejada

segundo as leis psicológicas vigentes no período anterior e consoante as vias abertas nessa época (Freud, 1950/1996, p. 283).

Como vimos acima, uma ausência de transcrição faz com que a excitação tenha que se dirigir ao período anterior, passando a ser governada pelas leis que regulam o funcionamento peculiar àquele período, o que implicaria, portanto, em uma regressão. Esta falha na tradução resultaria do desprazer causado no novo sistema por um conteúdo insuportável, angustiante, oriundo de fase anterior. Este conteúdo seria, portanto, recalçado pelo ego, resultando daí uma falha na tradução e uma perturbação do pensamento. Em outras palavras, ao ver-se obrigado a lidar com certas excitações de acordo com o regime funcional de um período anterior, o ego pode tornar-se incapaz de coordenar ações e reações próprias ao estágio em que se encontra, podendo resultar, por isso, reações anacrônicas, isto é reações inadequadas ou pouco adaptadas.

Uma falha na tradução – isto é o que se conhece clinicamente como “recalcamento”. Seu motivo é sempre a produção de desprazer que seria gerada por uma tradução; é como se esse desprazer provocasse um distúrbio do pensamento que não permitisse o trabalho de tradução (Freud, 1950/1996, p. 283)

Segundo Queiroz (2004), na carta 52, além de um modelo do processo pelo qual o aparelho se constitui e se posiciona em relação à realidade, Freud apresentaria um sinal, uma tentativa de demonstrar como o ego poderia se desligar da realidade. Tal desligamento se daria à medida que o ego recusa a inscrição dos fenômenos observados no meio externo e cria objetos substitutivos, a fim de dar respaldo ao desejo que o domina. Vemos, assim, que na expressão “recalque”, utilizada por Freud na carta 52 para designar uma falha no processo de transcrição, encontra-se também a possibilidade de pensarmos o mecanismo de recusa da realidade. Desse modo, o ego se contrapõe à realidade factual, e passa a construir condições para a manutenção do desejo. Assim, o ego que deveria ser responsável pela inibição dos processos primários, reage às inscrições de percepções de fatos que lhe são insuportáveis. Dessa reação resultaria um ego supostamente fraco operando de acordo com o possível, e o possível aqui seria manter a sobrevivência. E para tal continuaria ligado à realidade, como também se desligaria em parte dela. De toda essa operação de divisão do ego resultaria uma espécie

de empobrecimento tópico, na medida em que o ego perderia o controle de parte de seu território.

Desde muito cedo Freud teria identificado a ambivalência como constitutiva do psiquismo, e a noção de recusa da realidade possibilitou novamente à metapsicologia a idéia desta ambivalência, circunstanciando a coexistência do reconhecimento e recusa da realidade da castração. A visão da castração feminina, como foi abordada no capítulo III deste estudo, caracterizaria para o sujeito uma experiência com o horror da castração. Desta experiência pode decorrer um trauma, em consequência do que poderia ocorrer um duplo registro no aparelho psíquico. Para tornar um pouco claras as possibilidades de registro no aparelho psíquico, faz-se necessário um esclarecimento sobre a forma como Freud supõe o processo pelo qual o psiquismo passaria a funcionar.

Contudo, desde 1893, ao falar sobre os fenômenos histéricos, Freud já apontava para o fato de que tais inscrições não podem ser apagadas (Freud, 1893-95). E desde essa época, mas mais precisamente no texto sobre o “Recalque” (1915), Freud apresenta uma definição do mecanismo psíquico do recalque, mediante o qual seria dado um encaminhamento para esta contradição. Assim, já que o registro não pode ser apagado, restaria ao eu retirar o afeto da representação correspondente, o que caracterizaria o mecanismo predominante na neurose. Mas, no texto “O inconsciente” (1915), Freud torna mais preciso o mecanismo do recalque, esclarecendo que este opera na ligação entre a representação-coisa e a representação-palavra desfazendo-a, daí se o pré-consciente é o lugar da palavra, com a quebra da ligação, a representação-coisa sozinha seria incapaz de consciência.

Na perversão não acontece o mesmo que na neurose, pois, como sabemos, o mecanismo psíquico da recusa da realidade (*Verleugnung*) opera de forma diferente do mecanismo de recalque (*Verdrängung*). Na recusa da realidade o registro de uma percepção se forma e o eu o deforma, falseando assim a realidade. Vimos que na carta 52 e “Projeto para uma psicologia” Freud teria apontado para o fato de que a memória é inconsciente, e existe mesmo que a consciência a desconheça. Porém, se a memória pudesse ser alterada, a realidade poderia ser falseada, e assim a memória perderia sua principal função adaptativa do organismo à realidade, aquilo que Freud chamou no referido projeto de função secundária. Este eu que deveria inibir processos primários e dar passagem aos processos secundários, portanto, garantir as condições adaptativas do indivíduo à realidade que se impõe, poderia, em determinadas constituições psíquicas,

reagir de modo a recusar os registros de dados da realidade que lhes são insuportáveis, que contradizem as prerrogativas do seu desejo. Desta recusa da realidade resultaria uma divisão no eu, como discutimos acima, e promoveria uma alteração do valor atribuído ao pênis feminino (faltante) via deslocamento para outro objeto. Como a primeira forma de união das inscrições no aparelho psíquico se daria via associação por simultaneidade, uma percepção poderia ser travestida por outra, registrada no aparelho simultaneamente à percepção do objeto hostil, assim o valor de uma percepção seria deslocado para outra. Isso porque, embora as experiências sejam vivenciadas no tempo, portanto, em sucessão, de acordo com Freud, na etapa evolutiva inicial, nas origens do aparelho, os registros de experiências vividas em sucessão seriam feitos como simultâneos, segundo a lei de associação por simultaneidade, conforme aponta “O Projeto de uma Psicologia” (1950/1996) e a carta 52.

Também em “Nota sobre o bloco mágico”, de 1925, Freud reforçou o modelo de um aparelho que se estrutura a partir dessas transcrições e retranscrições, procurando explicar melhor as relações existentes entre o sistema percepção-consciência e o sistema mnêmico. Neste texto, Freud (1925/1996) teria comparado a memória ao modelo da escrita que se dá com a utilização do bloco mágico, um objeto que surgiu em sua época e prometia fazer mais que uma folha de papel ou uma lousa. Este bloco era composto por uma prancha de resina ou cera e duas folhas de papel finas e transparentes, sendo que uma delas se encontra presa na extremidade superior, e a folha que se encontra entre a folha superior e a prancha de cera encontra-se solta. A pressão da escrita sobre a prancha deixaria sua marca, que corresponderia às marcas mnêmicas, podendo ser observadas à medida que as folhas aderissem à prancha. A pressão deveria ser feita com um estilete que, quando calcado sobre a prancha e as respectivas folhas, deixa suas marcas ou traços. Para apagá-los basta levantar as folhas. Ao fazer isso, porém, restariam na prancha de cera marcas que podem ser observadas com uma nova adesão das folhas sobre a prancha. Cada inscrição gera, portanto, uma transcrição, que reforça os traços existentes na prancha, promovendo retranscrições. Assim, uma percepção análoga (de um mesmo objeto, p. ex.) tende a ser sobreposta à inscrição já existente, reforçando-a e ao mesmo tempo introduzindo novos elementos, que poderiam estar ausentes ou não percebidos na experiência anterior. Isso poderia ser relacionado com as associações de objeto (representações-objeto) que, segundo Freud (1891/2008), teria a ver com um complexo mnêmico registrado no aparelho psíquico, correspondentes aos

dados sensíveis obtidos pela experiência. Tal complexo poderia receber indefinidamente o acréscimo de novos elementos, à medida que aumenta, pela experiência, nosso conhecimento dos objetos. Talvez possamos relacionar tal acréscimo de novos elementos nas associações de objeto com as transcrições processadas de acordo com as novas aquisições psíquicas (cognitiva e/ou sexual) mencionadas na carta 52.

Mas, segundo o modelo do “Bloco Mágico”, como poderíamos compreender o mecanismo da recusa? A percepção seria a primeira folha que se encontra presa e em contato com o meio externo, e a prancha a memória. O espaço existente entre a primeira folha e a prancha poderia caracterizar o meio de atuação da recusa. Neste meio, a recusa da realidade atuaria no sentido de produzir derivados para os quais atribuiria valores relacionados à recusa da percepção de fenômenos observados na realidade e recusados no aparelho psíquico. Assim, da recusa da realidade resultariam alterações na representação de um determinado fenômeno no aparelho. Em outras palavras, no recalque ocorreria o impedimento da entrada de conteúdos insuportáveis no conjunto de eu, permanecendo tal conteúdo em nível inconsciente, poderíamos pensar como resultado um enfraquecimento na capacidade de simbolização por parte do ego (pré-consciente). Com a recusa da realidade, porém, o ego reage ao conteúdo em seu domínio recusando-o.

No caso específico da *Verleugnung*, este modelo não exige supor que a própria percepção tenha que ser obnubilada de alguma maneira misteriosa: haveria, sim, um isolamento do registro mnêmico da castração. A renegação se interporia *entre* a folha plástica (percepção) e a placa de cera (memória). A partir daí, caberia ao sujeito evitar novas percepções que renovassem o conflito. Isto explicaria o horror que demonstram os fetichistas frente a qualquer visão dos genitais femininos (Simanke, 1924, p. 207, grifos do autor).

Como vimos em “Fetichismo” (1927/1996), a recusa é um mecanismo postulado por Freud para explicar as perversões. Na recusa da realidade não haveria o reconhecimento das diferenças sexuais, tal qual acontece na neurose. Na neurose a percepção é afastada da consciência e dirigida para o inconsciente, cujo contato será estabelecido via sintomas, atos falhos, sonhos etc. Ou ainda poderia ser impedida de ser representada como na psicose, via mecanismo de recusa da realidade, produzindo a alucinação, ou seja, projetando para o exterior seu próprio desejo. Caso não aconteça o

recalque, o sujeito ficará refém da constante ameaça do pênis vir a faltar-lhe. A recusa caracteriza-se como um mecanismo constante do perverso.

Na recusa duas impressões incompatíveis harmonizar-se-iam em um mesmo objeto, como no fetiche, por exemplo. Assim, o objeto fetiche serviria como mediador, como meio de comunicação entre as duas partes de eu, originadas pela cisão que resultou da recusa da realidade. Isto se tornaria possível por tratar-se de processos inconscientes, portanto, processos primários.

Assim, a recusa estaria relacionada à representação e, conseqüentemente, ligada à realidade, porém, uma vez que a imagem tenha sido inscrita e não sendo possível ser apagada, restaria duas alternativas simultâneas: 1- Encobrir a percepção já inscrita; ou 2- Impedir que novas percepções despertem por associações traços já inscritos. Segundo Simanke, os dois processos poderiam acontecer entre a folha plástica e o bloco de cera do modelo sugerido por Freud no texto sobre o “Bloco Mágico”, de 1925.

De ordinário, a impressão sobre o aparato perceptivo, representado pela folha plástica onde se escreve sobre o bloco, deixa sua marca sobre o sistema mnêmico, representado pela placa de cera à qual a folha superior adere, permitindo a visualização da escrita. Uma vez destacada, a folha plástica fica livre para receber novas impressões, enquanto a placa de cera conserva o registro da inscrição anterior. Basta a Freud imaginar, então, que o aparelho pode, de algum modo, recuperar a marca anterior sobre a cera, para ter uma representação razoavelmente eficaz das relações entre percepção e memória, especialmente a de um registro que, ao mesmo tempo, se apaga e se conserva (Simanke, 1994, p. 207).

No estabelecimento do funcionamento perverso, um fenômeno tem aparecido como elementar, a recusa da percepção de aspectos da realidade. Desta recusa resulta uma alteração operacional, na qual o valor atribuído a um dado da realidade é deslocado e atribuído a outro objeto, o fetiche. No fetichismo o registro está lá, o que permitiria pensar em uma divisão do ego, pois a carga afetiva seria deslocada da idéia intolerável para o ego e toda ela seria centrada em outro objeto, o que resultaria na formação de um objeto fetiche. Assim, de acordo com Simanke, na discussão do exemplo do bloco mágico de Freud, a recusa da realidade incidiria entre a folha plástica e o bloco de cera. Ou seja, o ego lança mão de uma série de mecanismos, dentre eles o deslocamento, funcionamento segundo processos primários, para manter o fato conflituoso fora do

conflito propriamente dito. Isso seria coerente com a suposição freudiana de que de toda percepção resta uma inscrição no psiquismo e seria esta inscrição que facilitaria o curso privilegiado entre um registro mnêmico e outro, entre a percepção da falta e o objeto que será utilizado pelo deslocamento. Nesse sentido, ter-se-ia uma defesa como aquela da vivência de dor no “Projeto para uma Psicologia” (1950/1996), da qual restaria a tendência em defender-se a qualquer custo no sentido de impedir que a imagem do objeto hostil seja reocupada. A dor resultaria de um trauma, entendido como excesso de quantidade de estímulo proveniente de fora, do qual restaria no aparelho uma tendência primária que, de início escapa ao ego.

Já a vivência de satisfação estaria relacionada com a inibição do ego frente à reocupação alucinatória da imagem do objeto do desejo. Segundo Freud, caso exista um ego, este deve amenizar esses processos defensivos intensos (primários) que prejudicam a organização psíquica, tanto quanto cabe ao ego inibir os processos de desejo (primário). Parece que a vivência perversa, a vivência da castração ou da vivência da diferenciação sexual, estaria situada entre a vivência de dor e vivência de satisfação, já que uma parece se juntar à outra, dor e satisfação. O ego parece apresentar-se a meio caminho, resultando daí, concomitantemente, a tendência a impedir a reocupação da imagem do objeto hostil, segundo a tendência ao afeto (ausência do pênis, castração). Mas também certo poder de inibição pela ativação das ocupações colaterais, donde resultariam, da fixação por deslocamento da carga afetiva sobre uma determinada imagem, a construção do objeto fetiche.

Desse modo, um mesmo ego que se mostra razoavelmente capaz de cumprir sua função inibitória dos processos primários, revela-se também refém de algo outro que o leva a sustentar uma teoria sexual infantil. Daí a coerência com a suposição freudiana de uma divisão do ego, mas no sentido da pulsionalidade egóica, um ego regredido, e, portanto, intimamente atrelado ao governo do princípio do prazer, que funciona de forma primária e, por essa razão, não haveria contradição entre ter e não ter o pênis.

Talvez pudéssemos pensar ainda numa espécie de “trabalho perverso”, aos moldes do “trabalho do sonho” - entendido como os processos pelos quais são produzidos os sonhos -, que, entre outros processos, lança mão do deslocamento do afeto de um registro perceptivo a outro, além da elaboração secundária, que supõe a organização do material mnêmico de acordo com certas regras próprias do pré-consciente, como no caso do fetiche. Isto é, de alguma maneira, na recusa da realidade, o conteúdo

traumático tem acesso aos domínios de ego. Por isso, o aspecto mais visível do processo, segundo as hipóteses freudianas, seria que ao recusar uma percepção o ego sofreria uma divisão. Algo como uma divisão em dois pré-conscientes, um governado pelo princípio da realidade (que aceita a castração) e outro governado pelo princípio do prazer (que continua a acreditar na universalidade do pênis). Com isso, da divisão decorrente da recusa resultaria não apenas um enfraquecimento nas capacidades de simbolização do ego, mas algo talvez mais grave, a saber, uma perda de domínio sobre si próprio, um empobrecimento tópico, já que perde o domínio sobre uma extensão de si mesmo, o que explicaria o funcionamento psíquico típico das perversões.

Como se pode entrever, além da retomada de hipóteses metapsicológicas apresentadas por Freud desde o início de suas teorizações sobre o funcionamento psíquico, uma metapsicologia das perversões parece requerer desenvolvimentos teóricos sobre a teoria freudiana do aparelho psíquico que a prolongam em direção a uma terceira tópica, centrada nas divisões que vão se consolidando no interior do próprio ego ao longo da constituição do aparelho psíquico.

CONCLUSÃO

A discussão da perversão sob a ótica do pensamento freudiano tornou necessário diferenciar o aparecimento da sexualidade infantil das manifestações da perversão propriamente dita. Como vimos, no segundo capítulo deste trabalho, a sexualidade infantil se caracterizaria como perverso-polimorfa, bem como se caracterizaria a essência da sexualidade humana, na medida em que a pulsão sexual nunca alcança satisfação integral, mas sempre de forma parcial, daí o caráter universal da perversão. Vimos também no primeiro capítulo deste trabalho que no século XIX a concepção de sexualidade compreendia uma discussão na diferença entre os instintos de autoconservação e os instintos de reprodução, e ainda na influência desta sexualidade nas relações amorosas, sociais e com a família. Já a concepção freudiana da sexualidade e das perversões rompeu com a moderna teoria do século XIX. Isto porque Freud demonstrou ser a sexualidade infantil perverso-polimorfa e conceituou a perversão não mais como anomalia ou como desvio da norma, mas sim como uma conduta genérica da sexualidade humana. Ao colocar a perversão na origem da sexualidade humana, Freud encontrou possibilidade para retirar o humano com sua indeterminação da condição instintual determinada pelo aspecto biológico, passando a condição de ser guiado pela pulsão que move, mas por sua vez, foge deste determinismo.

Como vimos no capítulo II deste trabalho, nos “Três ensaios...” de 1905, Freud teria apontado para o fato de que na neurose as fantasias perversas são recalçadas, já no perverso as fantasias são conscientes e postas em ato. Desta constatação derivaria a idéia de que a neurose é o negativo da perversão, e que a perversão corresponderia a um estado de persistência da sexualidade segundo o modelo infantil. Assim, as pulsões se manifestariam de forma direta e não como sintoma neurótico, devido a uma falha no recalque.

Mais tarde no texto em que fala sobre Leonardo da Vinci (1910/1996), Freud apontou para as perversões como formações defensivas em relação ao desejo, e que foi colocado de forma clara no texto “Uma Criança é Espancada” (1919/1996), onde fantasias pertencentes ao complexo de Édipo se apresentam em várias etapas, porém tratam do desejo incestuoso em relação à figura paterna.

Ao circunscrever a perversão em torno do complexo de Édipo (1919/1996), Freud explicou como fator determinante a angústia de castração (1927/1996), portanto, a fantasia perversa teria como fim erguer uma defesa em relação à angústia da castração. Esta angústia seria resultante da percepção de um aspecto da realidade, que no fetichismo apresenta-se na falta do pênis materno, sendo esta percepção recusada.

No texto “A dissolução do complexo de Édipo”, de 1924, poder-se-ia observar a dificuldade do menino em aceitar a castração e as perdas inerentes à vida. Experiências como, a perda do seio materno e as exigências diárias de soltarem o conteúdo dos seus intestinos diariamente não mobilizam tanto quanto a experiência de visualizar os genitais femininos. Tal visualização torna possível a perda de seu pênis e a efetividade da castração.

...a retirada do seio materno – a princípio de modo intermitente, e que mais tarde, definitivamente – e a exigência cotidiana que lhes é feita para soltarem os conteúdos dos intestinos. Não existe, porém, prova que demonstre que, ao efetuar-se a ameaça de castração, essas experiências tenham qualquer efeito. A observação que finalmente rompe sua descrença é a visão dos órgãos genitais femininos. Mais cedo ou mais tarde a criança, que tanto orgulho tem da posse de um pênis, tem uma visão da região genital de uma menina e não pode deixar de convencer-se da ausência de um pênis numa criatura assim semelhante a ela própria (Freud, 1924/1996, p. 195).

A criança renuncia ao objeto edípico com relutância, depois de idas e vindas, sob ameaça de castração. Via recalçamento, ocorreria a dissolução do Complexo de Édipo. Porém, outra saída se faria possível frente ao drama edípico, a recusa da realidade (*Verleugnung*), que seria um mecanismo diferente do recalçamento, e que foi caracterizado por Freud como o mecanismo típico da perversão. A recusa à castração representaria uma possibilidade de negar a realidade inevitável da castração. A recusa não seria encontrada somente na perversão, mas tal qual o recalque, seria um mecanismo bastante utilizado pelo aparelho psíquico. A resolução do conflito edípico será marcada a partir da escolha de um modelo defensivo básico, que por sua vez terá

ligação com as experiências anteriores, na fase pré-edipiana. Ou seja, com fases anteriores ao período edípico, a saber, fase oral ou fase anal.

A recusa da realidade é abordada, entre outros lugares, no texto “A divisão do ego no processo de defesa”(1938), onde Freud aproxima a perversão da psicose, uma vez que o conflito que se estabelece remeteria a forma de relação do ego com a realidade, com o mundo externo.

Na psicose a percepção da realidade hostil seria recusada, entretanto todo ego atuaria em sentido uníssono construindo toda uma realidade para substituir àquela insuportável, faria isso via alucinação. Nas perversões sugere-se uma atitude ambivalente por parte do eu, nas quais duas exigências seriam atendidas, o comando da realidade e o comando do id. Governado pelas forças do id, o eu tenderia a manter as teorias sexuais infantis pautadas no desejo de satisfação de qualquer necessidade que lhe ocorra ou de desfazer situações que ponham em risco a queda de suas crenças. Crenças estas, herdadas do olhar materno, que sugerem ser o filho o falo/fetichê, o portador do poder supostamente pertencente ao pênis. Poder este, não próprio a qualquer pênis, mas ao pênis feminino, ao suposto pênis da mulher que cuida, que atende as exigências internas do bebê, mas que também controla as exigências da realidade.

Portanto, na perversão seria considerada na consciência a percepção da realidade traumática, e no inconsciente seria realizada a operação de deslocamento a fim de manter o desejo infantil. O valor do pênis materno ausente seria atribuído para outro objeto, cujo registro ou inscrição teria ocorrido simultaneamente à visão trágica da castração feminina, resultando daí o fetichê com todas as suas conseqüências. Assim, a recusa incidiria sobre a idéia, pois, no perverso o afeto tende a ficar mais solto do que no neurótico, daí a semelhança com a neurose obsessiva, pois o afeto precisa se ligar a outra idéia e na perversão ao fetichê. Isto porque na perversão o eu seria incapaz de abrir mão de sua crença sexual frente aos fatos da realidade, particularmente, a percepção da ausência do pênis materno. A idéia seria desloca para outro objeto, mantendo o valor atribuído ao pênis materno, bem como sua crença da universalidade do pênis, da mesma forma com que faz o neurótico obsessivo com seus rituais, que ao cumpri-los estaria protegido de qualquer acontecimento ruim (situações que poderiam sugerir castração). Em função disso supõe-se um aparelho psíquico, cuja relação com a realidade estaria apenas parcialmente comprometida, pois o perverso não é um psicótico.

Contrariamente ao psicótico, o perverso não substitui a realidade material como um todo pela realidade psíquica (realidade do desejo), mas parcialmente. Daí a afirmação de Freud que a recusa da realidade é até normal entre crianças, mas que se persistir no adulto pode levar a uma psicose.

O perverso parece estar preso a certo momento (percepção da castração), porém o mecanismo da recusa não poderia ser pensado como incidindo de uma vez no aparelho psíquico. Como exemplo, basta recordar que o complexo de Édipo e o complexo de castração envolvem um longo processo, desde a primeira percepção, as diferentes formas de espanto (e recusa) em que Freud diz manifestar-se o “não posso acreditar”. No caso do fetiche, este não deve ser formado imediatamente, mas tratar-se-ia de uma das ‘saídas’, um dos destinos da carga afetiva, encontrados e fixados ao longo das tentativas do eu débil em solucionar o conflito. Este eu débil do começo deverá, à medida que as experiências se sucedem na vida do indivíduo, fortalecer-se para assim conciliar as exigências que lhe são impostas, mantendo sua integridade. Outra saída, ou outro destino, para a carga afetiva, poderia revelar-se no grande envolvimento com o conhecimento tal qual o caso de Leonardo da Vinci que em seus primeiros anos de vida estabeleceu, frente à ausência da figura paterna, uma relação intensamente erotizada com a mãe, levando-o a desenvolver um homossexualismo, postulado por Freud como ideal, uma vez que esta moção pulsional foi direcionada para o conhecimento e para as artes.

Assim, para dar conta de uma realidade que lhe é hostil, o perverso teria criado uma condição onde duas idéias opostas, com relação a um mesmo fenômeno, se fazem presentes. Mas, para que estas duas idéias possam existir simultaneamente faz-se necessário a formação de um compromisso via estabelecimento de um objeto fetiche. O fetiche, tal qual o sonho, resultaria de uma formação de compromisso, que, por sua vez apresentaria em seus processos o deslocamento de uma imagem insuportável para outra. Na perversão aconteceria um trabalho regressivo, na medida em que a percepção da castração não seria representada enquanto tal, mas sim estabeleceria um substituto, uma prótese, o que resultaria em uma paralisação no desenvolvimento. A imagem do objeto entra no lugar da falta que o perverso não consegue suportar e representar, isso o impossibilitaria de lidar com as limitações e perda da onipotência. Desta dificuldade de simbolização resultaria um eu primário que não lida com as frustrações nem tão pouco com situações de conflito.

Segundo Freud (1927/1996), para que o fetiche seja enfim estabelecido dois aspectos importantes devem estar em vigência: o domínio dos processos primários, e ocorrer em um sistema onde estão os registros dos acontecimentos traumáticos, caracterizando, portanto, o Inconsciente. Freud assinala ainda, que isto não acontece somente no fetichismo, mas também em outras formas de constituição psíquica em que certos conteúdos poderiam também ser recusados; conteúdos que remetam a castração, ou que sejam contrário ao desejo do indivíduo. Ter-se-ia, portanto, um eu que corresponderia às exigências da realidade, mas mesmo assim encontraria uma forma de atender as exigências de desejos inconscientes, mesmo que contradiga aquilo que a realidade sugere ou impõe. Portanto, ter-se-ia um eu que atende a dois senhores, e que se livraria da castração, mantendo o desejo de onipotência, bem como mantém a crença infantil da universalidade do pênis e um outro que atende à realidade e consciente das diferenças sexuais.

No texto “Esboço de psicanálise” (1940/1996), ao falar sobre ‘O aparelho psíquico e o mundo externo’, Freud teria assinalado sobre a consequência da existência de dois registros incompatíveis acomodados à estrutura do aparelho.

...o ego da criança, sob o domínio do mundo real, livra-se das exigências instintivas indesejáveis através do que é chamado de repressões...durante o mesmo período da vida, o ego com bastante frequência se encontra em posição de desviar alguma exigência do mundo externo que acha aflitiva que isto é feito por meio de uma *recusa* das percepções que trazem ao conhecimento essa exigência oriunda da realidade. Recusas desse tipo ocorrem com muita frequência e não apenas com fetichistas. A recusa é sempre suplementada por um reconhecimento: duas atitudes contrárias e independentes sempre surgem na situação de haver uma divisão do ego. (Freud, 1940/1996, p.217, grifos do autor).

Como vimos anteriormente, o perverso tem consciência da diferença sexual, o que permitiria supor que a divisão do eu não ocorreria em nível consciente. Considerando o processo regressivo e os processos primários do inconsciente, poder-se-ia supor que esta divisão do eu encontra-se na origem ou em estágio inicial da constituição do eu. Entretanto, como o perverso apresentaria algum senso de realidade, supõe-se que o eu do perverso conta com uma divisão desde o início, e para dar conta da realidade percebida, bem como de uma crença que não quer abandonar, realiza no inconsciente

um deslocamento (mecanismo próprio do inconsciente), outro objeto substitui em valoração o objeto ausente (pênis da mulher/mãe).

Para Freud, a recusa da realidade constitui um modo de funcionamento na perversão, e também poderia estar presente em outras organizações psíquicas, como nas neuroses. Por exemplo, na neurose obsessiva “a regressão e a alteração reativa do ego (formação de reação), o isolamento e o ‘desfazer’ do que foi feito, têm sido citados como técnicas defensivas empregadas” (Freud, A., 1946/1972, p. 37). Estes seriam mecanismos de defesa utilizados pelo ego do neurótico obsessivo, frente a uma realidade que lhe é hostil, e, portanto, recusada. A realidade recusada se relacionaria às falhas na crença de onipotência do indivíduo. Mas enquanto forma de repúdio, a recusa da realidade garante uma nova possibilidade de lidar com a castração e com as condições intoleráveis da realidade, da qual decorre uma forma peculiar de funcionamento do psiquismo.

Na neurose o indivíduo não nega a realidade, apenas não quer saber nada sobre ela, e para isso cria o sintoma; já na psicose, o indivíduo rejeita e substitui a realidade. Aqui, o ego cria uma nova realidade tanto para o mundo interno, quanto para o mundo externo.

Assim, para uma neurose o fator decisivo seria a predominância da influência da realidade, enquanto para uma psicose esse fator seria a predominância do id. Na psicose a perda de realidade estaria necessariamente presente, ao passo que na neurose, segundo pareceria, essa perda seria evitada (Freud, 1924/1996, p.205).

A perversão estaria relacionada de forma intrigante e obscura com o saber. Reconhece a realidade enquanto tal, porém, altera-a de acordo com seu desejo. O desejo de plenitude materna é mantido via transformação da verdade sobre a ausência do pênis materno. Um fragmento particular da realidade é substituído, a falta do pênis da mãe, por algo que passa a ser detentor do valor outrora atribuído ao pênis que proporcionava à mãe uma condição diferenciada. O valor do pênis é deslocado para outro objeto, para um detalhe ou para uma atividade. Esta recusa impede que o desenvolvimento siga seu curso em direção à reunião da sexualidade humana em torno da genitalidade. Assim, a sexualidade passa a funcionar de modo a valorizar partes isoladas do funcionamento psicosssexual, tais como olhar, conhecer etc. A falta do pênis materno é confirmada e

recusada ao mesmo tempo e na mesma instância via fetiche (substituto do pênis materno), ou seja, seria confirmada e recusada em uma mesma parte do aparelho psíquico, no inconsciente.

A perversão se caracterizaria como um olhar crepuscular, tal qual a luz antes do sol nascer ou no entardecer. Durante o crepúsculo só é possível à observação dos perfis, os contornos das silhuetas. No olhar crepuscular as diferenças, limites e normas se desvanecem, possibilitando a confusão de papéis. Com a confusão de papéis todos podem realizar as mesmas atividades, desempenhar os mesmos papéis, enfraquecendo a função do pai que é de impedir o desejo incestuoso de realização, assim os impulsos incestuosos ganham força devido à indefinição de limites. Aqui inexistiria a diferença sexual, todos possuem o pênis, particularmente a mãe, a onipotência narcísica estaria resguardada.

Assim, o adulto que se constrói a partir da dificuldade de aceitar as limitações da realidade, de se relacionar com a falta, com a frustração, poderia fugir de tudo aquilo que lhe remete as condições que ameaçam a sua onipotência, buscando a condição de fetiche, pois é assim que se coloca o perverso, objeto para o qual as limitações não existem, e a plenitude se apresenta no horizonte do possível.

Entretanto, à medida que se coloca como objeto de satisfação, também atribui ao outro esta condição. Isto porque seria possível observar na sociedade contemporânea uma supervalorização do eu, via mercado e mídia que prometem satisfação imediata e duradoura. Qualquer forma de sofrimento tem que ser evitado, o ideal já deve estar no próprio sujeito, não mais deve ser buscado. O desamparo decorrente da ausência ou falta tem que ser evitado, o outro passa a ser considerado somente como instrumento a promover a satisfação deste eu supervalorizado, idealizado. Portanto, o outro não existe enquanto tal, e não existindo o outro, desfazem-se as diferenças. E é justamente o outro, diferente, que nos permitiria nos colocar em questão, mas uma vez destituído de sua humanidade não pode ser considerado como referência. Assim, sua dores ou satisfação constituiriam apenas traços vagos sem sentido. O indivíduo na contemporaneidade tem o outro como fetiche, uma prótese de cuja existência espera-se proporcionar a satisfação do eu; caso não cumpra o seu papel pode e deve ser eliminado, destruído.

Espera-se que o estudo realizado sobre a concepção das perversões no pensamento freudiano, bem como o esclarecimento sobre o papel fundamental desempenhado pelo mecanismo psíquico da recusa no interior do aparelho possa

contribuir para a elaboração de uma teoria capaz de atender às necessidades do trabalho clínico com as perversões. E ainda, a partir destes esclarecimentos, se estabeleceria condições de trabalho que possibilite construção simbólica daquilo outrora recusado, com pacientes cuja relação com a realidade seria mediada pela recusa da mesma, nas suas mais diversas manifestações. Espera-se também que o estudo realizado possa contribuir para a compreensão das diferenças e proximidades das idéias de psicanalistas pós-freudianos com o pensamento de Freud, na medida em que um estudo dos fundamentos metapsicológicos nos quais se assenta a psicanálise freudiana possa servir de critério para avaliar em que medida as diferentes teorias psicanalíticas atualmente em voga prolongam as hipóteses freudianas ou delas se desviam.

REFERÊNCIAS

- Albano, S. (2006). **Arqueologia del psicoanálisis**. (1ª ed.). Buenos Aires: Quadrata.
- Bleichmar, H. (1984). **Introdução ao estudo das Perversões: a teoria do Édipo em Freud e Lacan**. (E. O. Diehl, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Birman, J. (2003). **Freud & a Filosofia**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bourguignon, A. (1991). Alucinação Negativa, Renegação da Realidade e Escotomização. Em **O Conceito de renegação em Freud e Outros Ensaio**. (pp. 45-70). (V. Ribeiro, Trad.). Rio De Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Breuer, (1996). Anna O. Estudos Sobre a Histeria. Em **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud**. v. II, Trad. Sob. Direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago. (Trabalho original publicado em 1895).
- Chartier, J.P. (2006). Estruturas Neuróticas. Em: J. Bergeret (org.). **Psicopatologia: teoria e clínica**. (9ª ed.). (F. Settineri, Trad.). Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1972).
- Chasseguet-Smirgel, J. (1991). **Ética e Estética da Perversão**. (V. Jacques, Trad.). Porto Alegre: Artes Medicas.
- Comte, A. (1996). **Curso de Filosofia Positiva**. São Paulo: Editora Nova Cultural. (Originalmente publicado em 1826).
- Desprats-Péquignot, C. (1994). **A Psicopatologia da Vida Sexual**. Campinas: Papyrus.
- Ellis, H. (1971). **Psicologia do Sexo**. Rio de Janeiro: Disbra.
- Ellis, H. (1933). **A Inversão Sexual**. São Paulo: Companhia Editora Nacional. V. II.
- Ellis, H. (193-). **O Sexo Através dos séculos**. São Paulo: Editora Piratininga.
- Ferraz, F.. (2005). **Tempo e Ato na Perversão**. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ferraz, F.C. (2006). **Perversão**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Foucault, M. (1988). **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal. (Trabalho original publicado em 1926).

Foucault, M. (1984). **História da sexualidade II: O uso dos Prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal. (Trabalho original publicado em 1926).

Freud, A. (1972). Os Mecanismos de Defesa. Em **O Ego e os Mecanismos de Defesa**. (pp. 36-45). Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira. (Trabalho original publicado em 1943).

Freud, S. (1996). Extratos de documentos dirigidos a Fliess. Em **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud**. v.I, Trad. Sob direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago. (Trabalho original publicado em 1950).

Freud, S. (1996). Projeto para uma Psicologia Científica. Em **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud**. v. I, Trad. Sob. Direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago. (Trabalho original publicado em 1950).

Freud, S.(1995). Projeto de uma psicologia(trad.) Osmyr Gabbi Junior. – Rio de Janeiro: Imago Ed. (trabalho original publicado em 1950).

Freud, S. (1996). Estudos sobre A Histeria. Em **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud**. v. II, Trad. Sob. Direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago. (Trabalho original publicado em 1895).

Freud, S. (1996) A Psicologia dos Processos Oníricos. Em **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. v.V, Trad. Sob. Direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago(pp. 541-700). (Trabalho original publicado em 1900).

Freud, S. (1996). Fragmento da Análise de um Caso de Histeria. Em **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. v. VII, Trad. Sob. Direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago. (pp.13-116). (Trabalho original publicado em 1901).

Freud, S. (1996). Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade. Em **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. v.VII, Trad. Sob. Direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago. (pp.118-231). (Trabalho original publicado em 1905).

Freud, S. (1996). Fantasias Históricas e sua Relação com a Bissexualidade. Em **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. v.IX, Trad. Sob. Direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago. (pp.149-154). (Trabalho original publicado em 1908).

Freud, S. (1996). Caráter e Erotismo Anal. Em **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. vol.IX, Trad. Sob. Direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago. (pp.155-164). (Trabalho original publicado em 1908).

Freud, S. (1996). Moral Sexual ‘Civilizada’ e Doença Nervosa Moderna. Em **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. v. IX, Trad. Sob.

Direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago. (pp.168-186). (Trabalho original publicado em 1908).

Freud, S. (1996). Sobre as Teorias Sexuais das Crianças. Em **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. vol.IX, Trad. Sob. Direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago. (pp.186-204). (Trabalho original publicado em 1908).

Freud, S. (1996). Análise de uma Fobia em um Menino de Cinco Anos. Em **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. v.X, Trad. Sob. Direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago. (pp.11-133). (Trabalho original publicado em 1909).

Freud, S. (1996). Notas Sobre um Caso de Neurose Obsessiva. Em **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. v.X, Trad. Sob. Direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago. (pp.135-273). (Trabalho original publicado em 1909).

Freud, S. (1996). Cinco Lições de Psicanálise. Em **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. v.XI, Trad. Sob. Direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago. (pp.16-65). (Trabalho original publicado em 1910).

Freud, S. (1996). Leonardo da Vinci e Uma Lembrança da Sua Infância. Em **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. v.XI, Trad. Sob. Direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago. (pp.67-141). (Trabalho original publicado em 1910).

Freud, S. (1996). Contribuições a Psicologia do Amor I. Em **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. v.XI, Trad. Sob. Direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago. (pp. 167-180). (Trabalho original publicado em 1910).

Freud, S. (1996). Contribuições a Psicologia do Amor II. Em **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. v.XI, Trad. Sob. Direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago. (pp.181-195). (Trabalho original publicado em 1912).

Freud, S. (1996). Contribuições de um debate sobre masturbação. Em **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Trad. Sob. Direção geral de Jayme Salomão. V. XI. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1912).

Freud, S. (1996). Sobre o Narcisismo: Uma Introdução. Em **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. v. XIV, Trad. Sob. Direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago. (pp.75-108). (Trabalho original publicado em 1914).

Freud, S. (1996). Os Instintos e Suas Vicissitudes. Em **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. v. XIV, Trad. Sob. Direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago. (pp.115-144). (Trabalho original publicado em 1915).

Freud, S. (1996). Repressão (Recalque). Em **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. v.XIV, Trad. Sob Direção geral de Jayme Salomão. Rio de janeiro, Imago. (pp.145-162). (Trabalho original publicado em 1915).

Freud, S. (1996). O Inconsciente. Em **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. v.XIV, Trad. Sob Direção geral de Jayme Salomão. Rio de janeiro, Imago. (pp.163-222). (Trabalho original publicado em 1915).

Freud, S. (1996). O Desenvolvimento da Libido e as organizações sexuais. Em **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. v.XVI, Trad. Sob Direção geral de Jayme Salomão. Rio de janeiro, Imago. (pp. 325-342). (Trabalho original publicado em 1917).

Freud, S. (1996). História de Uma Neurose Infantil. Em **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. v. XVII, Trad. Sob Direção geral de Jayme Salomão. Rio de janeiro, Imago. (pp. 13-127). (Trabalho original publicado em 1918).

Freud, S. (1996). Uma Criança é Espancada. Uma Contribuição ao Estudo da Origem das Perversões Sexuais. Em **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. v. XVII, Trad. Sob Direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago. (pp.191-218). (Trabalho original publicado em 1919).

Freud, S. (1996). Além do Princípio do Prazer. Em **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. v.XVIII, Trad. Sob Direção geral de Jayme Salomão. Rio de janeiro, Imago. (pp.11-75). (Trabalho original publicado em 1920).

Freud, S. (1996). O Ego e o Id. Em **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. vol.XIX, Trad. Sob Direção geral de Jayme Salomão. Rio de janeiro, Imago. (pp.13-80). (Trabalho original publicado em 1923).

Freud, S.(2007). O Eu e o Id. Em: **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. vol.III; 1923-1938.Rio de Janeiro: Imago Ed., 2007.

Freud, S. (1996). A Organização Genital Infantil; Uma Interpolação na Teoria da Sexualidade. Em **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. vol.XIX, Trad. Sob Direção geral de Jayme Salomão. Rio de janeiro, Imago. (pp.153-161). (Trabalho original publicado em 1923).

Freud, S. (1996). Neurose e Psicose. Em **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. v.XIX, Trad. Sob Direção geral de Jayme Salomão. Rio de janeiro, Imago. (pp.163-171). (Trabalho original publicado em 1924).

Freud, S. (1996). O Problema Econômico do Masoquismo. Em **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. v.XIX, Trad. Sob Direção geral de Jayme Salomão. Rio de janeiro, Imago. (pp.173-188). (Trabalho original publicado em 1924).

Freud, S. (1996). A Dissolução do Complexo de Édipo. Em **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. v.XIX, Trad. Sob Direção geral

de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago. (pp. 189-19). (Trabalho original publicado em 1924).

Freud, S. (1996). Uma Nota Sobre o 'Bloco Mágico'. Em **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. v.XIX, Trad. Sob Direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago. (pp.251-259). (Trabalho original publicado em 1925).

Freud, S. (1996). Fetichismo. Em **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. v.XXI, Trad. Sob Direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago. (pp.149-160). (Trabalho original publicado em 1927).

Freud, S. (1996). A Dissecção da Personalidade Psíquica. Em **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. v.XXII, Trad. Sob Direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago. (pp.69). (Trabalho original publicado em 1933).

Freud, S. (1996). A Divisão do Ego no Processo de Defesa. Em **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. vol. XXIII, Trad. Sob Direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago. (pp. 289-295). (Trabalho original publicado em 1940).

Freud, S. (2008). Sobre a concepção das afasias. Helio Honda (Trad.). Maringá, UEM, mimeo. (Trabalho original publicado em 1891).

Gay, Peter (1990). A Experiência Burguesa da Rainha Vitória a Freud: A Paixão terna. vol.II, São Paulo:ed. Schwarcz. Trad. Sérgio Flaksman.(Trabalho original publicado em 1988).

Gay, Peter (1995). A Experiência Burguesa da Rainha Vitória a Freud: O CULTIVO DO ÓDIO. vol.III, São Paulo:ed. Schwarcz. Trad. Sérgio Góes de Paula/Viviane de Lamare Noronha(Trabalho original publicado em 1988).

Helsing, L. A. (2004). **O Tempo do Ser-Vil- o mercado perverso da servidão**. Rio de Janeiro:Imago.

Honda, H. (2008). **O estatuto conceitual do Inconsciente em Freud e algumas de suas implicações para a prática psicanalítica**. Maringá: UEM. (Texto não publicado).

Jusek, K. J. (1995). A Moralidade Sexual e o Significado da Prostituição na Viena do Fin-De-Siècle. Em J. Bremmer (org.). **De Safo a Sade. Momentos da História da Sexualidade**. Campinas: Papyrus.

Kury, J. A. (1988). **Desenvolvimento em Psicopatologia Psicanalítica**. Campinas: Papyrus.

Khel, M. R. (1996). **A mínima diferença: masculino e feminino na cultura**. Rio de Janeiro: Imago.

Krafft-Ebbing, R. Von (2001). **Psychopatia sexualis: as histórias de caso**. São Paulo: Martins Fontes.

- Laplanche, J. & Pontalis, J.B. (1988). **Vocabulário da psicanálise**. (P. Tamem, Trad.). São Paulo, Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1982).
- Lanteri-Laura, G. (1994). **Leitura das Perversões**. (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1979).
- Peixoto, J. C. A. (1999). **Metamorfoses entre o sexual e o social: uma leitura da teoria psicanalítica sobre a perversão**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Penna, A. G. (s.d.). Conceito de Percepção. Em **Percepção e Realidade: Introdução ao Estudo da Atividade Perceptiva**. (3ª ed.). Rio de Janeiro, Livraria e Editora Mercúrio Star Ltda, (pp.11-17).
- Queiroz, E. F. A (2004). Verleugnung como mecanismo básico do aparelho psíquico. Em **A Clínica da Perversão**. São Paulo: Escuta Editora. (pp.75-125).
- Rosolato, G. (1990). Estudo das perversões a partir do Fetichismo. Em Clavreul, J. & cols. **O desejo e a Perversão**. (M. Appenzeller, Trad.). Campinas, SP; Papyrus. (pp. 9-66).
- Simanke, R. T. (1996). A Segunda Tópica e a Definição Psicanalítica da Psicose. Em **A Formação da Teoria Freudiana Das Psicoses**. Rio de Janeiro: 34 Letras. (pp.165-214).
- Strachey, J. (1996). Comentários introdutórios a Projeto para uma Psicologia Científica. Em S. Freud. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud**. v. I, Trad. Sob. Direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago. (Trabalho original publicado em 1950).
- Souza, P.C.de (1999). **As palavras de Freud**. São Paulo, SP; Editora Ática.
- Tordjman, G. (1972). **Chaves da Sexologia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Valas, P. (1990). **Freud e a Perversão**. Dulce Duque Estrada (Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.